

Paolo Miranda Báez

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Projeto “MACHUCA: Somos Todos UM”
Rede Intercultural de Educomunicação em Ecologia e
Cultura da Paz

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social.

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Wellington Zangari

São Paulo 2010

Paolo Alejandro Miranda Báez
“Projeto ‘MACHUCA: Somos Todos UM’ Rede Intercultural de Educomunicação”

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Báez, Paolo Alejandro Miranda.

Projeto “Machuca: somos todos um” Rede Intercultural de Educomunicação em Ecologia e Cultura da Paz / Paolo Alejandro Miranda Báez; orientador Wellington Zangari. -- São Paulo, 2010.

175 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Interação social 2. Educomunicação 3. Ecologia 4. Psicologia Social 5. Paz I. Título.

HM252

Paolo Alejandro Miranda Báez
“Projeto ‘MACHUCA: Somos Todos Um’ Rede Intercultural de Educomunicação”

Folha de Aprovação

Paolo Alejandro Miranda Báez
Projeto “MACHUCA: Somos Todos Um”
Rede Intercultural de Educomunicação em
Ecologia e Cultura da Paz

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São
Paulo para a obtenção do título de
Mestre em Psicologia Social.

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador: Professor Dr. Wellington
Zangari

Aprovado em _____

Banca examinadora

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição _____ Assinatura: _____

Dedicatória

Dedico cariñosamente este trabajo a mi amado padre, mágico soñador y jardinero de utopías eternas. Auténtico “*nowhere man*”... “*free as a bird*”

A mi amada madre, Ruth Irene, por su apoyo, sonrisa luminosa y alegría de juventud eterna.

A mi querida hermana, y a toda mi amada familia paterna y materna.

También dedico especialmente este trabajo a mi amada, mi compañera, querida Carola, mi delicada Elfa guerrera que en su sabio silencio paciente, hemos aprendido a cuidar la rarísima y auténtica flor del amor.

A mis amados amigos en Brasil, Chile y el mundo.

A mis amados maestros espirituales.

Jai Guru

Om

Gracias

Paolo Alejandro Miranda Báez
“Projeto ‘MACHUCA: Somos Todos UM’ Rede Intercultural de Educomunicação”

Agradecimentos:

Elenita Guerra y familia

Maria Cristina Tamiello

Equipe de educadores CEU Parque São Carlos

Ana Lúcia da Silva

Daniela Nogueira y Paulino

Soraia Sanzine

Carlos Mendes

Fernanda (LabArte)

Amados amigos da Aldeia Guarani do Jaraguá

Amadas crianças... meus pequenos grandes mestres

Dijo Jesús:

“Si aquellos que os guían os dijeron: *Ved, el Reino está en el cielo*, entonces las aves del cielo os tomarán la delantera. Y si os dicen: *Está en la mar*, entonces los peces os tomarán la delantera. Mas el Reino está dentro de vosotros y fuera de vosotros. Cuando lleguéis a conoceros a vosotros mismos, entonces seréis conocidos y caeréis en la cuenta de que sois hijos del Padre Viviente. Pero si no os conocéis a vosotros mismos, estáis sumidos en la pobreza y sois la pobreza misma.”

(Evangelio de Tomás, verso 3, del texto copto de Nag Hammadi, Apócrifos)

Resumo

O presente trabalho representa um esforço de sistematização do grande número de reflexões que surgem das experiências de educomunicação¹ desenvolvidas por três escolas da cidade de São Paulo com realidades socioculturais significativamente diferentes: uma escola pública da periferia de São Paulo, um colégio católico particular e uma escola indígena Guarani. Estas comunidades interagiram por meio de diversas mídias na criação de diálogos e debates, e realizaram encontros com enfoque na discussão da Ecologia e Cultura da Paz. A pesquisa, portanto, pretendeu descrever os processos de integração sociocultural que estas três comunidades educacionais viveram. A noção de “*pobreza espiritual/existencial*” foi parte importante das reflexões da pesquisa uma vez que reúne uma ampla gama de idéias e representações presentes nas comunidades participantes relativas à crise cultural e de valores que afeta seu convívio. No mês de maio de 2009 foram realizadas entrevistas com crianças, jovens e adultos de cada uma das três escolas antes de realizar os encontros. No mês de dezembro de 2009 as mesmas pessoas foram entrevistadas visando verificar possíveis mudanças ao comparar suas expectativas, atitudes, imaginários e a respeito do que afirmaram sobre os fundamentos do processo de integração que as experiências interculturais permitiriam a crianças, adolescentes, pais e educadores das três escolas participantes.

¹ Conceito desenvolvido na ECA USP e relativo a um novo campo de ação profissional e pesquisa que busca estudar os ecossistemas comunicativos que surgem da relação com os meios de comunicação e as novas tecnologias afetando de diferentes maneiras o processo educativo tradicional.

Abstract

This work represents an effort to organize the large number of ideas that emerge from the experiences of edu-communication developed by three schools in the city of São Paulo with significantly different sociocultural realities: a public school of São Paulo, a private Catholic College and a Guarani indigenous school. These communities have interacted through various media in creating dialogues and debates, and met with a focus on discussion of ecology and culture of peace. The search, therefore, wished to describe socio-cultural integration processes that these three educational communities lived. The notion of "spiritual/existential" poverty was important part of search reflections since gathers a wide range of ideas and participating communities attend representations concerning cultural crisis that affects our life values. In May 2009 were conducted interviews with children, teenagers and adults in each of the three schools before the meetings. In December 2009 the same people were interviewed to check potential changes to compare their imaginary expectations, attitudes, and what they said about the basics of the integration process that intercultural experiences allow children, teenagers, parents and educators of the three participating schools.

Sumário

1. Apresentação.....	9
2. Histórico Pessoal e Antecedentes da pesquisa:	
2.1 <i>Psicologia Clínico-Social e Direitos Humanos.....</i>	<i>14</i>
2.2 <i>A oficina de rádio no Hospital Psiquiátrico de Santiago do Chile.....</i>	<i>17</i>
2.3 <i>As oficinas de rádio em projeto com meninos em situação de rua.....</i>	<i>20</i>
2.4 <i>A oficina de rádio com adolescentes reclusos infratores de lei.....</i>	<i>23</i>
2.5 <i>A rádio utilizada na escola pública da favela “La Legua”</i>	<i>27</i>
2.6 <i>Chegada ao Brasil: O projeto de rádio com a ABLUSA.....</i>	<i>34</i>

PARTE I: O “Projeto MACHUCA: Somos Todos UM”

Mas, por que “Projeto MACHUCA”?.....	42
Mas, por que “Somos Todos UM”?.....	47
Capítulo 1: Educomunicação, Ecologia e Cultura da Paz	
A Educomunicação como campo multidisciplinar.....	53
Capítulo 2: Além do ambientalismo superficial:	
o retorno da Ecologia profunda.....	57
Capítulo 3:A educação e o desafio de uma Cultura da Paz	
no meio de uma Cultura da Guerra.....	61
Capítulo 4: Crise da modernidade, Pobreza e	
“pobreza espiritual/existencial”.....	64
4.1 A pobreza na crise dos paradigmas da modernidade:	
desafios para as ciências sociais Latino americanas.....	64
4.2 Noção instrumental da Pobreza e a “Pobreza espiritual/existencial”.....	66
4.3 Paradigmas em discussão: Biologia do Amor, Transformação cultural	
e Ecologia da mente.....	67

Capítulo 5: Objetivos e Métodos	71
5.1 O questionário das entrevistas individuais.....	71
5.2 O questionário de consumo sócio-cultural.....	72
5.3 Os Sujeitos.....	75
5.4 Cronograma de atividades e encontros.....	75

PARTE II: DESCRIÇÃO DA PESQUISA

Capítulo 6: As três comunidades participantes	79
6.1 A escola pública. CEU Parque São Carlos.....	80
6.2 A escola indígena. Aldeia Guarani do Jaraguá.....	84
6.3 A escola particular. Colégio Passionista São Paulo da Cruz.....	89
Capítulo 7: Análise dos resultados	92

PARTE III: DISCUSSÕES FINAIS

-Sobre o imperativo da <i>sedução</i> em educomunicação:	109
- Sobre a Pobreza Espiritual/Existencial	111
- Rede, Cultura e a Alteridade que se Comunica: O Ser entre o <i>alter</i> e o <i>alienus</i>	112
- Epílogo	118
- Referências	121
Anexo I: As Entrevistas	125
Entrevistas Pré-Machuca (antes dos encontros):	
CEU Parque São Carlos.....	125
Colégio Passionista São Paulo da Cruz.....	131
Aldeia Guarani do Jaraguá.....	135

Entrevistas Pós-Machuca (depois dos encontros):

CEU Parque são Carlos.....	145
Colégio Passionista São Paulo da Cruz.....	156
Aldeia Guarani do Jaraguá.....	168

1. Apresentação

O título desta dissertação teve como inspiração o título do filme chileno “Machuca” de Andrés Wood, longa que narra as experiências de amizade entre duas crianças, uma de um bairro nobre da cidade e outra de uma favela. Por um lado, levando em conta a força do poder das crianças para renovar os olhares sobre nossas realidades sociais, e por outro lado, a importância do diálogo e a diversidade cultural, iniciamos o projeto no mês de fevereiro de 2009 com a formação de núcleos ou equipes de educomunicação em três escolas da cidade de São Paulo com realidades socioculturais contrastantes: uma escola pública da periferia, um colégio católico particular e uma escola indígena Guarani.

As equipes dos núcleos foram compostas principalmente por crianças e adolescentes, mas também contaram com participação de pais e educadores. Esses grupos criam programas de rádio, TV, jornal e internet desenvolvendo diálogos relacionados com Ecologia e Cultura da Paz, discutindo o desafio de criar melhores condições para o convívio na escola, na cidade e no meio ambiente.

A partir do mês de maio de 2009 iniciou-se uma série de encontros entre as comunidades das três escolas gerando grande interação e debates entre os participantes.

Partindo de uma série de experiências de rádio comunitária realizadas anteriormente em Santiago do Chile, a pesquisa foca nos efeitos que surgem das interações entre as comunidades educativas participantes. Em tal sentido, criou-se uma *rede de educomunicação intercultural* que visou compreender os imaginários que existem de uns sobre os outros e o poder transformador que existe no encontro das diferenças socioculturais.

Assim, e de maneira prévia aos encontros entre as três escolas, foram realizadas no mês de Maio de 2009 uma série de entrevistas a crianças, adolescentes e adultos de cada uma das três comunidades participantes buscando registrar suas idéias e imaginário sobre como pensavam que é a vida nas outras comunidades. No questionário aplicado solicitei que cada um dos entrevistados desse uma definição do que entendia por “pobreza”, “riqueza”, entre outros aspectos. Após uma série de encontros realizados durante o ano de 2009, no mês de Dezembro realizei as mesmas entrevistas com o mesmo grupo de pessoas com o objetivo de comparar e analisar o resultado das experiências e conferir que tipo de mudanças eles mesmos detectaram nas suas expectativas, atitudes e discursos sobre o outro.

A pesquisa coloca em discussão a percepção de outra noção de pobreza que parece afetar gravemente nossas sociedades, mas que ainda parece não ter recebido a merecida atenção. Trata-se da “*pobreza espiritual/existencial*”, conceito que é referido por vários participantes e que não se reduz a uma questão religiosa, mas sim a um sentido mais amplo da profunda crise ontológica e cultural que abala o sentido da vida moderna, particularmente visível nas cidades grandes, segundo os entrevistados.

Esta crise, segundo vários participantes, parece estar presente tanto no nível da psique, das subjetividades humanas (referido como “pobreza mental”, “de espírito”, “de pensamento”), e ser correlativa às trágicas expressões de sofrimento observadas no plano social globalizado e também na crise meio ambiental planetária.

As vivências interculturais alcançaram seu auge ao vivenciar o contraste que existe entre a visão tradicional da escola e do sistema educacional (de profunda raiz no projeto civilizatório da modernidade europeia), com a visão que representa o povo Guarani M’byá sobre o que entendem por educação, por vida familiar, por crianças e a importância da relação com a natureza. Todos esses momentos de encontro intercultural geraram uma rica e necessária discussão que beneficiou os nossos entendimentos sobre as causas e possíveis saídas para esta *crise civilizatória*.

A ação do projeto, portanto, além de representar a pesquisa do encontro de três comunidades educativas, permitiu desbordar seus objetivos iniciais e inspirar um processo reflexivo e dialogante entre crianças, familiares, educadores e inclusive autoridades políticas, em torno do profundo debate eco-político-pedagógico que nos alerta sobre os desafios e as escolhas que faremos, quaisquer que seja nosso papel dentro da sociedade, para encarar o delicado e frágil momento contemporâneo da nossa cultura global.

2. Histórico pessoal e Antecedentes da pesquisa:

2.1 - Psicologia Clínico-Social e Direitos Humanos:

Formei-me no ano de 2000 na Universidade de Santiago de Chile como psicólogo com ênfase em psicologia clínica, em grande medida pelo meu interesse pela psicanálise e pela obra de Sigmund Freud. Admiro o valor da psicanálise na sua unidade entre teoria e prática e ao constatar que além das inúmeras críticas, dissidências ou recriações teóricas que já surgiram desde a provocação freudiana original, sempre podemos nos surpreender com a força, a profundidade, a complexidade e a atualidade da reflexão que esta teoria faz sobre o ser humano, mantendo-se viva tanto no plano acadêmico como clínico, perpassando o tempo e as modas tão profusas no campo ainda aberto da psicologia.

Em minha formação, além de conhecer profundamente a teoria psicanalítica freudiana, e pelo fato de trabalhar em consulta clínica, considerei como um importante ato de coerência ética a exigência de viver a minha própria análise pessoal. Compreendi que a psicanálise e sua metapsicologia só poderiam ver-se legitimamente livres das críticas que a reduzem como meras especulações filosóficas carentes de status científico, *sempre e quando* este corpo de experiências e conhecimentos se mantivesse devidamente ancorado tanto na atividade clínica como na análise pessoal do próprio analista. Assim, esta exigência ética me garantia que a qualidade e a responsabilidade envolvida no fino trabalho de escuta da cura, só é viável sempre e quando o analista realize também na sua própria análise pessoal. Considero que o entrosamento íntimo entre teoria, prática e *vivência* do analista é o que faz o fundamento e leva à legitimidade que sustenta a psicanálise como corpo de saber e reflexão sobre o ser humano.

Porém, um interessante obstáculo que surgiu no início do meu caminho profissional ilustra uma importante aprendizagem sobre a relação entre psicanálise e psicologia social.

Além da prática clínica que marcou meus primeiros trabalhos e experiências profissionais, sempre cultuei grande interesse por questões políticas, históricas, sociais e antropológicas, áreas do saber que de fato conformam os contextos mais amplos da clínica psicanalítica. Nem todos, no entanto, partilham desse princípio.

Logo após a obtenção do meu diploma e em parte devido aos méritos de alguns trabalhos sobre direitos humanos, uma professora da faculdade me ofereceu o cargo de monitor na disciplina de psicologia social que ministrava. Para nossa surpresa, entretanto, fomos informados que meu nome havia sido rejeitado pela diretoria da escola devido à ênfase “psicólogo clínico” em meu Diploma. O argumento apresentado pelo diretor da escola de psicologia naquela época foi simplesmente que minha especialidade era na clínica psicológica, área, segundo ele, voltada ao trabalho “individual” e que por isso não me permitia competência para compreender realmente a especificidade dos fenômenos e teorias da psicologia social.

Este argumento pareceu-me particularmente injusto já que todo meu trabalho de conclusão do curso consistiu uma pesquisa psicanalítica sobre a repetição das violações aos direitos humanos ao longo da história do Chile. De fato, o TCC, aprovado com nota máxima pela banca de professores examinadores, expõe já no título essa conjunção íntima entre a clínica psicanalítica com a dimensão político-social na análise da história do Chile: *“Estructuras Freudianas y Derechos Humanos en Chile: La Construcción Neurótico-Perversa de la realidad social”*

A psicanálise é frequentemente mal entendida pelo fato de ter sua base na clínica psicopatológica, apesar de grande parte de sua riqueza consistir precisamente em poder brindar uma teoria mais abrangente do ser humano em todas suas dimensões, tanto na psique individual, na vertente da subjetividade, quanto no campo sociológico, político, antropológico e cultural.

Reconheço que além dos numerosos escritos do próprio Freud sobre estas questões que permitem à psicanálise se pronunciar sobre temas sociológicos e culturais - e dentro do amplo e contraditório corpo de saberes pós-freudianos - minha escolha teórica baseou-se na grande admiração que tenho pelo ousado trabalho do analista francês Jacques Lacan.

Após a morte de Freud, foram muitos os grupos que se formaram tentando reorganizar institucional e doutrinariamente a psicanálise. Contrariando o movimento da grande maioria, Lacan teve a ousadia de denunciar que a I.P.A. (International Psychoanalytical Association) havia “traído” os fundamentos da doutrina freudiana,

particularmente em relação à escola da “*Ego Psychology*” (Psicologia do Eu) que surgiu como a escola dominante nos Estados Unidos após a morte de Freud.

Lacan questionou fortemente conceitos como *adaptação do eu* e a teoria do *eu autônomo*, acusando que estas orientações, além de desviarem o sentido freudiano original, respondiam às exigências ideológicas do modelo cultural individualista e “anti-historicista” da sociedade capitalista estadunidense (Lacan, 1953), precisamente o lugar onde tinha se radicado a nova sede da I.P.A.

Estas críticas não redundaram apenas como simples alegações teóricas, mas também levaram a importantes efeitos de ordem prática e ética no entendimento dos fenômenos psicológicos e sociais. Um nítido exemplo é o que ocorre no sentido do que Lacan aporta sobre a noção de *estrutura clínica* e que considero particularmente relevante e esclarecedor para explicitar minha definição como psicólogo clínico-social. Já na década de 1930 e nos seus primeiros trabalhos, Lacan utiliza o termo *estrutura* referindo-se ao conjunto específico de relações afetivas entre os membros da família da criança, cenário onde se desenvolve o *complexo de Édipo* e outros eventos de fundamental importância no destino da personalidade humana. Posteriormente, desenvolve sua própria concepção da *natureza relacional* da psique em oposição às teorias atomistas, colocando em relevo o aspecto *intersubjetivo* e também *intrasubjetivo* da representação interna das relações sociais (Lacan, 1936).

As sólidas contribuições advindas da lingüística estrutural de Ferdinand de Saussure permitiram Lacan a consolidação de seu lugar na psicanálise com sua célebre frase “*O inconsciente está estruturado como uma linguagem*” (Lacan, 1964). Alinhando parte da sua pesquisa no movimento estruturalista e na antropologia liderado por Claude Lévi Strauss - mas também em permanente diálogo outros autores, incluindo pós-estruturalistas como Foucault, Derrida, Deleuze - Lacan desenvolveu uma grande contribuição com sua noção relativa às “estruturas freudianas”, ou seja às três categorias clínicas da psicanálise: neurose, perversão e psicose. Estas três categorias clínicas estabelecem todas as posições possíveis do sujeito em relação ao Outro, e devem ser entendidas como estruturas (ou como um sistema de relações do sujeito com a intersubjetividade, sua história familiar, os sistemas sociais e culturais, etc.) e não como uma mera coleção de sintomas individuais.

Em última instância, a partir da leitura lacaniana, é possível questionar inclusive a pertinência de falarmos de *individualidade* uma vez que o sujeito raramente (ou nunca) é *autônomo*, mas se encontra fundamentalmente dividido e descentrado a respeito de si mesmo. Nas palavras de Freud “*o Eu (ego) não é dono na sua própria casa*”.

Sob esta primeira inspiração na reflexão crítica lacaniana, fui realizando meu trabalho como psicólogo clínico-social, assumindo que as especialidades em grande medida pertencem a razões arbitrárias e contingentes de caráter administrativo ou burocrático-institucional, mas que não conseguem dar conta da realidade social e humana.

Considero que meu interesse precoce pelas fronteiras e “interfaces” entre os saberes, o transborde das fronteiras da psicologia, antropologia, sociologia, política, ética, enfim, obedece um sentimento de urgência para a superação das limitações da pesquisa acadêmica tradicional. Da mesma forma, visa reconhecer a intrincada complexidade da realidade que desafia permanentemente as visões fragmentarias e reducionistas da ciência, as mesmas velhas forças que ainda assumem uma visão esquematizada e gessada que limitam a criatividade e a ousadia na pesquisa social e a busca de novos entendimentos sobre nossa natureza.

2.2 - A oficina de rádio no Hospital Psiquiátrico de Santiago do Chile.

Realizei meu estágio profissional no Hospital Psiquiátrico “El Peral”, um dos principais centros de saúde mental na cidade de Santiago. À época, 1999, o hospital se encontrava em meio à discussões sobre o “Plan de Desarrollo en Salud Mental y Psiquiatría del Servicio de Salud Metropolitano Sur y Sur-Oriente” promovido pelo Ministério de Saúde do Chile (Ministerio de Salud, 1999). Nesse contexto político administrativo os profissionais da saúde mental tentaram uma transformação do modelo manicomial que configurava o funcionamento tradicional do hospital para atingir um modelo de saúde mental comunitária. Esta contingência alegava que o hospital psiquiátrico “El Peral” passava por diversas problemáticas que perpassavam o âmbito estritamente psiquiátrico ou psicopatológico e que revelavam a existência de uma situação de profunda injustiça e desigualdade social, levando o hospital a se transformar mais num enorme acervo de problemas sociais do que aspectos ligados a questões relativas à saúde mental. Um dado

perturbador surgiu de pesquisas que revelavam que a prevalência de patologias como esquizofrenia e outros distúrbios mentais podiam atingir um índice até onze vezes superior que a média nas camadas mais baixas da sociedade (Hollingshead, A.B. & Redlich, F.C. 1958, em Huneus, T., 1997).

Como resulta evidente, o próprio contexto em que realizei meu estágio como psicólogo clínico no Hospital El Peral solicitava uma revisão dos pressupostos clínicos tradicionais e um assumir o desafio de uma realidade atravessada por variáveis políticas e sociológicas.

Na prática clínica dos primeiros meses constatei a precariedade das condições de trabalho de um hospital psiquiátrico público, uma instituição “bizarra” ou “louca”, no sentido de que além de quadros críticos de sofrimento mental recebia também toda sorte de indivíduos vítimas de rejeição, discriminação e abandono social. Os pacientes, como um reflexo dos profissionais e funcionários que ali trabalhavam, exibiam um ar de solidão e tristeza que dificilmente se pode esquecer, uma carência de humanidade que desafiava nossos precários conhecimentos como profissionais estagiando em saúde mental. A indiferença, a desumanização, o desencanto, confirmavam nossas leituras de Michel Foucault sobre as Instituições Totalitárias e suas pretensões reformistas. Mas ainda assim, o desafio era, dentro desse contexto precário de escasso orçamento e infra-estrutura, podermos criar alguma ação que ajudasse a melhorar efetivamente a situação dos pacientes psiquiátricos, fundamentalmente esquecidos e isolados da vida social, enquanto a arrogância da cidade de Santiago e sua paixão consumista desabrochava luxuriosamente do lado de fora².

O estágio estava relativamente organizado de modo a podermos apoiar a atividade de avaliação psicodiagnóstica dos pacientes do hospital, aqueles que chegavam ali pela primeira vez e os outros que já moravam no hospital há vários anos. Estes últimos eram chamados de “crônicos”. Uma das primeiras constatações na prática que levaram a sair do estreito marco das referências psicológicas da clínica tradicional e entrar nas águas da psicologia comunitária e social foi a enorme quantidade de pacientes que não apresentavam

² Apenas a uns 150 metros da entrada do Hospital “El Peral”, do outro lado da calçada, foi construído um enorme Shopping Center e uma série de condomínios que marcaram com ironia minhas vivências dessa época desafiante.

sintomas ou características que justificassem sua internação no hospital. Em 1999 foi afirmado que cerca de 70% dos pacientes respondiam a situações de abandono e desestruturação familiar (comumente quando ainda crianças e deixados na porta do hospital) ou vítimas de discriminação social, mas sem portar necessariamente alguma doença ou distúrbio psiquiátrico (Ministerio de Salud, 1999).

O nível de desumanização nos levou a buscar outras formas e estratégias de interação com essa realidade. Numa dessas ocasiões, em conversas espontâneas (ou “fora do setting” terapêutico) surgiu a estratégia de evitar a conversa terapeuta-paciente, comumente centrada no tratamento, sintomas e prescrições, para nos sentarmos frente a frente com os pacientes e ouvir a pessoa por trás da etiqueta clínica. Muitas surpresas surgiram no caminho e que me confirmaram que muitas vezes o rótulo de terapeuta ou clínico acabava sendo um muro (ou um escudo) que interferia mais que ajudava no contato com a história da pessoa. Numa dessas conversas, no sentido de conseguir a confiança de um grupo de pacientes, esses começaram a expressar seus gostos e sonhos mais íntimos. Vários coincidiram na sua paixão pela música e pelo ritual de sentar por longas horas para ouvir o rádio enquanto fumavam ou comiam alguma coisa. Comentaram alegremente que um funcionário do hospital havia trazido um microfone e um aparelho de rádio e falaram da curiosidade que isso causava neles. A partir dali até a idéia de “brincar de rádio” foi apenas um pulo. Surgiu a primeira experiência de “Oficina de Rádio” unindo um grupo de 15 pacientes entre crônicos e novatos, mas com o único requisito de quererem explorar a relação com o grupo em torno da conversa e da música.

As oficinas de rádio se desenvolveram rapidamente e atingiram não só a curiosidade dentro do hospital, mas principalmente a comunidade dos “normais” que viviam fora dele. As oficinas da rádio responderam a uma enorme necessidade de interação social entre os internos e a sociedade de Santiago, e assim demonstraram ser não apenas uma ferramenta de comunicação social como também de pesquisa e integração social.

Adotei a noção de “oficina de rádio” pelo fato de que essa atividade podia ser agendada dentro de outras várias atividades já desenvolvidas nas instituições, além da vantagem de simplificar a questão legal referente ao uso de rádio transmissor.

Os objetivos de realizar uma oficina de rádio enfatizam o efeito e o potencial didático que oferece aos participantes a simulação de um programa de rádio, sem antena, onde o grupo aprende a criar, gravar e editar programas de rádio, os quais depois são reproduzidos com alto-falantes e não pela clássica rádio-transmissão.

O procedimento básico das experiências de oficinas de rádio consistiu em reuniões onde os participantes “brincavam” de fazer rádio. No caso dos pacientes psiquiátricos, alguns desempenharam o papel de “jornalista”, outros de “locutor”, “poeta”, “contador de histórias”, etc. As sessões eram gravadas inteiramente e, a seguir, cuidadosamente editadas para serem “transmitidas” ao público.

O efeito psicológico e social desse resgate público da palavra dos excluídos reforçado pela cuidadosa edição de cada fala e construção de cada “programa”, junto com a interação com o público ouvinte (público do hospital psiquiátrico, da cadeia, ou da cidade, quando se atingiram meios mais amplos de transmissão³) foi o catalisador dos benefícios terapêuticos e de inclusão social encontrados na experiência de rádio⁴.

2.3 As oficinas de rádio em projeto com meninos em situação de rua.

Após a experiência do Hospital “El Peral”, e durante meu trabalho em outros projetos de traço psicossocial constatei que, desde que consideradas as particularidades de cada situação específica, mas conservando sua essência humanista e dialógica, as oficinas de rádio resultaram sempre úteis quando aplicada com grupos de pessoas em situação de exclusão social.

No ano de 2003 e 2004 realizei interessantes experiências junto a um grupo de meninos de rua atendidos por um projeto de prevenção do uso de drogas. Este grupo constituído por duras experiências de abandono e desintegração familiar, além de um intenso consumo de álcool e drogas (particularmente cheirando “cola”), morava como uma

³ Em 2004 os programas de rádio dos pacientes psiquiátricos conseguiram tal qualidade que receberam a proposta para serem transmitidos na Rádio TIERRA, em AM para toda a cidade de Santiago. Após um ano, o programa chamado “Locos por hablar”, chegou a ser 2º na audiência da Rádio Tierra.

⁴ De fato, esses são também os resultados de outras experiências de rádio como “LT22 Radio La Colifata”, no Hospital Psiquiátrico Borda de Buenos Aires, que confirmam os importantes benefícios terapêuticos de utilizar a rádio com pacientes psiquiátricos. Ver www.lacolifata.org

verdadeira tribo urbana sob as pontes do rio Mapocho, em pleno centro da cidade de Santiago.

Encontrava-me novamente no centro da contradição social, entre a modernidade e o sucesso do modelo econômico neoliberal expressado na construção de modernas rodovias que atravessavam a cidade de Santiago, obras que no seu percurso se depararam com este pequeno grupo de crianças e adolescentes que teimosamente se negavam a sair do seu obscuro beco sob a ponte. Isso levou a um impasse do cronograma da construção da rodovia, o que provocou alguns incidentes agressivos mantidos entre a construtora e o grupo de meninos, o que terminou num pequeno incêndio, fato que chamou a atenção da imprensa e da televisão. Por fim, e a partir desses incidentes que revelaram uma realidade invisível aos olhos da modernidade santiaguina, decidiu-se o financiamento do projeto psicossocial “Caleta Bulnes⁵” que tentaria reinserir este grupo de meninos e adolescentes na rede assistencial de Santiago.

O grupo organizava sua rotina diária entre a procura de alimentos, alguns roubos menores e, majoritariamente, por perambular pelo centro da cidade pedindo esmolas para finalizar o dia organizando a compra e o consumo grupal da cola dividida em saquinhos plásticos. Nossa tarefa como profissionais era tentar uma avaliação do nível de perigo à saúde e criar condições para ganhar a confiança da turma com vistas a um futuro traslado para uma casa albergue especialmente criada para este grupo dado o considerável histórico de fracassos nas intervenções anteriores.

Similarmente ao ocorrido no hospital psiquiátrico, chegou-se a um determinado ponto onde se evidenciou um entrecruzamento de variáveis que vão desde o estritamente psicológico aos elementos sócio-políticos, familiares, antropológicos e culturais, levando a situação a um nível de complexidade tal que novamente as ferramentas tradicionais de intervenção eram previstas pelo grupo de meninos de rua que acabavam por rejeitar a relação invasora e higienista que os adultos tendemos a realizar no formato especialista-pacientes. O contexto de pobreza “dura” que este grupo apresentava nos permitiu ensaiar métodos novos, particularmente os que visavam aprender a escutar a realidade deles,

⁵ “Caleta” é um termo popular usado, no Chile que designa um pequeno grupo de meninos de rua, neste caso, um grupo que tinha por lugar de refugio e moradia embaixo da ponte da rua Bulnes que atravessa o rio Mapocho no centro da cidade de Santiago.

evitando a reiterada censura que os adultos projetavam na sua rotina de vida (“deixar as drogas”, “deixar a rua”, etc. eram discursos por demais inúteis e iatrogênicos). Nesse contexto fiz a proposta de gravar programas de rádio com o grupo ação que foi imediatamente aceita no clima de curiosidade natural de toda criança. Foram apenas umas poucas experiências, mas que reafirmaram o poder sedutor e democratizante que “brincar de rádio” possuía para qualquer grupo altamente discriminado dado o efeito de resgate de sua vivência marginal que essa “brincadeira” permitia.

Assim, os meninos de rua fizeram gravações onde relatavam os conteúdos de suas alucinações e visões na hora do consumo da cola. Esta dinâmica criou grande interesse na turma em geral. As narrativas eram feitas como se fossem filmes de ficção, histórias e vivências de marginalidade. Logo depois da gravação, o grupo ficava ansioso para poder ouvir suas falas e narrações. No momento de escuta, surpreendiam-se no reconhecimento de sua voz, de suas palavras, permitindo aos educadores abrir a possibilidade de novas conversas sobre as questões ali apresentadas, refletindo o significado de suas ações tanto nos momentos de lucidez como refletindo os conteúdos das visões e vivências com o uso da cola.

Em suma, o valor dessa experiência de “brincar de rádio” com os meninos de rua resultou numa clara melhoria no vínculo entre educadores e o grupo de meninos. Esses últimos percebiam nosso genuíno interesse em dar voz às suas histórias de rua e, a partir daí, poder realmente escutar sua própria elaboração de sua situação. Isto nos levou a atingir níveis de relação bem mais humanos, profundos e cada vez menos instrumentais.

O fato, porém, de ter aberto essas conversas sobre as experiências com o uso de drogas e a vida na rua, e, aliás, ter realizado gravações que revelavam de primeira fonte aspectos sobre o “prazer” do grupo de viver na rua, resultou em uma ousadia difícil de aceitação por parte das autoridades políticas do projeto. Essas, administrativamente, deviam responder pela rápida normalização e reinserção do grupo de crianças. Havia também a pressão da imprensa nesse sentido e a contingência da política local interessada em mostrar publicamente resultados que garantissem a continuidade da construção da rodovia.

O resultado foi um endurecimento do modelo assistencial tradicional que buscava desmanchar o grupo encaminhando separadamente as crianças para diferentes lugares da

rede assistencial para crianças e adolescentes. O fato de a equipe desconhecer a dinâmica tribal-familiar do grupo e, pior ainda, utilizar estratégias coercitivas e adulto-centradas, levou à fuga do grupo da casa albergue e ao seu retorno para as pontes do rio Mapocho. Logo depois, veio o encerramento do projeto.

Mesmo assim guardo gratas lembranças dos encontros e diálogos que permitiram compreender a complexidade da situação dos meninos de rua e ao mesmo tempo a cegueira e a insensibilidade da política social diante dos dados encontrados. Nas gravações, os meninos revelavam seu histórico de reiterada violação de seus direitos fundamentais, inclusive o de serem impedidos de ter voz sobre como eles mesmos entendem sua situação da vida na rua.

2.4 A oficina de rádio com adolescentes reclusos infratores da lei.

Depois das experiências no projeto especial com meninos de rua, e desde 2006 até 2007, realizei diversas experiências de gravação de programas de rádio numa instituição para adolescentes infratores da lei e outra com mulheres da cadeia feminina de Santiago do Chile.

A oficina com os adolescentes infratores foi realizada no contexto de um programa de prevenção de uso de drogas implementado no interior do COD San Joaquín (Centro de Orientación y Diagnóstico do bairro San Joaquín em Santiago de Chile). O programa de prevenção de drogas estava sendo seriamente questionado em sua real eficácia por vários fatores. Entre outros, o fato de os adolescentes permanecerem reclusos na instituição (que funcionava muito proximamente a uma “cadeia” de adultos, mas levemente adaptada para jovens infratores menores de 18 anos) por um período máximo de dois meses, o que resultava excessivamente insuficiente para poder realizar uma intervenção com real eficácia transformadora em suas vidas. A grande maioria eram reincidentes e com famílias altamente disfuncionais ou desestruturadas.

Um primeiro questionamento que lembro ter aportado para a avaliação das ações na instituição foi o fato do precário e quase nulo trabalho com os pais e familiares dos adolescentes. Sendo que toda pesquisa de intervenção com adolescentes considera importante o efeito que produz a intervenção no núcleo de pertencimento, resultava

ingênuo esperar que este grupo de adolescentes levassem a sério as pretensões de um limitado número de palestras e sermões sobre os perigos do uso de drogas e do álcool.

Por outro lado, os familiares ou namoradas dos adolescentes (sua rede afetiva) deviam freqüentar igualmente uma palestra obrigatória de 20 minutos antes de cada visita semanal, criando um clima de rejeição e desconforto que afetava todo vínculo entre os terapeutas e educadores sociais com os familiares dos adolescentes. Era, definitivamente, o confronto entre dois mundos sociais: o mundo da institucionalidade e o mundo da marginalidade. Duas culturas que se vinculavam instrumentalmente sem real interesse numa relação de ajuda. Tinham o único objetivo de poder, por um lado cumprir os “procedimentos estabelecidos”, e por outro, o de realizar a ansiada visita ao adolescente recluso. Depois de revistados na entrada, os familiares entravam e permaneciam sentados junto a seus adolescentes, na quadra de futebol de salão no centro do local, mas sem nenhum contato ou diálogo com os educadores.

Nesse contexto ofereci-me para realizar uma experiência de “oficina de rádio” no interior da instituição sob o pretexto de promover a prevenção de drogas entre adolescentes e familiares. Porém, já com as experiências anteriores com adolescentes em situação de rua, sabia perfeitamente que um título assim para nossa oficina seria um desastre já que criaria todo tipo de rejeições no grupo considerando que este tipo de adolescente marginal já conhece desde muito cedo os sermões normativos, etiquetados por eles mesmos como sermões “cartuchos” ou “paqueos⁶”. Em vista disso, resolvemos chamá-la simplesmente de “oficina de rádio”.

A primeira sessão de gravação foi apenas para *quebrar o gelo*, e estabelecer uma primeira aproximação com o grupo formado por 12 adolescentes reincidentes com idades entre 15 e 17 anos. Uma característica peculiar do adolescente de rua e que provém em geral das lideranças da cultura do cárcere no Chile é o perfil de “choro” e sua antítese ao perfil de “perkin”. O adolescente que assume o lugar de “choro” é aquele que equivale ao “dono da boca” aqui no Brasil, uma liderança violenta, em constante competição e exibição de sua superioridade no grupo, machista e emocionalmente insensível com os mais fracos.

⁶ “Cartucho” é uma gíria que equivale ao “careta” no português. “Paqueo” é mais especificamente um termo dos dialetos marginais e oriundos da cultura do cárcere no Chile e que provém da palavra “paco”, termo que se refere a “carabineiro”, policial, portanto equivalendo a ser “autoritário” ou “violento”.

Por outro lado o adolescente que fica no lugar de “perkin” (termo supostamente derivado da elaboração popular da imagem de um mordomo ou servo inglês de sobrenome Perkins) é comumente aquele que é relativamente fraco dentro da dinâmica de violência no grupo de rua e que acaba sendo obrigado a ser o empregado ou o servo das lideranças, sendo abusado psicológica e fisicamente.

Na primeira sessão tínhamos um grupo importante de “choros” e um único adolescente apontado como “perkin”. Na primeira parte da gravação, seguindo o formato de entrevistas radiais abertas, sugeri à minha equipe, e seguindo as experiências aprendidas com os meninos de rua, que convidássemos o grupo para falar do “charme da rua”, e mais ainda, que pudessem narrar como eles se divertem numa noitada na rua. O efeito foi imediato já que todos narraram profusamente suas “aventuras” usando armas, a grande quantidade de drogas que tinham experimentado, os tipos de mulheres que existem numa noite... Narraram que primeiro cuidam da “*polola*” ou “namorada oficial” a qual é galantemente tratada, inclusive deixada na porta da casa da família quando chega meia noite, para depois disso o grupo de garanhões se reunir e, depois de um trago de álcool e do uso de drogas, ir à busca das “*pelo’choclo*”, equivalendo em português às “piranhas”, que abundam a noite, e que só são referidas pelo seu uso como objetos sexuais.

Encerraram essa primeira parte do programa exaltando o risco de ser “*bad boys*” e mandavam recados que essa não é vida pra qualquer um pois somente os “choros” (os *durões*) podem sobreviver bem sob a lei da rua.

O clima da sessão tinha ficado agitado provocando certo desconforto nos guardas da instituição presentes na sala. Estes observavam que, ao contrario das expectativas de se falar de prevenção de drogas, a atividade até ali estava mais próxima de ser uma apologia à vida marginal e da violência adolescente nos descarados depoimentos realizados. Mas guardávamos uma jogada-mestra para a segunda parte do trabalho.

Na segunda parte da sessão convidamos o grupo para ouvir e refletir sobre a letra da música “*Amor de madre*”⁷ popularizada por um grupo centro-americano que tinha se tornado um verdadeiro fenômeno de popularidade dentro da cultura marginal e cultura do cárcere no

⁷ Música “*Amor de madre*”, do álbum “*We broke the rules*” (2002) do grupo musical *Aventura* de origem dominicano e radicados em New York.

Chile naqueles dias. Alguns detalhes da letra são importantes para compreender o efeito posterior nos adolescentes. A música conta um melodrama novelesco sobre uma mãe solteira muito pobre que afundada no desespero decide se prostituir para criar seu pequeno filho. Este menino cresce como um adolescente mimado pela boa vida material que a mãe lhe oferecia, mas termina se envolvendo com bandas de criminosos. A mãe tenta reiteradas vezes dar conselhos ao seu filho, mas finalmente este acaba preso envolvido num assassinato. Este fato finalmente causa a tristeza e morte da mãe do jovem que, na cadeia, chora arrependido.

Após a audição da música e a ênfase minuciosa dada à sua letra, perguntamos o que estavam sentindo naquele e o que lhes ocorria emocionalmente ao ouvir essa popular melodia. O interessante foi que o grande número de “choros” acabou desabafando e chorando no microfone, falando da saudade, da solidão, das carências da família nas suas infâncias e da necessidade de pedir perdão a todos seus parentes pelos sofrimentos causados.

É claro que essas reações emocionais não podem ser lidas ingenuamente como uma conversão dos adolescentes, mas foram suficientemente poderosas para nos revelar o valor da oficina de rádio como espaço para elaboração da vida deste grupo de adolescentes, que exibiam sua personalidade acentuadamente dividida entre a máscara do “durão” insensível e violento, e escondendo a face da criança carente e necessitada de afeto.

Finalmente, o programa encerrou com uma série de mensagens e músicas dedicadas por eles aos familiares. Os programas realizados em 2006 foram transmitidos utilizando alto falantes no dia e horário da visita. Observamos que amiúde eram os próprios adolescentes os que pediam a atenção dos seus familiares para ouvirem o resultado de seu trabalho como locutores. Vários parentes dos adolescentes se aproximaram dos educadores para pedir cópias dos programas e parabenizar o trabalho realizado com eles.

Esta ação foi positivamente avaliada no COD San Joaquín, considerando que atingimos a curiosidade e interação com os familiares dos adolescentes reclusos, gerando diversas conversas e até sessões de fotos com os parentes dado o estímulo que estas reflexões provocaram nos adolescentes e também nos familiares a reflexão da importância de nutrir as relações afetivas acima das vantagens materiais simples.

2.5 A rádio utilizada na escola pública da favela “La Legua”.

Particular destaque merece a utilização das oficinas de rádio no ano de 2007 na escola pública da favela “La Legua”, um dos lugares historicamente mais violentos e desafiadores de Santiago. Sendo uma favela antiga, com mais de cinquenta anos de existência, originada em ocupações clandestinas, “La Legua” passou por diversos períodos sócio-políticos, tendo particular destaque no apoio que seus habitantes deram ao governo popular do presidente socialista Salvador Allende (1970-1973). Em contrapartida, seus habitantes posteriormente sofreram com igual intensidade a intensa repressão política da ditadura militar de Augusto Pinochet (1973-1989).

Na década de 1980, a comunidade de La Legua havia se tornado uma das comunidades mais organizadas na resistência popular, tendo atuação importante nas lutas e protestos pelo retorno da democracia. Em 1989, com o fim da ditadura e a chegada dos governos democráticos no Chile, as diferentes organizações comunitárias e políticas da favela La Legua levaram à esperança de uma real melhoria na sua condição social, fato que seus habitantes não viram concretizado.

Por ocasião de meu trabalho como psicólogo dentro de uma equipe de prevenção de drogas no ano de 2007 (trabalho que será logo descrito com mais detalhes), entrevistei vários moradores, dirigentes e trabalhadores, que coincidiam em localizar no período de começos dos de 1990 - junto com a expectativa do retorno da democracia - a conseqüente frustração social dos habitantes de La Legua, que novamente viam suas necessidades sociais postergadas pelos novos governos democráticos. Os entrevistados afirmavam que em grande parte essa frustração começou o crescimento dos grupos organizados de narcotráfico que buscaram assim uma saída diante da exclusão social e da falta de oportunidades. Nesse processo, segundo os entrevistados, resultou importante a suposta conversão de grande parte dos antigos grupos armados revolucionários que lutaram pelo retorno da democracia no Chile em grupos armados dos narcotraficantes.

Assim, e em poucos anos na década de 1990, La Legua tornou-se um dos lugares de maior tráfico de drogas e violência social na cidade de Santiago, acarretando um grande estigma e grande discriminação que até hoje pesa sobre seus moradores.

Diante da gravidade da situação de crescimento e do poder dos grupos de narcotráfico, o governo do presidente Ricardo Lagos elabora e executa no ano de 2003 o “Plan Legua”, estratégia multidisciplinar e interministerial que pretendia retomar o controle da situação no interior da favela e deter os graves incidentes de violência e tráfico de drogas que ocorriam diariamente.

Lamentavelmente, grande parte dos recursos destinados ao Plan Legua seguiram diretrizes ligadas ao espírito de tolerância zero, utilização de “mão dura”, portanto centrou-se prioritariamente na vigilância permanente do território, criando um forte cerco policial ao redor da favela, com orientações repressivas e voltado à captura das lideranças dos grupos de narcotraficantes e o suposto desmanche dos grupos criminosos.

No mês de abril do ano de 2006 o próprio prefeito do bairro de San Joaquín (onde está localizada a favela) denuncia pela imprensa o fracasso do “Plan Legua”, levando, paradoxalmente, ao aumento da violência nas ruas da favela e à multiplicação dos grupos de traficantes⁸.

No mês de julho do mesmo ano, o programa “Informe Especial” da Televisão Nacional de Chile transmitiu uma reportagem especial sobre a problemática vivida na favela La Legua intitulada “Operación Anastasia”. A equipe de jornalistas filmou, valendo-se de uma câmera oculta nas roupas de uma moradora da favela que consegue se infiltrar nas casas dos traficantes, como esses conseguiam administrar a favela por meio do controle do efetivo de policiais enviados exatamente para controlarem os traficantes pelo Plan Legua. O programa sublinhava a grande impotência do governo e das equipes de polícia diante da dimensão do problema enfrentado sem conseguir soluções eficazes. Ao contrário, demonstrou-se a rápida capacidade de resposta e reorganização que os clãs de familiares dos traficantes possuíam para manter uma sucessão das hierarquias e funções do lucrativo negócio do tráfico de drogas.

Em resumo, no ano de 2006 a favela revelou-se um cenário de grande complexidade política e técnica para as pretensões do governo chileno e assim o Plan Legua foi retirado para avaliação e redefinição.

⁸ Jornal “La Segunda”, quinta feira 6 de Abril de 2006, pág. 55, Santiago de Chile.

Nesse contexto particular, e novamente no meio de uma situação psicossocial de alta complexidade político-social, tive a possibilidade e o privilégio de participar das reuniões de projeto de propostas de prevenção de drogas do CONACE (Consejo Nacional de Control de Estupefacientes) a serem realizados em La Legua.

Considerando as experiências anteriores com meninos de rua e com os adolescentes infratores de lei, defendi enfaticamente, a modo de advertência, que o trabalho estava destinado ao mais absurdo fracasso se os profissionais se utilizassem das mesmas metodologias e ações do tradicional “combate ao consumo de drogas” tão característico do modelo adotado no Chile⁹. O risco de prejudicar mais ainda os frágeis vínculos de confiança dos habitantes da favela diante da desprestigiada ação do governo no Plan Legua não permitia uma relação entre especialistas e a comunidade para *pregar* a prevenção do consumo de drogas no seio de um dos lugares mais perigosos da cidade.

Assim foi que novamente sugeri à equipe primeiramente *ouvir* as vozes dos moradores sobre a crise do Plan Legua. Para tal propósito planejamos uma série de *focus group* com moradores de La Legua para poder ter um levantamento e diagnóstico da situação ali vivida. Sem entrar em um excesso de detalhes gostaria de sublinhar o importante e o diverso leque de opiniões tanto de moradores da favela como de outros agentes vinculados à sua intervenção:

- Associação de moradores “*Red La Legua*”.
- Grupo de jovens participantes dos projetos da ONG “La Caleta”.
- Um grupo de policiais que tinham participado do efetivo.
- Padres e religiosos da igreja local.

E o último grupo a ser incluído neste diagnóstico foi também, no meu parecer, um dos depoimentos mais interessantes.

⁹ O governo chileno em razão de diversos acordos de cooperação assinados com a administração dos Estados Unidos, adotou as diretrizes de *abstinência total* características da sua política tradicional anti-drogas. A política de *abstinência total* é particularmente um grande foco de debate e polêmicas devido a sua inadequação no trabalho com população em risco ou exclusão social.

- Um grupo de mulheres presas por narcotráfico no interior da cadeia feminina de Santiago¹⁰.

A equipe de profissionais que participou deste modesto diagnóstico sistematizou os depoimentos, classificando a informação entre aspectos divergentes e convergentes nos relatos dos participantes. Nesse sentido, o que mais chamou nossa atenção foram as numerosas convergências tanto em relação às raízes do problema na favela como das possíveis soluções.

Sobre as raízes do problema Legua, os grupos concordaram que havia um profundo estigma e discriminação social que os moradores enfrentam diante da sociedade pelo exacerbado terror infundido pela mídia televisiva sobre os habitantes de La Legua. Os jovens foram os que mais protestaram das conseqüências do *getto* de exclusão em que vivem, sem perspectivas de emprego ou educação pelo simples fato de serem rejeitados ao revelar que moram em La Legua. Os moradores alegavam que a imagem social transmitida era que nenhum habitante podia ter uma ocupação honesta. Pior era a condenação social das mulheres presas que alegavam não ter nenhuma chance real de reinserção social.

Em relação à solução, os grupos concordaram que trata-se de uma grande e velha dívida social para com os moradores da favela, sendo então que as oportunidades de trabalho e o reforço da educação pública seriam as melhores esperanças de uma mudança real do cenário da violência.

Foi com base nessas duas conclusões que, em 2007, assumi integralmente a missão de implementar o projeto de prevenção em La Legua. Considerando a necessidade de novas metodologias que ressuscitassem as frágeis confianças entre moradores e profissionais do governo, sugeri focar as ações na escola pública de La Legua, sendo esta uma das últimas instituições realmente respeitadas unanimemente por todos os grupos, até pelos familiares dos traficantes, interessados em manter seus filhos na escola. E como segunda proposta, a realização das “Oficinas de Rádio” na escola.

A experiência de Rádio rapidamente chamou a atenção das crianças, adolescentes e, particularmente, os pais mais envolvidos com a escola, pois viram nela uma novidade

¹⁰ Estes dados formam parte de um documento ainda sem publicar intitulado “Prevención Selectiva en la población La Legua 2007”, que em 2007 foi vetado porque suas conclusões não agradaram a alguns membros do comitê político da prefeitura de San Joaquín, férreos reformadores do antigo Plan Legua.

atraente e a possibilidade de colocar vários temas em discussão e que comumente eram abafados ou silenciados. A oficina de rádio em poucos meses transformou-se num fenômeno participativo que envolveu diversos integrantes da comunidade escolar, professores e famílias da favela. Tal foi o sucesso da abordagem da rádio na escola que o governo chileno deu continuidade à experiência em 2008 em territórios com problemas de exclusão social¹¹.

Nos diversos programas de rádio os participantes conversavam e debatiam com tal entusiasmo como se o programa realmente fosse ser ouvido pela cidade toda, abrindo as questões relativas à discriminação social que os moradores viviam diante da imagem que a mídia construía. Também surgiram polêmicas interessantes em relação à corrupção de muitas das autoridades, policiais, profissionais, ONGs e outros grupos, denunciados como verdadeiros *parasitas* que viviam de projetos e mais projetos, mas que, no final, nunca apresentavam verdadeiros resultados nem soluções relevantes. O pior é que no caso dos escassos projetos que realmente tinham um relativo sucesso, esses nunca contavam com a presença da mídia para serem visibilizados. Em contrapartida, todos sabiam o que ocorria com as histórias de violência e tráfico quando a televisão realmente aparecia na favela.

Finalmente, foi num desses debates que surgiu a discussão grupal e reflexão dos participantes sobre a definição de *pobreza*, se esta é apenas uma questão de recursos materiais e acesso a poder econômico ou se inclui aspectos intangíveis e inclusive *espirituais*, como os valores familiares, o senso de dignidade, felicidade, sentido da vida, etc.

As discussões que geraram diálogos sobre a importância da questão espiritual em ocasiões acabavam reduzidas a uma terminologia religiosa (“falta de oração”, “voltar para a igreja”, “não aceitam a palavra do Senhor no seu coração”... ouvia-se em algumas das falas) resultando ser mais característico nos grupos mais excluídos socialmente, por exemplo, dentre mulheres da cadeia feminina.

Por outro lado, estas referências religiosas com frequência criavam certa tensão e até rejeição em vários dos profissionais e terapeutas da equipe de intervenção, que

¹¹ Particularmente referido ao CONACE (Consejo Nacional de Control de Estupefacientes), órgão dedicado ao controle e prevenção de drogas, que valorizou o trabalho por considerá-lo uma prática inovadora com população em exclusão social.

alegavam se sentir longe dessa terminologia “evangélica” e cristã. À medida em que o processo de gravação de programas foi acontecendo, e à medida que as pessoas se sensibilizavam com o sofrimento de tantas famílias condenadas geração após geração a viverem no meio da miséria, da violência e a morte social, todos começaram a concordar na dificuldade de negligenciar ou invisibilizar esse aspecto mais amplo chamado simplesmente de “espiritualidade” e relativo a uma visão mais transcendente da vida e dos seres humanos, esta dimensão que inclui a felicidade, o amor, o respeito e o bem estar.

Nesse intenso período de vivências junto aos moradores da favela La Legua, tive uma recordação que modificou profundamente o sentido do meu trabalho de tantos anos com tantos grupos em exclusão social. Veio-me à tona a lembrança distante de um programa de rádio da época do Hospital Psiquiátrico “El Peral”, quando o grupo de pacientes decidiu gravar um debate aberto com a pergunta “o que é a pobreza?”. Procurei intensamente nos numerosos arquivos de áudio do meu acervo até achar esse particular programa gravado pelos “loucos” da rádio. E qual foi minha surpresa quando reconheci o debate, as vozes dos pacientes e a “louca” discussão que eles fizeram sobre “o que é a pobreza?”. A fala de uma paciente marcou definitivamente o rumo dos meus futuros interesses como psicólogo e pesquisador:

“Eu gosto da pobreza do campo chileno, do sul do Chile, essa pobreza de lenha... de pão quente no forno de barro... da chuva e do frio... mas é essa a pobreza que eu gosto....porque na verdade, pobreza realmente existe é aqui na cidade grande, é aqui que tem gente com condutas de delinqüente, de arrogante, gente que com ou sem dinheiro, eles vão ser sempre pobres... porque a verdadeira pobreza não é pobreza de dinheiro e sim é a pobreza de espírito”

(Tradução da fala da paciente psiquiátrica Edith gravada em 2001 no “Programa sobre a pobreza” da Rádio “Estación del Paraíso” no Hospital “El Peral”, Santiago de Chile)

Ao terminar de ouvir as palavras da Edith, fiquei profundamente comovido. Acho que pelo paradoxo e pela extraordinária *lucidez e coragem* que essa mulher esquizofrênica teve diante do microfone para retratar a nossa pobreza, a verdadeira insanidade dos “normais” que abunda nas grandes cidades e que muitas vezes parece simplesmente incorporada, assumida e invisível na paisagem urbana das megalópolis.

A lembrança da definição de Edith sobre “*pobreza de espírito*” conectou-se como uma coluna vertebral a uma série de vivências com os outros grupos com que trabalhei - meninos de rua, adolescentes infratores, mulheres na cadeia feminina - até chegar às palavras das mulheres da favela La Legua. Em diversas ocasiões surgira a questão dessa tal “pobreza de espírito”, uma miséria interior dos seres humanos, num plano intangível, e que descrevia nossa insensibilidade, o desequilíbrio ontológico das nossas sociedades. Mas como profissional da psicologia estava frequentemente surdo ao sentido profundo dessas palavras, já que a linguagem conceitual da minha “*casta*” de profissionais (especialmente no caso da “*casta*” dos psicanalistas) era inadmissível dar importância a um termo assim tão “figurativo”. Mas e se não fosse em sentido “figurativo” e fôssemos nós os profissionais, os cientistas, os realmente *surdos* e *cegos* diante da lucidez dessas palavras dos excluídos? E se o foco da abordagem fosse realmente no plano *espiritual*? Que real seriedade lhe outorgaria a comunidade científica a essas questões? Será que no desconforto de tocar na *espiritualidade* rotulamos essas conversas de *metafísicas*, *esoterismo* ou, mais elegantemente, às marginalizamos para ficarem mofando esquecidas nas prateleiras da teologia e da filosofia?

Foram tais os questionamentos que este tópico gerou no sentido do meu trabalho, que decidi aprofundar meu entendimento sobre a real importância dessas questões no trabalho com população em exclusão social.

Devido a características que considero idiossincráticas, e relativas à cultura chilena, percebi um particular receio entre os círculos de profissionais da área de intervenção psicossocial para aceitar questionamentos sobre espiritualidade, amorosidade, caridade, etc. Tudo isso me levou rapidamente a compreender que no Chile não acharia condições adequadas para realizar uma pesquisa sobre essas matérias sem pagar os custos da rotulação de “esotérico” ou marginalizado da linguagem técnico-político-profissional imperante.

Por isso a meados de 2007, e em meio das experiências anteriormente narradas, decidi viajar ao Brasil buscando parceiros na empreitada de pesquisar seriamente as questões relativas à importância que a espiritualidade e amorosidade podiam ter no trabalho com grupos em exclusão social. Foi aí que conheci o grupo beneficente da ABLUSA.

2.6 Chegada ao Brasil: O projeto de rádio com a ABLUSA.

No ano de 2007, tentando indagar a importância da questão religiosa, ou de maneira mais ampla ainda, pela questão espiritual e sua importância no processo de recuperação e reinserção social, comecei também a aprimorar minha própria busca pessoal de respostas nesse nível existencial. Antigas feridas de infância diante do férreo dogmatismo católico e evangélico (instituições dominantes no meu país, o Chile), levaram-me a viver uma adolescência voltada ao ceticismo agnóstico. Lembro-me que no período dos meus primeiros momentos no exercício profissional como psicólogo a atitude extremamente discreta em relação com as questões espirituais, obedeceu também à pressão grupal exercida nos círculos intelectuais da psicanálise. Mais radical ainda, em meu caso, dentro do círculo de psicanalistas lacanianos, sempre céticos e alinhados ortodoxamente às máximas freudianas que reduzem a questão religiosa a uma mera *ilusão social*.

Mas algo dentro de mim continuava “fazendo barulho”.

À diferença do que acontece no confortável espaço burguês da consulta clínica do psicanalista, minha experiência profissional acontecia em áreas de profunda miséria e intenso sofrimento social.

Em diferentes momentos de meu trabalho com população em situação de exclusão social, tinha-me deparado com argumentos ou conversas relativas à questão espiritual, religiosa ou transcendental dos abordados. Alguns surgiam fruto do desespero num momento de crise pontual, como aconteceu no caso de muitas mães e familiares de jovens viciados em crack que rogavam a Deus para que eu tivesse a força e sabedoria para ajudá-las com seu filho em processo de reabilitação. Em outros casos, ouvia as rogativas como suporte para poder entender e suportar o fardo das injustiças da vida, como no caso de pacientes psiquiátricos abandonados pela família a mais de 20 anos no hospital, ou pelo suicídio de um deles no banheiro desta instituição.

Em 2004, no projeto com os meninos de rua e quando por fim chegou o momento de abandonar o refugio sob a ponte para serem trasladados à nova casa-albergue, o grupo de meninos pediu, como única condição, que a nossa equipe de profissionais providenciasse a realização de uma missa para o “*descanso*” de um dos meninos do grupo que havia morrido afogado um ano antes ali no rio.

O fator “*espiritual*” estava presente no trabalho social e me levou a acreditar que éramos as próprias equipes de profissionais e intelectuais os que não aceitávamos a real importância que as questões religiosas e espirituais podiam ter para os grupos populares. Concluí que eu, como muitos dos meus colegas profissionais e intelectuais das intervenções psicossociais, insistíamos em repetir velhas fórmulas e dogmas para manter uma atitude supostamente “científica” e *objetiva* diante do sofrimento social.

Assim, num profundo momento de insatisfação intelectual, profissional e existencial, retomei a minha própria busca pessoal pelas questões referentes à transcendência e espiritualidade. Ainda com receio da linguagem religiosa, ensaiei diversas aproximações espirituais alternativas, entre outras, misticismo oriental, xamanismo, meditação, espiritualismo, etc.

A partir de 2004 considero ter atingido suficiente maturidade em meu próprio processo pessoal com a espiritualidade, pelo menos para começar a interagir mais genuinamente nas conversas com os grupos populares em relação à religiosidade, espiritualidade, desta vez, sem opor meus bloqueios intelectuais e, pelo contrário, começar a reconhecer o poder e o atrativo que essa dimensão profunda do mistério da existência gera em todas as pessoas.

Constatei, então, que ao encarar os mesmos fatos sociais, mas agora incluindo um espaço para as crenças mais íntimas e transcendentais de cada pessoa, um leque realmente novo de reflexões e emoções foram despertados nos participantes (particularmente referido aos resultados no trabalho com os moradores de La Legua).

No ano de 2007, foi quando me encorajei de levar a sério a formulação da hipótese sobre a questão da *pobreza espiritual/existencial*, postulando um projeto ao programa de mestrado em psicologia social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Devo meus respectivos agradecimentos aos professores Geraldo José de Paiva e ao professor Wellington Zangari, professores do Laboratório de pesquisas em Psicologia da religião do IP USP, por terem me acolhido e recebido um ano antes, no período em que ainda me informava sobre os requisitos para entrar no programa, e por terem alentado minha postulação pela pertinência do meu particular propósito de pesquisa.

Após os procedimentos de seleção fui aceito para começar no primeiro semestre de 2008.

Para poder desenvolver meu trabalho fiz contato com um grupo de pessoas que realizava um trabalho social com moradores de rua em São Paulo a partir de uma visão espiritualista. Pensava naquele momento que, tratando-se de um grupo espiritualista, seria esse um contexto adequado para pesquisar explicitamente a relevância da questão espiritual no trabalho social. O primeiro projeto de pesquisa aceito no programa de mestrado do IP USP, nasceu do convite realizado pela ABLUSA, Associação Beneficente Luz de Salomão¹², grupo que reúne pessoas e famílias, em sua maioria profissionais, médicos, advogados, professores, etc., com interesses sociais e terapêuticos, mas primeiramente ligados todos pela busca de desenvolvimento espiritual e aperfeiçoamento pessoal. A ABLUSA constitui-se com um grupo independente da União do Vegetal (U.D.V), cultuando encontros e rituais onde se consagra a *ayahuasca* ou “*Vegetal*”,¹³ bebida sagrada e milenar usada como via de autoconhecimento (Labate & Araújo, 2004).

Um distintivo desse grupo consiste em que a busca do desenvolvimento espiritual e terapêutico de vários dos seus integrantes une-se a um intenso trabalho de assistência à população em situação de exclusão social, os moradores de rua na Barra Funda, São Paulo. Entre suas atividades permanentes registra-se a realização de cadastros, a entrega de cestas básicas, a assistência médica e social, entre outras ações de ajuda aos grupos de necessitados.

Assim foi que por convite da diretoria do grupo, organizei a proposta para reproduzir a metodologia da Rádio Comunitária com os moradores em situação de rua da região da Barra Funda, em São Paulo.

Particularmente atraente para minhas expectativas de pesquisa resultava o fato da íntima e explícita conexão que o trabalho de intervenção social mantinha com a reflexão espiritual dos integrantes. Segundo os participantes da ABLUSA, a caridade e a recuperação da dignidade da população excluída geram uma troca profunda, que “*alimenta o espírito tanto daquele que dá como daquele que recebe*”, em “*um espaço de amor ao próximo*” que leva à transformação humana, processo que transcende a mera função

¹² Ver em www.ablusa.org.br

¹³ Nome do chá consagrado nos rituais das religiões enteógenas brasileiras e milenariamente em cerimônias xamanísticas das tribos amazônicas. É preparado principalmente a partir do cozimento do cipó *Banisteriopsis caapi* e a folha do arbusto *Psychotria viridis* (Véja-se, Labate & Araújo (orgs.), 2004)

assistencialista e terapêutica, para atingir planos de profunda transformação espiritual das pessoas envolvidas.

O projeto de pesquisa pretendeu, dentro desse contexto, fazer da rádio um dispositivo para o registro privilegiado desses processos de transformação vividos pelos assistidos pela organização, envolvendo tanto os tradicionais fatores psicossociais, como de cunho religioso e espiritual.

Durante o trabalho realizado durante o ano de 2008 na ABLUSA, no entanto, surgiram dificuldades que modificaram de maneira importante meu parecer sobre a natureza da relação entre a ação social e a espiritualidade. Pontualmente, refiro-me às dificuldades que revelaram que nem sempre o discurso é plenamente coerente com a prática com o excluído social. Como o grande Mestre já falava, “*Pelos frutos conhecereis a árvore*”

De março de 2008 até outubro do mesmo ano, não consegui efetivar as oficinas de rádio com moradores de rua, em grande medida porque o trabalho social da ABLUSA estava passando por uma fase bastante difícil de desorganização, restando apenas um pequeno grupo de voluntários que ainda mantinha um trabalho efetivo com um grupo de mulheres da favela do moinho, próxima da Barra Funda em São Paulo.

Estas mulheres solicitavam diferentes tipos de ajuda da ABLUSA da mesma maneira que o fariam com qualquer outra instituição, portanto, estabelecendo uma relação basicamente assistencialista onde simplesmente inscreviam-se para receber alimentos, roupas e alguns serviços (dentista, assistência social, etc.), mas para meu desencanto, sem nenhum apelo às questões mais profundas e existenciais das suas situações de vida.

A tentativa de manter o trabalho social era levada adiante por um pequeno grupo de voluntários que sem muita experiência no trabalho social formal entregavam com boa vontade um pouco de seu tempo e talento realizando algumas oficinas. Uma das oficinas que ainda sobrevivera era o projeto “Fazendo Renda” que buscava criar mínimos hábitos de trabalho em artesanato nas mulheres da favela e assim poder vender os produtos, ob tendo dividendos para o grupo. Mas o assistencialismo antes mencionado acabava viciando a relação das mulheres com a ABLUSA sem gerar nada diferencialmente importante em relação a qualquer outro grupo de beneficência. A dimensão espiritual do trabalho estava reduzida ao mistério dos rituais da ayahuasca, dos quais algumas das mulheres da favela

ocasionalmente participavam. Porém, a ayahuasca era colocada às vezes no discurso do grupo quase como se fosse uma solução mágica e transformadora, mas sem a devida reflexão profunda sobre as conseqüências e responsabilidades éticas que esta ousada ação gerava nas mulheres da favela.

Pela falta de uma visão mais organizada da ação social, durante os primeiros meses de 2008 destinei grande parte do meu trabalho em São Paulo na ajuda à ABLUSA no sentido de esta organizar um plano de intervenção e acompanhamento para esse grupo de mulheres da favela que permitisse estabelecer mínimas condições de seriedade e segurança no trabalho oferecido. Ajudei a formalizar planos de intervenção, definir e acrescentar as exigências formais tanto para o grupo de mulheres beneficiadas como também para os voluntários. Assim, consegui negociar as regras básicas para acessar aos benefícios, criar sistemas e rotinas de avaliação da dinâmica pessoal e do grupo, etc.

No mês de outubro, reconhecendo que a pretensão de um trabalho social com um fundo espiritual era uma idéia ousada e interessante, percebi também que o grupo da ABLUSA não tinha a maturidade necessária, como organização, para desenvolver realmente suas pretensões, e pior ainda, senti que algumas pessoas reduziam a questão da experiência espiritual unicamente à ingestão da bebida ayahuasca.

Observei que este fascínio com o poder da bebida diante das graves questões sociais que estávamos enfrentando, diminuía a genuína vontade de avaliar o resultado efetivo alcançado com índices mais objetivos e científicos. De fato, argumentei à diretoria do grupo que meu cansaço era devido ao fato de tudo acabar sempre limitado a conversas relativamente reduzidas sobre as ações, sem real capacidade de auto-crítica, no estilo do que também acontece com outros grupos religiosos, inacessíveis às avaliações externas ou a referenciais mais objetivos.

Nesse ponto de frustração das minhas intenções originais de pesquisar a questão da *espiritualidade* e sua importância no trabalho com exclusão social, passei algumas semanas analisando o significado das dificuldades. Por um lado, minhas experiências no Chile ocorreram em contextos altamente estruturados e institucionalmente fortes, mas carentes de sensibilidade pelas questões existenciais e espirituais, razão pela qual busquei espaço no Brasil, território mais aberto, pluralista e culturalmente mais ousado.

Mas agora com a ABLUSA, estava no outro extremo, um grupo excessivamente voltado ao mero entusiasmo e boa vontade, mas sem capacidade institucional de organizar um trabalho sério e mensurável. Por outro lado, senti meu receio com a atitude messiânica que alguns tinham com o uso da bebida ayahuasca, já que esse fascínio não me permitiria levar meu projeto de pesquisa muito além de alguns poucos adeptos ou curiosos pelas religiões alternativas ou pelo esoterismo. Nada mais distante do que eu desejava para meu trabalho.

Na busca do anelado equilíbrio e revisando as experiências já vividas, em certo momento deparei-me com uma série de lembranças que uniam diferentes momentos das oficinas de rádio, desde o tempo com os pacientes psiquiátricos, os meninos de rua, os adolescentes até a experiência da rádio na escola da favela La Legua. Percebi então, e com relativa clareza, alguns dos elementos que perfilam a “essência” do sucesso que essas oficinas de rádio tiveram com grupos diversos em exclusão social.

Primeiro, que em contextos tão heterogêneos como o hospital psiquiátrico, a cadeia ou na favela, o fator comum sempre foi o convite inicial para “brincar de rádio” e assim poder criar a fantasia do diálogo com o outro. O excluído sente-se pobre enquanto é tratado como um invisível, um renegado, isolado, esquecido, e as oficinas de rádio simplesmente oferecem a eles o espaço para um jogo, uma possibilidade virtual de diálogo com o mundo, onde viabilizar sua declaração de vida e existência social, onde os microfones e os alto-falantes exercem principalmente uma função simbólica em relação ao outro. De fato, muitas vezes nem podíamos realmente garantir que os programas gravados seriam ouvidos para além de um reduzido grupo de pessoas. Mas a expectativa presente nos participantes era que o público ouvinte fosse formado por pessoas afetivamente significativas. Fossem apenas os próprios amigos da instituição, alguns parentes, familiares ou colegas, bastava a presença dessas pessoas como público para que o trabalho gerado nas gravações dos programas e a atividade de rádio cobrasse um sentido especial, emocionalmente rico e intersubjetivo. Foi o laço sutil do afeto o verdadeiro *motor* presente em cada uma das oficinas mobilizando e marcando as memórias dos participantes.

Por outro lado, como acontecera no hospital psiquiátrico com os adolescentes infratores, na cadeia ou na favela, cada vez que nos programas abordávamos temas

relativos à beleza da infância, a importância da família, geravam-se situações altamente emocionantes que levavam os grupos a manifestarem seus sonhos, suas emoções e esperanças por um futuro melhor. Percebi assim o enorme poder da oficina de rádio para convidar aos excluídos a *sonhar*, a ter coragem para *delirar* com liberdade e sem medo diante do microfone. Assim, para participarem das oficinas era necessário serem livres e ousados como *crianças*, para conseguirem derrubar o freqüente desencantamento e endurecimento tanto dos excluídos, como também de muitos profissionais e educadores, excessivamente sérios e escondidos por trás de seus papéis profissionais. O lema que resume o caráter provocativamente lúdico das oficinas de rádio sintetiza-se perfeitamente no refrão de uma conhecida música popular: “*Que lindo que é sonhar, e não te custa nada mais que tempo*”.¹⁴

Concluí, assim, que enquanto achava que devia buscar lugares especiais para estudar a espiritualidade, como em instituições com declarações espiritualistas, percebi que no equilíbrio entre o resgate das capacidades de amar, criar, sonhar, brincar e ousar, e a necessária responsabilidade e maturidade institucional, residia o encanto que permitiu sucesso às experiências de oficina de rádio realizadas no Chile. Não era necessário declarações explícitas sobre a espiritualidade ou religiosidade no trabalho social com grupos excluídos, e inclusive, ao contrário, estas pretensões correriam o risco de serem floridos discursos que ocultam graves incoerências e abusos de confiança na relação com grupos socialmente carentes. A meu ver, os grupos de excluídos que conheci não merecem sermões messiânicos sobre o que é certo ou errado, nem sobre pecado ou religião, muito menos precisam do nosso “dó” ou das migalhas que o remorso social ocasionalmente faz cair das nossas mesas e consciências.

Precisei de suficiente coragem para admitir que sempre foi o *amor* o ingrediente que justificava minha busca por uma dimensão *espiritual*, intangível e invisível, mas presente nas palavras, no coração e na inspiração de cada uma das oficinas de rádio.

Mas e agora, como defender o *amor* como fator de vital importância diante do cenário da pesquisa científica e social, freqüentemente tão fria, cética e muitas vezes desumanizada diante dos sofrimentos e problemas psicossociais?

¹⁴ Referência à música “À noite sonhei contigo” na versão brasileira da cantora Paula Toller. A versão original da música é “A noche soñé contigo” de autoria do cantor argentino Kevin Johansen.

Paolo Alejandro Miranda Báez
“Projeto ‘MACHUCA: Somos Todos UM’ Rede Intercultural de Educomunicação”

PARTE I

O

“Projeto MACHUCA: SOMOS TODOS UM”

MAS... POR QUE PROJETO “MACHUCA”?

As experiências de oficinas de rádio narradas anteriormente e realizadas no Chile, tiveram como traço característico o fato de terem sido desenvolvidas e dirigidas para atender as necessidades de uma população específica. Esse trabalho específico e focalizado, é uma característica freqüente no trabalho em intervenção psicossocial, como evidenciamos nas ações de numerosas ONGs ou programas governamentais que trabalham voltados para atender grupos ou problemáticas específicas. Este tipo de trabalho possui vantagens administrativas e políticas, permitindo a especialização das equipes de profissionais e funcionários, em função das questões específicas que resultam relevantes para cada um desses grupos atendidos.

Porém, em meu ponto de vista, a desvantagem resulta das limitações que a própria especificidade do trabalho com um único grupo social gera ao fragmentar a realidade abordada, fechando e estreitando o leque de reflexões possíveis dentro dos limites e dos interesses particulares do grupo e pessoas envolvidas.

Um exemplo que testemunhei no caso dos moradores de La Legua, foi o retorno repetitivo e redundante às questões da “violência”, “drogas”, “pobreza”, “policia”, “trabalho”, “educação”, etc. Similarmente aconteceu com os outros grupos, pacientes psiquiátricos, meninos de rua, adolescentes infratores da lei, etc. Em todos os casos acontecia que cedo ou tarde gerava-se um circuito específico e relativamente limitado de linguagens e conversas. Os programas, se bem conseguiam atrair o interesse e coesão do grupo, reparei que estas produções raramente conseguiam ir além da sempre escassa comunidade sensibilizada com esses temas tão específicos (saúde mental, direitos humanos, direitos da criança, justiça social, adolescência, etc.).

Tendo em mente essas vantagens e limitações e buscando superar as barreiras que surgem do trabalho exclusivo com uma única população em exclusão social, o espírito do projeto “Machuca: Somos Todos Um” consiste em buscar deliberadamente explorar as múltiplas relações e efeitos que surgem na interação entre mundos sociais diversos, aparentemente opostos, contrastantes e distantes entre si.

O princípio inspirador reside em valorizar o poder que existe no encontro das diferenças socioculturais e confiar que nessas experiências de aproximação dos grupos

distantes reside o valor de novas aprendizagens, sendo uma das primeiras, o fato de poder problematizar as dicotomias lingüísticas que estabelecem categorias, preconceitos, mitos e supostos entre os grupos sociais.

Por exemplo, se assumirmos que existe um grupo que definimos como *excluído social*, o princípio implícito do Projeto MACHUCA será então não limitar o trabalho das oficinas de rádio simplesmente ao resgate do discurso desse grupo de *excluídos* e sim deveremos assumir o desafio de considerar também a participação de outro grupo que representasse os supostos “*incluídos*” e viabilizar assim não só o diálogo, mas também os encontros entre esses grupos.

Da mesma maneira, se assumimos que determinada ação que realizamos aborda o trabalho com grupos definidos como “*pobres*” ou “*carentes*” deveríamos buscar a participação e interação com grupos definidos como “*ricos*” ou “*abastados*”, e assim por diante com toda dicotomia.

Como veremos mais adiante, no Projeto MACHUCA realizado em São Paulo, o primeiro efeito após cada uma dessas provocações às dicotomias lingüísticas (e freqüentemente já estabelecidas na linguagem e formulação dos programas e políticas sociais, projetos de intervenção psicossocial, etc.) foi que os participantes assumem com mais prudência e grau de consciência o peso e responsabilidade que cada uma dessas frases, palavras e categorias lingüísticas implica na hora de definir ou categorizar um outro grupo social. Isto não só porque existe o intercâmbio de diálogos através de programas de rádio senão porque o projeto promove os encontros “corpo a corpo” entre os grupos sociais participantes, portanto, é a vivência com o outro o grande motor que modifica a existência dos rótulos e categorias sociais.

De fato, sempre será mais fácil formular e manter rótulos sociais (“pobre”, “normal”, “riquinho”, “excluído”, etc.) enquanto o outro grupo não esteja presente e nem possa interagir, mas, o que acontece quando você se encontra diretamente com esse outro? Quando o supostamente “pobre” dialoga com o supostamente “rico”?

No contexto de re-valorizar a importância de ter uma base institucional suficientemente estável para poder avaliar o efeito da interação entre participantes de realidades sociais contrastantes, considere que os diversos grupos sociais dentro das

grandes cidades, independentemente das suas diferenças, igualam-se em relação a algumas aspirações fundamentais, entre essas, a importância da educação de crianças e adolescentes. Assim, foi decidido que a pesquisa do Projeto MACHUCA seria realizada simultaneamente em comunidades educativas da cidade de São Paulo que apresentam realidades sociais e culturais significativamente diferentes. A escola e a educação das crianças parece ser um espaço institucional suficientemente adequado para pesquisar a interação entre concepções da realidade social tão diversas e plurais como universais.

Mas voltando a uma primeira questão recorrente, por que “projeto Machuca”?

O projeto inspira seu título no filme chileno “Machuca”, do diretor Andrés Wood (2004)¹⁵ que narra uma história que se passa no ano de 1973 em pleno governo do presidente socialista Salvador Allende. Em meio ao clima de conflito político e social, os diretores de um conceituado colégio particular católico decidem abrir vagas para crianças pobres para forçar a integração social. A experiência resulta em um grande fracasso devido aos já profundos conflitos e injustiças da sociedade. Mas o filme resgata a amizade que surge entre duas crianças, Pedro Machuca que mora numa favela, e Gonzalo que mora em um bairro nobre da cidade. O filme resgata o olhar das crianças no meio de uma crise social, relevando o poder e a inocência que possui a infância como momento vital onde é possível transcender as barreiras ideológicas, políticas e os preconceitos sociais.

No mês de novembro de 2008 desisti oficialmente do projeto original com ABLUSA e fiz entrega da nova proposta de pesquisa aos professores do programa de mestrado do IP USP, o Projeto MACHUCA: Somos Todos UM.

Em um primeiro momento, e seguindo quase ao pé da letra a inspiração que o filme nos entrega, a nova proposta buscava reunir duas comunidades educativas com realidades sociais contrastantes: uma comunidade educativa socialmente menos favorecida (idealmente uma escola de uma favela) e um conceituado colégio particular (idealmente um colégio católico). O pré-projeto se orientava a pesquisar tanto a dinâmica intra-institucional da instalação das oficinas de rádio como os efeitos que iriam nascer da interação e encontros entre estas comunidades.

¹⁵ MACHUCA” filme de Andrés Wood, 2004, produção Chile, Espanha, Inglaterra e França.

Porém, devo a uma interessante sugestão do meu orientador, o professor Wellington Zangari, a configuração final que o projeto adquiriu.

Em uma das reuniões do mês de novembro de 2008 enquanto ainda refletíamos sobre o novo projeto de pesquisa, e ainda criando hipóteses sobre quais seriam as melhores condições para estudar essa interação entre grupos sociais distantes, o professor sugere a possibilidade de ousar mais ainda e incluir uma terceira comunidade educativa participante no projeto, mas que esta fosse um colégio de elite, do segmento mais alto da hierarquia socioeconômica de São Paulo. O objetivo serviria, em princípio, para poder observar o comportamento e atitudes dos outros grupos com a presença desta terceira comunidade que acrescentaria tensão às questões sociais a serem discutidas pelos grupos.

Por alguns dias fiquei refletindo sobre a proposta do professor, mas logo veio um encontro providencial com uma nova informação que esclareceu o rumo final do projeto.

Pesquisando notícias na internet deparei-me com o nome de Daniel Barenboim¹⁶, músico argentino de família judia, renomado diretor de orquestra com vasta carreira e que nessa última década criou o projeto da *West-Eastern Divan Orchestra*¹⁷ (Orquestra Divã Leste-Oeste). Neste projeto o diretor reúne talentosos jovens israelitas e árabes unidos pela música e pela paz, tendo realizado várias performances tanto na Europa como também em territórios árabes e judeus. Pelos seus esforços pela paz entre judeus, palestinos e músicos do oriente médio em geral, já recebeu vários reconhecimentos internacionais sendo, aliás, o primeiro cidadão no mundo que possui a nacionalidade israelita e palestina, tendo recebido esta última no dia 12 de janeiro de 2008, pelo reconhecimento à sua qualidade de honorífica, após um concerto na cidade de Ramala.

Entre as façanhas anteriores, Barenboim dirigiu a orquestra *Staatskapelle* de Berlin no mês de julho de 2001 em um concerto histórico onde interpretou música de Richard Wagner no festival de música em Jerusalém. Isto criou uma densa polêmica no auditório devido ao grande tabu que pesa sobre a relação ao anti-semitismo de Wagner. Mas, a provocação de Barenboim resultou em uma verdadeira defesa da universalidade da música e uma profunda mensagem pela paz entre os povos.

¹⁶ Veja em http://pt.wikipedia.org/wiki/Daniel_Barenboim, site visitado em 16/01/2010.

¹⁷ Veja em http://pt.wikipedia.org/wiki/West-Eastern_Divan_Orchestra, site visitado em 16/01/2010.

Voltando à reformulação do projeto MACHUCA, ao saber da existência da obra de Daniel Barenboim e a ousadia da *West-Eastern Orchestra*, estimulou-se em mim a curiosidade relativa às possibilidades que existiriam ao ampliar e radicalizar o encontro entre as diferenças das comunidades educativas atingindo diferenças de ordem étnica, racial ou cultural.

Por esse motivo, considerei que uma terceira comunidade educativa participando do projeto era realmente uma idéia interessante e ainda mais se esta comunidade acrescentasse o contraste relativo à questão étnica e cultural nos encontros do projeto. Foi assim que surgiu a idéia de fazer contato com alguma aldeia indígena que estivesse localizada perto de São Paulo.

No mês de dezembro de 2008 fui recebido para apresentar o projeto às lideranças da aldeia indígena Guarani M’byá localizada próxima do Parque Estadual do Pico do Jaraguá em São Paulo. Após uma rápida deliberação entre o Pajé, as lideranças e os educadores da aldeia, o grupo aceitou participar do projeto Machuca: Somos Todos UM.

MAS... PORQUE “SOMOS TODOS UM”?

“Ensinem as suas crianças o que ensinamos as nossas, que a terra é nossa mãe. Tudo o que acontecer à terra, acontecerá aos filhos da terra. Se os homens cospem no solo, estão cuspidos em si mesmos.

Isto sabemos: a terra não pertence ao homem; o homem pertence à terra. Isto sabemos: todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Há uma ligação em tudo.”

(Fragmento da Carta do Cacique Seattle ao presidente dos Estados Unidos, Franklin Pierce em 1855¹⁸)

Uma declaração tão simples e bela da ligação intrínseca do ser humano com toda a natureza e o universo, mas que hoje pode não ser devidamente valorizada dentro do contexto de auge e popularidade, até certa *banalização*, de tantos discursos e movimentos ecológicos e *holísticos*. Hoje a idéia da conexão e unidade entre todos os seres vivos é questão bastante aceita, mas isto foi fruto de grandes transformações ocorridas no interior da ciência no século XX, afetando a cultura contemporânea do novo milênio.

Por isso, o que torna particularmente surpreendente a carta do chefe Seattle é refletir que tal concepção da unidade de todas as coisas foi levantada a modo de advertência em pleno século XIX por um grupo tido como “*selvagem*”, os indígenas da tribo Duwamish, falando aos “*civilizados*” do progresso, das grandes cidades e do “cavalo de ferro”. Momento dramático de confronto entre visões radicalmente diferentes da realidade e do universo, e em última instância do ser humano e do sentido da vida.

Porém, dito confronto entre essas duas visões dificilmente conciliáveis não pertence a um passado distante como poderíamos ingenuamente pensar ao ler a carta do chefe Seattle diante da suposta “insensibilidade” das autoridades políticas norte-americanas. Podemos inferir que, na verdade, que as autoridades políticas, sendo um reflexo das sociedades afetadas pela febre da revolução industrial e pelo “progresso”, não eram *insensíveis* às palavras do chefe Seattle, mas sim ignoravam e eram *incapazes* de captar o sentido profundo contido nas palavras do chefe do povo Duwamish.

¹⁸ Uma interessante pesquisa da equipe “*Floresta Brasil*” sobre as origens da mítica carta do chefe Seattle esclarece que esta foi publicada por primeira vez pelo Dr. Henry Smith no jornal Seattle Sunday Star, em 1887. Ele teria testemunhado o discurso do cacique no momento em que recebeu a proposta de compra das terras da tribo. Ver http://www.ufpa.br/permacultura/carta_cacique.htm, site visitado em 22/01/2010.

O que é preocupante, e ao mesmo tempo estimulante, é que se trata de um confronto de visões de mundo plenamente atual e vigente que permeia um desafio vivido diariamente no nosso cotidiano a partir das profundas e contraditórias raízes da mentalidade das sociedades e cultura ocidental moderna. A seguir, descrevo meus argumentos.

A vigência do confronto entre a visão do “civilizado” e a do “selvagem” é novamente atualizada no sucesso do filme “Avatar”, do diretor James Cameron. Estreado em dezembro de 2009, recria, em termos futuristas de ficção científica, o mesmo drama de confronto entre o paradigma da razão instrumental, fragmentária e mecanicista e a visão da unidade da vida e do universo.

A história do filme versa sobre uma agressiva empreitada de exploração de um minério valioso no planeta “Pandora”. Por um lado, temos esta grande corporação industrial e militar mercenária e, por outro lado, os “selvagens” que resistem e obstaculizam o “progresso” ao defender sua forma “primitiva” de vida junto às outras espécies de fauna e flora no planeta. Em vários momentos o roteiro explora dito confronto entre uma visão industrial-bélico-mecanicista com uma visão orgânica-humanista da vida no planeta Pandora.

Por um lado, os interesses da corporação e os militares mercenários para quem a única importância reside no lucro, que depende da extração rápida do valioso minério sob as florestas do planeta. Por outro lado, alguns cientistas mais prudentes que tentam explicar e defender o delicado sistema de interligação bioquímica entre todas as formas de vida no planeta os quais conformam o ecossistema ou a “rede sagrada” defendida pelos “selvagens”.

Nos cinemas a história do filme “Avatar” nos emociona e nos comove, nos faz torcer intensamente pela vitória do grupo de cientistas-ecologistas e dos nativos sobre os cruéis empresários e militares. Tudo isso acontece dentro do clima de *shopping center*, com óculos 3D, enquanto consumimos nossas pipocas e refrigerantes no ritmo ansioso da *fast food culture*. O cinema pode ser um cenário privilegiado para apreciar nossas contradições e o senso da ironia sociocultural das novas “sensibilidades” com os ecossistemas e com a unidade da vida.

Enquanto a crise do paradigma da ciência clássica positivista e mecanicista desabrochou em começos do século XX com o surgimento das teorias da física subatômica, entre outras façanhas, o surgimento de uma sensibilidade ecológica e do meio ambiente relativo à unidade da vida no planeta é um fato cultural massivo bastante mais recente, ocorrido apenas a partir das últimas décadas do século XX. Porém, esta suposta “consciência” social sobre a unidade da vida ainda mantém a irônica descrição anterior da experiência no cinema, onde podemos estar sensibilizados da *“boca pra fora”*, mas mantendo todos nossos hábitos cotidianos de consumo e as relações sociais concomitantes enraizadas na socialização do modelo mecanicista e fragmentário. A separação dos indivíduos, entre os grupos sociais, e entre os seres humanos e a natureza, é fruto de séculos de pressão civilizatória, portanto, aprendida e fortemente internalizada por várias gerações de seres humanos nascidos e educados sob as premissas da modernidade.

É legítimo perguntar, então, se por acaso será assim tão simples atingir a mudança de paradigma de uma mentalidade fragmentária e segmentada da modernidade para uma mentalidade da unidade da vida e do universo. Em uma cena, em *“Avatar”*, a mulher xamã da tribo, ao olhando nos olhos de um “soldado” que pede para aprender a ver o mundo com os olhos deles (membros da tribo), e a mulher diz a ele: *“Veremos se a tua insanidade pode ser curada”*.

Insanidade e cura. Aspectos que levam nossa reflexão sobre a mentalidade moderna que separou e segmentou a vida e a natureza, até ser também objeto de uma reflexão psicopatológica? Veremos que existem vários argumentos que permitem afirmar a legitimidade e relevância de refletir sobre a relação entre modernidade e insanidade.

Voltando ao exemplo da carta do chefe Seattle da tribo Duwamish, sabemos que tal cena de confronto entre a visão fragmentária e a visão da unidade repetiu-se com inúmeras outras etnias e culturas ancestrais. Incas, Mayas, Aztecas, Mapuches, Quechuas, entre tantas culturas na América, mas também assim aconteceu em outros continentes, como a África, a Ásia, a Oceania, onde as culturais ancestrais também defendiam a unidade orgânica da vida e do universo e percebiam os perigos da mentalidade fragmentária, mecanicista e predatória que surgia com o conquistador “civilizado” europeu.

O confronto depois foi sendo re-encenado pelos habitantes das novas repúblicas, formados sob as mesmas premissas de “progresso” e modernidade dos colonizadores, mas agora sob as bandeiras da formação das novas repúblicas latino-americanas. Assim acontece que, em 1884, no sul do Chile quando o governo liderou um processo chamado eufemisticamente “*Pacificación de la Araucanía*” o intendente de Arauco declarou abertamente as intenções homogeneizantes por trás da empreitada civilizatória: “*En Chile no existen indígenas, pues aqui todos son chilenos*” (Salazar & Pinto, 1999).

Neste ponto, gostaria de salientar que a consciência da unidade, interconexão e harmonia da vida e do universo é questão muito antiga e extensa em diversos mitos e escritas de culturas ancestrais por todo o mundo, mas que de fato, é a visão fragmentária e mecanicista do mundo que surge como um acontecimento tão estranho quanto inédito na história da humanidade.

*“Como podes comprar ou vender o céu, o calor da terra?
Tal idéia nos é estranha. Se não somos donos da pureza do ar
ou do resplendor da água, como então podes comprá-los?”*

(Fragmento da Carta do chefe Seattle, op.cit)

A estranheza do povo Duwamish diante de tais idéias reflete a perplexidade de muitos povos diante das premissas da modernidade sobre progresso e civilização. Por outro lado, muitas das revoluções paradigmáticas recentes no interior das ciências, que levaram a questionar a visão mecanicista, positivista e fragmentária da realidade para atingir visões mais complexas e abrangentes do *holos*, permitem, à luz dos argumentos anteriores, afirmar que as ciências vivem hoje um processo de correção do seu rumo, indo gradativamente, na medida em que consegue se limpar da arrogância e dos absolutismos anteriores, a um reencontro, um diálogo cada vez mais genuíno, de reconciliação e de convergência com o conhecimento das antigas tradições ancestrais do pensamento da unidade da natureza planetária e do universo¹⁹.

Vários autores a partir da década de setenta, como Fritjof Capra na física e ecologia (F. Capra, 1975), Gregory Bateson na antropologia e na comunicação (Bateson, 1972),

¹⁹ Assim como no sucesso do filme “Avatar”, temos também o exemplo do fenômeno “2012” relativo às profecias da cultura Maia sobre o quinto ciclo do Sol. Indo além das inevitáveis banalizações que a cultura de consumo comporta, este fenômeno reflete, em meu ponto de vista, a representação social de uma nova *sensibilidade* das ciências e da tecnologia com os mistérios e saberes das culturas e religiões ancestrais.

Rupert Sheldrake na biología molecular (Sheldrake em D. Hoffman, 2005), entre tantos outros exemplos, publicam suas pesquisas onde testemunham inclusive que as novas convergências e interfaces epistemológicas apontam em direção não só de uma multiplicação das interfaces entre as disciplinas científicas, mas inclusive de uma reunificação do saber como um todo, a reunião da ciência, filosofia, arte e religião numa configuração que converge com as noções ancestrais sobre o conhecimento.

As dolorosas conseqüências da percepção de separação, da fragmentação do saber e a segmentação da subjetividade humana e da realidade características das sociedades ocidentais, busca por novas perspectivas.

Porém, não devemos esquecer o reinado das pilastras epistemológicas e éticas da visão científica fragmentária e mecanicista da realidade que se mantiveram praticamente intactas na ciência durante os séculos depois do Renascimento europeu até o começo do século XX. O poder da ciência mecanicista foi abalado somente quando recebeu o embate das pesquisas da física subatômica as que mudariam totalmente o cenário e compreensão da matéria, da relação com o observador e da interligação do universo e suas energias com um todo.

Mas os pressupostos da ciência clássica, se foram superados pelas novas teorias e metodologias perdendo seu prestígio e validade originais em quase todos os campos do saber durante o percurso do século XX, ainda assim conseguiram achar abrigo e sobreviver até hoje na base e na inspiração dos sistemas educacionais das sociedades modernas. Em tal sentido, *“tanto a investigação como a própria prática educativa se mantém fiéis ao dogmatismo habitual que batiza o nascimento da universidade no séc. XII do ventre da igreja católica para a manutenção de sua hegemonia”*

(Marcos Ferreira Santos, 2004, p. 23).

Por que a mentalidade fragmentária e mecanicista da ciência ainda consegue manter viva sua influência especificamente no sistema escolar?

Sem querer desenvolver demasiadamente aqui esse ponto, a escola, tanto escola pública como privada, constituem-se lugares privilegiados para verificar a presença e os efeitos de uma socialização baseada ainda na mentalidade de separação e segmentação, característica da educação moderna. E assim resulta ainda mais interessante observar quais

Paolo Alejandro Miranda Báez
“Projeto ‘MACHUCA: Somos Todos UM’ Rede Intercultural de Educomunicação”

são os contrastes e se existe confronto com uma educação baseada numa mentalidade mítica da unidade da vida e da natureza. Na fala de um líder da aldeia Guarani M’byá, “educação Guarani não separa as coisas”, atitude e visão característica dos povos “selvagens” ou ancestrais.

Capítulo 1: Sobre Educomunicação, Ecologia e Cultura da Paz:

1.1 A Educomunicação como campo multidisciplinar.

Resulta interessante sublinhar que na realização das experiências de rádio comunitária com grupos em exclusão social realizadas em Santiago do Chile e mencionadas anteriormente, não sabíamos da existência do termo *educomunicação*. Este nasceu oficialmente na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo através das pesquisas do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE). Este fato permite concluir que a *educomunicação* como conceito tenta designar na sua formulação, ainda recente e em plena construção e definição, um acervo relativamente antigo, amplo e diverso de práticas e reflexões que versam sobre as relações e interfaces da comunicação com a educação, mas indo além afetando as ciências em geral nas reflexões que dela surgem.

Uma pesquisa realizada pelo NCE entre 1997 e 1998 revela o surgimento de um novo perfil profissional: o educador. Segundo uma definição “*O conceito da educomunicação propõe, na verdade, a construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos, nos espaços educativos, quebrando a hierarquia na distribuição do saber, justamente pelo reconhecimento de que todas as pessoas envolvidas no fluxo da informação são produtoras de cultura, independentemente de sua função operacional no ambiente escolar*”²⁰.

A *educomunicação* é um campo que sintetiza um rico histórico de experiências e práticas que lutam pela defesa da autonomia e liberdade da palavra (Soares, 2009), numa abordagem que se embebe das discussões e inspirações de autores tão diversos como Gramsci, Célestin Freinet, Pierre Bourdieu, Paulo Freire, dentre outros, assim como é também um campo herdeiro dos movimentos sociopolíticos latino-americanos. As raízes das práticas *educativas* possuem ligações com várias das práticas de sentido popular da década de 1960/70, entre estas, a influência da teologia da libertação, das teorias críticas sobre educação e comunicação, a escola de Frankfurt, entre outras fontes que configuraram

²⁰ Ver os detalhes da pesquisa no site do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP coordenado pelo professor Ismar de Oliveira Soares. www.usp.br/nce/educacao

a reflexão e reivindicações características da educação popular e das teorias da comunicação desenvolvidas na Latino-América.

Num contexto mais amplo, Jesús Martín-Barbero afirma que no contexto de profundas transformações relativas à globalização da sociedade da informação e o massivo acesso às tecnologias digitais, configura-se um momento crítico para a educação e para todas as sociedades que basearam no modelo escolar tradicional a formação de seus cidadãos (Martín-Barbero, 2001). A era da tecnologia não se reduz à novidade de certos aparelhos nas mãos das gerações de crianças e adolescentes, mas comporta o florescimento de novos modos de percepção e linguagem. Na ausência de consideração da cultura oral no sistema escolar tradicional (que segundo Barbero compreende do ensino fundamental à universidade) e a primazia hegemônica do livro durante séculos de cultura escolar, as novas gerações não deixaram de ler, mas hoje o fazem além da linearidade/verticalidade do livro. A cultura do *comics*, vídeo-clipes, videojogos e internet, entre muitos outros exemplos, levam a sugerir o passo de uma sociedade que possui um sistema de educação para uma *sociedade educativa* (Martín-Barbero, op. cit).

Assim, compreendemos que a educomunicação não se reduz a uma simples interface entre a educação formal e a comunicação social, ou uso de multimídias na escola, mas sim, envolve uma abertura crítica dos limites entre os saberes e disciplinas, portanto, sendo reconhecida como um novo campo de pesquisa, reflexão e intervenção social que adquire especificamente no trabalho multidisciplinar uma de suas principais características²¹. “*transformações profundas vêm ocorrendo no campo da constituição das ciências, em especial as humanas, levando à eliminação de fronteiras, de limites, de autonomias e de especificações*” (Soares, 1999, pág. 20).

A crise de paradigmas da razão iluminista vai se evidenciando nas ciências sociais em geral, na mesma proporção em que se consolida uma maciça crítica à razão instrumental e pragmática “*desafiada pelas dúvidas e incertezas do novo sujeito social*” no advento da *Era da informação* (Soares, 2007, pág. 31).

²¹ Donizete Soares, diretor de relações institucionais do projeto “Cala-Boca-Já-Morreu”, sobre o que é a educomunicação. Ver em: www.portalgens.com.br

A educomunicação, assim, não deve ser entendida como uma nova metodologia ou um híbrido entre educação e comunicação social, e sim, como uma atitude científica, um “paradigma” que reúne múltiplas perguntas em torno da atual crise de expansão e circulação do saber que evidenciou a necessidade de ultrapassar o “*modelo ocidental de educação formal de base racionalista-enciclopédico, iluminista e positivista que se encontra já saturado.*” (Ferreira Santos, M., 2004, pág. 56).

A redefinição dos limites entre as disciplinas ocorre ao mesmo tempo em que são questionados outros binômios, tais como a relação emissor-receptor no plano da comunicação social.

Octavio Islas (2007) exemplifica esta situação descrevendo o surgimento do “*prosumidor*” na “*Era da ubicuidade*”. O termo *ubicuidade*, pronunciado pela primeira vez no contexto apresentado, se deu no discurso de inauguração da CEATEC 2004 (a mais importante exposição tecnológica industrial da Ásia) em Makuhari Messe, Japão, para designar um tipo particular de sociedade onde qualquer pessoa pode desfrutar, em qualquer momento e em qualquer lugar, de uma ampla gama de serviços através de diversos dispositivos terminais e redes de banda larga. O lema da sociedade da ubicuidade é *anyone, anywhere, anytime*, e atualmente tem tal relevância que foi assumido como prioridade política e econômica pelo governo japonês desde 2001. (Islas, op.cit).

Estes dados revelam a incidência que as comunicações digitais estão tendo no desenvolvimento e evolução de novos ambientes comunicativos, inaugurando a caminhada até uma nova ecologia cultural, uma nova forma de relacionamento informacional, que segundo Islas, a partir do surgimento da *web 2.0* e suas versões superiores, os usuários da internet se elevaram à categoria de “prosumidores”. A palavra –do inglês *prosumer*– surge da fusão entre “*producer*” e “*consumer*” e foi introduzida formalmente em 1980 por Alvin Toffler no seu livro “*The third wave*”, indicando que hoje observamos a dissolução dos limites que separaram o produtor e o consumidor de informação. Toffler, afirma que o meio mais poderoso das sociedades da “segunda onda” foi a televisão, portanto, as sociedades da “terceira onda” vivem a crise da era dos meios de comunicação de massa no sentido de descentralização do controle na produção de imagens e conteúdos audiovisuais. Isto permitiria compreender o sucesso e impacto de programas como *YouTube* na ecologia

cultural televisiva ou do *Google* no acesso a grandes bancos de informação baseados na cooperação entre prosumidores (Islas, op.cit).

Circulando nas novas e amplas rodovias da informação e da interação digital, crianças e adolescentes são sem dúvida a camada social mais voltada a esta nova ecologia cultural dos “prosumidores”, justificando amplamente a importância da abordagem educacional para poder compreender as implicações dos novos modos de interação e de relação com o conhecimento em nossas sociedades.

Capítulo 2: Além do ambientalismo superficial, o retorno da Ecologia profunda.

A educação ambiental e a questão ecológica resultam ser hoje uma das mais importantes e relevantes aplicações da educomunicação²². Isto acontece em grande medida como conseqüência da crescente preocupação política e social pela questão ambiental e que foi especialmente estimulada após a Conferência Eco 92 das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento do Meio Ambiente, realizada em Rio de Janeiro.

A partir dessa instância surge a crucial necessidade de cumprir com o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade. Nesse contexto, e particularmente no Brasil²³, surge o interesse por uma “*Alfabetização Ecológica*” (Capra, 2005) que envolve “*a abordagem lúdica por meio da arte e da educação, a preocupação com a comunicação como forma de envolver, sensibilizar e disseminar conceitos e práticas pedagógicas (para nós, a educomunicação).*” (Mirian Duailibi, em Capra, 2005, pag. 18).

Uma das primeiras constatações do educador no trabalho de rádio, TV ou jornal nas escolas é o poder e atrativo que hoje o tema do meio ambiente representa para crianças e adolescentes. Basta puxar um pouco o assunto e começam a surgir rapidamente discursos sobre a importância da reciclagem do lixo, do cuidado com o uso da água, entre outros. Mas o que podemos compreender a partir dessa sensibilidade da geração de crianças e adolescentes com a questão ambiental?

Podemos achar algumas pistas ao aprofundarmo-nos no reconhecimento da crise cultural anteriormente conhecida como “Era da informação digital”, que está levando a aguçar a tensão entre esta “geração digital” e a caducidade e inadequação do sistema educacional tradicional iluminista. Similarmente podemos entender que a crise ambiental é um reflexo da crise entre as diferentes gerações de seres humanos diante da maneira de compreender e nos relacionar com a natureza. Parece óbvio, mas este ponto da argumentação tem um matiz mais profundo.

²² Merece destaque no Brasil as ações estruturantes e diretrizes desenvolvidas pelo Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental, uma parceria entre o Ministério da Educação (MEC) e o Ministério do Meio Ambiente (MMA). Ver o livro “Vamos Cuidar do Brasil” (Soraia Silveira de Mello, Rachel Trajber, coord. 2007) editado em parceria com UNESCO.

²³ Ver no ECOAR (Instituto para a Cidadania; Associação Ecoar Florestal; Centro Ecoar de Educação para Sociedades Sustentáveis – CEDES) www.ecoar.org.br. Mirian Duailibi atua como Coordenadora geral.

Começa por lembrar-nos que o sistema educacional ocidental tradicional, racionalista-enciclopédico mencionado, está inspirado na tradição científica clássica. Morris Berman (1987) aponta que um momento histórico crucial de consolidação política da ciência na Europa radica na aliança entre o racionalismo de René Descartes e o empirismo promovido por Francis Bacon, promovendo o início do processo de *desencantamento do mundo*.

Berman descreve a Francis Bacon como um influente personagem da emergente burguesia inglesa particularmente interessado no processo de expansão das rotas comerciais, motivo que leva-o a ajudar na supremacia do poder científico naturalista empírico, particularmente por meio do aperfeiçoamento tecnológico militar marítimo (Berman, op.cit). Destaco um interessante dado, a meu ver, o nome do livro de Bacon: “*Natura Vexata*” (algo assim como “*Natureza violentada*”) que expressa o que será uma característica do naturalismo científico, a relação de sujeito objeto com a natureza. Ela deve, segundo Bacon, ser violentada, interrogada, em nome da superação do pensamento ignorante, místico, e mágico da Idade Média e em nome do progresso. O empirismo e a justificação racionalista cartesiana formarão a dupla perfeita para a expansão colonialista do pensamento científico naturalista (Berman, op. cit.). Esse processo se potencializa com a secularização e com o fortalecimento dos novos Estados europeus numa trama de expansão política do capitalismo que tem como requisito o *desencantamento*, vale dizer, a exclusão de toda explicação “mágica” ou “religiosa”, suspeitas de uma herança ignorante e de obstaculizar o caminho do progresso e da ciência. A Terra não é mais um lugar sagrado, e passa a ser simplesmente um objeto, fonte de recursos e um cenário “a conquistar” pelos mais capazes (Berman, op. cit.).

A noção de “*Natura Vexata*”, de Bacon, expressa com particular clareza a arrogância e agressividade do processo desencadeado pela transição política renascentista, passando da dominação do poder divino da Santa Igreja sobre o mundo para o poder da ciência naturalista.

A partir desta reflexão, e voltando à questão sobre o sistema educativo ocidental “tradicional”, a inspiração que lhe deu origem racionalista-empirista ainda resiste nas salas de aula e tem sua maior tensão precisamente entre as atitudes das diferentes gerações de seres humanos. Em outras palavras, grande parte da “insensibilidade” que muitas pessoas

ainda expressam com as questões ecológicas e ambientais, incluído seus enraizados hábitos de desperdício de água, de produção e de desentendimento com o lixo, com a poluição, etc. referem-se à conseqüência do ato de gerações formadas sob visões profundamente diferentes sobre a relação com a Terra. Refiro-me à mentalidade de separação e fragmentação da realidade mencionada anteriormente que, em princípio, resulta mais evidente nas gerações mais velhas em contraste com as crianças e adolescentes que demonstram maior facilidade para compreender o pensamento da unicidade.

A visão anteriormente mencionada, a da “*natura vexata*”, manteve-se nos sistemas educativos, ensinando que o ser humano era o topo da hierarquia evolutiva e, portanto, com direito a usufruir e violentar o planeta na busca de conforto e progresso. Além de aprender a *desencantar* a Terra, a pressuposição de recursos naturais infinitos acompanhou as noções lineares do progresso positivista industrial.

Uma das conseqüências observáveis do sonho iluminista do século XVIII foi alimentar inconscientemente a certeza de que o futuro sempre traria mais progresso e conforto para o mundo, dada a eficácia demonstrada pelas primeiras façanhas tecnológicas da ciência racionalista e naturalista. Contrastando com essas promessas, ou acordando da miragem, o século XX revelou-se, em termos eco-político-ecológicos, como um notável pesadelo para grande parte da humanidade, subjugada sob a empreitada e arrogância da atitude naturalista científica.

Assim, vemos que a geração de crianças e adolescentes de hoje assumem uma posição singular, estando entre as primeiras gerações de seres humanos que perceberam que os prometidos níveis de conforto e bem-estar das gerações sucessivas encontram-se em sério risco e, pelo contrário, serão claramente menores que os atuais. Nunca mais poderemos usufruir da Terra da maneira que já fizeram as gerações anteriores.

Sublinho, portanto, a legítima desconfiança de crianças e adolescentes diante de tais pressupostos iluministas ainda presentes no sistema tradicional de educação. Também sublinho que observo neles menos medo que nos adultos para *reencantar* a relação com o mundo, assumindo com relativa facilidade uma visão eco-sistêmica onde a Terra é sentida como um organismo vivo e sensível, de igual maneira com as questões relativas ao respeito pelos animais. Percebo que estas questões são mais difíceis de aceitar num grande número

de adultos que normalmente já têm o “seu jeito” de fazer as coisas, comumente mais baseado em hábitos de consumo de difícil erradicação.

Em tal sentido, e aprofundando a questão geracional diante da ecologia, poderíamos arrematar dizendo que a crise da razão iluminista como crise de um modelo de sociedade, é também a crise de um certo modelo de adulto que hoje não é mais referência de saber para as gerações mais jovens. Pelo contrario, com frequência resulta-lhes mais como uma anti-referência²⁴.

A importância da presente reflexão sobre a geração de adultos “*desencantados*”, que surgem dos interstícios e fissuras da crise do sistema educativo tradicional racionalista-enciclopédico, e considerando minhas experiências nas escolas no Chile, e agora nas escolas do Brasil, é que eles parecem confirmar a presença de certo padrão psicológico previsível e característico no professor das escolas públicas. Não todos, é claro - há belas e admiráveis exceções - mas é preocupante verificar que a escola pública como instituição “sofre” majoritariamente dos sintomas da profunda inadequação dos pressupostos iluministas do século XVIII e que hoje resistem teimosamente diante da velocidade e do poder que as crianças e os jovens encontraram na tecnologia digital e meios de comunicação. O mais preocupante é que parece ser um tema estrutural já que é observado na maior parte das escolas públicas Latino-Americanas, afetando seriamente a relação educador/educando (Martín-Barbero, op.cit.).

A obra de Georges Gusdorf (1980) enriquece e confirma o argumento anterior, em termos de uma globalização do desencantamento ligado especificamente à perda da relação mítica e iniciática, características da relação mestre e discípulo, e constatando a irrupção da relação instrumental e funcionalista de professor e aluno.

²⁴ Os movimentos de “contracultura” adolescentes são bastante conhecidos a esse respeito, e tendo nítido auge desde os anos cinquenta e sessenta, a contracultura digital aguça e recria varias das questões relativas aos conflitos com a autoridade. O filme “Matrix” resulta ser um exemplo mais atualizado dessas tensões geracionais.

Capítulo 3: A educação e o desafio de uma Cultura da Paz no meio de uma Cultura da Guerra.

A assembléia geral das Nações Unidas (ONU) em sua resolução de 1998 declara o ano 2000 como o "Ano Internacional da Cultura de Paz" e também proclama o período 2001-2010 como "Década Internacional para uma Cultura de Paz e não-violência para as crianças do mundo".

A partir desse contexto é importante retomar a distinção original do filósofo norueguês Arne Naess sobre uma *Ecologia profunda*, que se diferencia dos discursos do *ambientalismo superficial* (Carvalho Júnior, 2004). A noção de *Ecologia profunda* brinda um marco de referencia bem mais coerente e abrangente, permitindo abrigar a importância das dimensões sociais e psicológicas envolvidas no todo da questão ambiental.

Félix Guatari (1990) assinala nessa mesma compreensão, a urgência de uma nova compreensão da crise ambiental que transcenda a fragmentação dos saberes e os reducionismos envolvendo o que ele define como as "três ecologias", as que implicam na análise do nível de ecologia subjetiva (ou mental), o nível das nossas relações sociais, incluída a justiça social, os direitos humanos, etc. E, finalmente a ecologia tal como se expressa no ambiente físico e biológico do organismo planetário.

Novamente apresento aqui um exemplo a partir de uma observação relativa à questão da crise geracional diante da questão ecológica. No mês de maio de 2009, na realização do primeiro encontro das três escolas do projeto na aldeia Guarani do Jaraguá, algumas crianças dos núcleos de rádio e TV subiram ao palco. Cada uma falava um pouco da sua escola para os outros e mandava uma mensagem sobre Cultura da Paz e Ecologia. Uma menina de 10 anos da escola pública da periferia comentou as "brigas" que acontecem com certa frequência nos intervalos das aulas. Em seguida, arrematou: "*Minha mensagem é sobre a Cultura da Paz. Como você quer a paz na sua escola se primeiro você não tem a paz consigo mesmo? Então primeiro você tem que ter a paz consigo mesmo!*"

Um raciocínio tão lúcido e profundo parece surpreendente para a idade cronológica da locutora, mas, além disso, revela que compreende com facilidade a noção de *ecologia profunda*, onde os níveis mais complexos da realidade que ela vive estão intimamente ligados ao nível da subjetividade, da saúde psicológica e bem-estar de cada pessoa.

Muitos adultos ainda nos espantamos diante da “precocidade” desta geração de crianças. “Menina esperta, hein?”, foram alguns dos comentários entre os professores naquele dia. Mas, observo que essa reação pode esconder na verdade nosso “*adultocentrismo*”²⁵ que em algum nível ainda subestima ou resiste a reconhecer plenamente a subjetividade infantil.

Por último, é importante ressaltar outro aspecto do comentário da menina sobre a crise de violência das escolas públicas. Aponta reconhecer a importância da saúde psicológica e do bem-estar subjetivo, tanto dos professores como também de estudantes e familiares na qualidade do processo educativo. Somente ao considerar estes níveis de saúde ligados às pessoas que conformam as comunidades é possível pensar realmente na melhora significativa no convívio na escola. Ela também menciona a inutilidade de tentar fazer o caminho inverso, quer dizer, a impotência de tentar “maquiar” a violência que se respira nos refeitórios, corredores, salas, pátios e banheiros das escolas públicas com belos discursos que falam da importância do respeito e da Cultura da Paz. Seguindo o raciocínio da menina: como poder viver o respeito na sala de aula se este não existe na família?

Esta pergunta pode atrair o consenso de muitos professores que vivenciam situações absurdas de abandono e desestruturação familiar nas escolas. Mas, agora pensando no professor, como poder viver o respeito se o professor normalmente sente não ter suficiente liberdade e autonomia nas decisões da escola, deve negar-se pela obrigatoriedade da homogeneidade curricular da escola tradicional, e além, ele sente que sua profissão não é valorizada socialmente e, portanto que ele não é respeitado? Como falar da paz quando existem dados que indicam que os professores de escolas públicas enfrentam os maiores níveis de *stress*²⁶, comparáveis com os funcionários do sistema penitenciário?

Sem querer esgotar aqui as reflexões, resgato a importância da fala da estudante que explicita o desafio de assumir essas incoerências ainda presentes na formação de milhões de crianças que assistem às escolas públicas diariamente. A importante tarefa, portanto,

²⁵ A *matriz adultocêntrica* é um conceito desenvolvido pelo sociólogo chileno Klaudio Duarte, referindo-se a um paradigma cultural que caracteristicamente observa o mundo dos jovens e crianças a partir de seu olhar e parâmetros de referência, mas sem permitir a plena participação dos mesmos como sujeitos ou verdadeiros cidadãos.

²⁶ E esta afirmação não se limita à realidade das escolas Latino americanas, mas sim, surge como um sintoma global da crise na relação educativa. Um estudo apresentado no Reino Unido no mês de abril de 2009 pela *National Union of Teachers* (NUT) revelou que 41,4 % dos professores apresentavam sintomas claros de *stress*. O *stress* aparece associado à depressão, abandono da profissão e em casos mais extremos, condutas suicidas.

Paolo Alejandro Miranda Báez
“Projeto ‘MACHUCA: Somos Todos UM’ Rede Intercultural de Educomunicação”

será encarar com coragem a questão de alfabetizar para uma *ecologia profunda*, que supere a mera retórica discursiva ambientalista e superficial e que permita abrir legítimos espaços para valorizar o que acontece nos níveis mais íntimos das nossas relações.

O desafio de refletir e abordar com seriedade a questão emocional, existencial e ontológica, parece tornar-se requisito primário se pretendemos realmente atingir uma transformação real e verdadeira na crise com o meio ambiente e a natureza.

Capítulo 4: Crise da modernidade, Pobreza e “Pobreza espiritual/existencial”

4.1 Pobreza e crise dos paradigmas da modernidade: desafios para as ciências sociais Latino americanas.

A crise da modernidade foi conhecida, entre outras designações, como *pós-modernidade* (Lyotard, 1986) e, como sabemos, sob esse rótulo uma grande amplitude de atividades humanas sem precedentes que se uniram em uma maciça crítica ao projeto de legitimação racional da modernidade ilustrada. Também fizeram da pós-modernidade um fenômeno instável e com bordas indeterminadas, desde que sua amplitude transcendeu os limites da ciência abrangendo a filosofia, a economia, a história, a estética, entre muitas áreas.

A pesquisadora Teresa Cabruja (1996) expõe três dos fundamentos que identificam a generalidade da crítica e pensamento da cultura pós-moderna:

- 1) *El fin de las narrativas legitimadoras del conocimiento en Occidente y cualquier tipo de discurso de verdad, afectando la idea de historia y de progreso, como algo lineal, evolutivo y con un fin unitario.*
- 2) *Fin de la concepción tradicional de la representación, a partir de la disolución de los límites entre el lenguaje y su objeto, enfatizando el carácter construido de la realidad.*
- 3) *La crítica a la concepción unitaria del sujeto universal occidental, hombre blanco, de clase media, autónomo respecto a su subjetividad. Se trataría de una crítica a su esencialismo, universalismo y logocentrismo”* (Cabruja, 1996, pp. 374-375)

No panorama científico, o século XX foi o cenário de diversas críticas ao modelo do naturalismo científico (particularmente ao positivismo) que permitiram desvendar a ilusão de neutralidade da ciência diante dos processos históricos e políticos e o engajamento com relações de poder e estruturas de *dominação*. Michel Foucault descreve assim o surgimento da “sociedade disciplinária” que durante os séculos XVII e XVIII e no contexto da consolidação das sociedades capitalistas, utiliza-se da ciência como ferramenta “normalizadora” do binômio Saber-Poder do Estado Terapêutico, sendo o saber científico uma resposta à emergência dos novos mecanismos de controle social, que geram e

justificam por sua vez novas formas de dominação e exclusão, como as categorias de normal-anormal, louco-lúcido, doente-sadio, etc. (Foucault, 1985).

A categoria “ricos-pobres”, ainda sendo mais antiga culturalmente, também é redefinida no projeto da modernidade particularmente através do saber das ciências sociais na planificação e execução de políticas públicas e assistencialistas.

A respeito do caso particular do impacto da crise dos fundamentos do saber científico naturalista na psicologia social, o pesquisador espanhol Jesus Ibañez afirma: “*la ideología burguesa disfraza la historia en naturaleza: intenta fundar en razón natural el hecho histórico y contingente de su dominación*” (Ibañez, J., 1991).²⁷

Ignacio Martín-Baró acusará a “norte-americanização” da psicologia social liderando o movimento de “*Psicología de la Liberación*” em El Salvador, baseado nas mudanças que o contexto da investigação social sofreu no plano ético e epistemológico no que ele chamou de “*terceiro período*” do desenvolvimento da psicologia social (Martín-Baró, 1983). Assim, diante da incapacidade das disciplinas das ciências sociais para cumprir com a tarefa de “*integração*” do indivíduo ao *standard* de vida estabelecido, Baró acusa a posição da psicologia social como “*un instrumento más de los poderes establecidos, y que su análisis e intervenciones se limitan a cumplir una función de engrase social*”²⁸ (Martín-Baró, 1985, p.10).

Ao considerar as tensões político sociais e a desigualdade social nos países latino-americanos, o sistema social não é mais concebido como algo dado e imutável diante da qual o pesquisador simplesmente observa objetivamente, ao contrário, motiva-se ao questionamento crítico e inclusive a assumir as possibilidades de participação da psicologia social em processos de subversão. “*Por crítica entendemos la no aceptación del carácter inmutable y necesario de condiciones y situaciones consideradas como tales y definidas como el modo de ser natural del mundo*”²⁹ (Maritza Montero, 1995, p.17).

Sem querer aprofundar agora tais elementos, sublinho que diante da noção de pobreza as ciências sociais também requerem hoje observar o caráter ideologicamente

²⁷ “*A ideologia burguesa disfarça a história em natureza: tenta fundamentar na razão natural o fato histórico e contingente de sua dominação*” (tradução livre)

²⁸ “*Um instrumento mais dos poderes estabelecidos e que suas análises e intervenções limitam-se a cumprir uma função de lubrificante social (do sistema capitalista)*” Tradução livre.

²⁹ “*Por crítica entendemos a não aceitação do caráter imutável e necessário de condições e situações consideradas como tais e definidas como o modo de ser natural do mundo*”, tradução livre.

construído de todo diagnóstico social, sempre amarrado, portanto, a certa visão ética e epistemológica, ao conjunto de crenças, compromissos e experiências do observador. Em resumo, a noção de pobreza depende, e muito, do paradigma segundo o qual ela é reconhecida.

4.2 Noção instrumental da Pobreza e a “Pobreza Espiritual/ existencial”

A noção tradicional de pobreza tem sofrido importantes modificações devido à necessidade de reorientar o desenho e a avaliação de políticas públicas para essa população (CEPAL, 1997). A caducidade da antiga medida de “pobreza de renda” levou à discussão das novas formas de pobreza mais relacionadas às realidades observadas na América Latina expressas no Relatório de 1997 sobre Desenvolvimento Humano, do Programa de Nações Unidas (PNUD). O Índice de Pobreza Humana (IPH) se centra na privação de três elementos essenciais na vida humana: longevidade, conhecimento e nível digno de vida (PNUD, 1997). A definição de “pobreza humana” considera a dignidade como componente e gerou modelos centrados no *capital humano*, com vistas a diminuir o foco reiterado das políticas públicas na carência de renda e a resgatar, assim, a capacidade dos pobres para assumir as exigências da sociedade de mercado (CEPAL, 1997).

No entanto, as experiências da rádio comunitária na escola da favela de La Legua em Santiago 2007, levaram-me a avaliar uma noção diferente de pobreza enquanto não subordinada a uma referência de inclusão ou exclusão dos sujeitos ao/do mercado. Trata-se da pobreza *espiritual* ou *existencial*³⁰, ou seja, um empobrecimento moral e ético nos grupos humanos que afeta seriamente o desenvolvimento ontológico das pessoas e que não têm necessariamente relação com a condição socioeconômica do sujeito. Inclusive, com frequência esta é uma relação bastante dissonante.

Um exemplo dessa discussão nasceu da gravação de um programa com familiares da favela em Santiago onde perguntamos provocando ao grupo: “*Então, os traficantes, eles*

³⁰ A diferença é fundamentalmente uma estratégia já que ao falar de uma pobreza “espiritual” esta implicaria numa discussão mais próxima das áreas da vivência espiritual, do pluralismo religioso e teológico. No entanto, a noção de pobreza “existencial”, mantém a discussão num nível mais tipicamente lógico ou filosófico, na questão ontológica ou na noção de sujeito, áreas mais aptas para quem não compartilha ou até se incomoda quando é invocada a questão “espiritual”. Mas ambos os caminhos de reflexão respondem a poder desenvolver discussões sobre o fator “*intangível*” presente dentro das pobreza das nossas sociedades.

são pessoas pobres ou ricas?”. Surpreendentemente o grupo afirmou que essas pessoas eram realmente “pobres”, até mesmo “miseráveis” dado que “*eles causam sofrimento em muitas outras pessoas...*”, “*só querem poder e dinheiro.*”³¹. Insistindo, dissemos a eles que, seguindo a definição oficial de pobreza, os traficantes não só não seriam pessoas pobres, mas, dado o fato de que possuíam abundância de bens luxuosos e nem moravam mais na favela, os filhos eram educados em colégios de classe alta, etc., então que eles deveriam ser pessoas ricas. O grupo de maneira unânime argumentou: “*é outro tipo de pobreza... uma pobreza de dentro... pobreza do espírito*”.

Visando essa questão, as experiências de Rádio de 2006 e 2007 com população em exclusão social em Santiago incorporaram reflexões sobre essa pobreza espiritual/existencial, fato que revitalizou dimensões psicológicas profundas nos diálogos dos participantes, refletindo sobre o sentido da vida, a importância da família, da solidariedade e da dignidade. Enfim, a Rádio tornou-se um espaço de debates que permitiu experiências de desenvolvimento moral³² nos membros participantes e ouvintes.

4.3 Paradigmas em discussão: Teoria da Transformação cultural, Biologia do Amor e Ecologia da mente.

O potencial de “Transformação Cultural” que o projeto “Machuca: Somos Todos UM” mobiliza junto às três escolas participantes se sustenta em três importantes referências teóricas.

A “Teoria da Transformação Cultural”, desenvolvida por Riane Eisler (1987), socióloga austríaco-americana, questiona a visão da historiografia tradicional como parte da socialização na *cultura patriarcal* indo-européia, centrada na guerra, no controle, na dominação e na agressividade, contrapondo-lhe descobertas antropológicas recentes que falam de uma pré-história de cunho “*matrístico*”. O termo “*matrístico*” foi difundido pelo biólogo chileno Humberto Maturana no prefácio da edição em espanhol do livro de Eisler, e refere particularmente a poder diferenciar o conceito do termo “*matriarcal*” em tanto este

³¹ Falas extraídas dos programas de rádio das famílias da escola pública de La Legua no ano de 2006.

³² Uma das referências psicológicas consideradas para falar de desenvolvimento moral é a pesquisa de Kohlberg e sua escala de desenvolvimento do raciocínio moral (ver em Perez, E; Garcia, R. 1991), embora se possa discutir se a posição de Kohlberg é inteiramente compatível com a perspectiva de Eisler e Maturana.

conceito comumente conserva a lógica de centrar as relações na dominação de um sexo sobre o outro. Neste caso seria apenas uma inversão dos lugares de poder, mas conservando a mesma relação do que caracteriza o modelo de relação patriarcal.

Portanto, as descobertas arqueológicas mencionadas demonstraram evidência de civilizações muito antigas que parecem ter organizado sua vida social de maneira estruturalmente diferente, centradas no culto à harmonia dos ciclos da natureza, na cooperação, na solidariedade e no desenvolvimento de atividades estéticas e artísticas.

Por outro lado, a “Biologia do Amor” do biólogo chileno Humberto Maturana (1993), enfoca o amor como componente central da natureza humana, e aponta que seu reconhecimento e desenvolvimento seria o fator que determina a transição entre fenômenos típicos do patriarcado (violência, exploração da natureza, masculino que submete o feminino, etc.) e a possibilidade da democracia genuína, que surge de uma vida em equilíbrio com as emoções, com as relações, a diversidade e a natureza.

Ambas as referências oferecem um contexto ético e epistemológico favorável para análise do processo grupal ao induzir um questionamento crítico das diversas suposições que justificam diferenças ideológicas e sociais. O “bem e o mal”, “normais e anormais”, “superiores e inferiores”, “pobres e ricos”, são todas categorias lingüísticas que evocam estruturas sociais patriarcais, marcadas pela suposta hierarquia, pelo conflito e pela competição. A verdadeira *transformação* pode acontecer quando o grupo social começa a perceber que é no respeito e na aceitação incondicional das pessoas, próprio das estruturas de cunho *matrísticos*, quando o grupo se abre realmente a toda a complexidade e diversidade das características humanas, socioculturais e ecológicas.

Uma terceira referência, particularmente interessante no contexto da presente pesquisa intercultural, é o trabalho do Gregory Bateson no seu livro de 1972, “Passos para uma ecologia da mente” (Bateson, 1991).

Em sua pesquisa, Bateson afirma que a verdadeira aprendizagem ocorre quando sofremos uma transformação que transcende nossos limites genéticos, ou seja, somente existe genuína aprendizagem se superamos nossas capacidades e limites herdados. Em resumo, Bateson define 4 tipos de aprendizagem segundo a qualidade dessa transformação.

- **Aprendizagem 0: Repetição de informação.** Estágio que não favorece a elaboração por parte do receptor, portanto a aprendizagem é zero entanto a informação não permite nenhuma transformação do receptor. Inclui toda situação mecânica e meramente repetitiva.
- **Aprendizagem 1: Aplicação da informação.** Estágio que inaugura a genuína aprendizagem, porém tendente ao hábito tal como acontece no caso do condicionamento clássico pavloviano.
- **Aprendizagem 2: Aprender a aprender.** É a aprendizagem característica da espécie humana, porém, segundo Bateson ela é poucas vezes plenamente utilizada devido a que surge fora do sistema educacional tradicional tendendo a escapar da intencionalidade e do controle. É o aprender através do fazer.
- **Aprendizagem 3: Aprender a Desaprender.** Corresponde ao maior nível de reorganização do conhecimento ou “mudanças em direção à sabedoria”. Mas, é um estágio onde se correm grandes riscos por “incompreensão”, “loucura”, etc. Desestruturação de todo o aprendido anteriormente.

Para Bateson, grande parte do conhecimento humano normalmente tem fluído entre os níveis zero e dois, considerando este último a característica do *homo sapiens*, mas que também tende a certas formas de condicionamento, como ocorre na socialização e na inserção a uma cultura ou a um paradigma científico ou intelectual. O nível três, “aprender a desaprender”, resulta particularmente interessante nesta pesquisa dado que surgiu da reflexão crítica de Bateson ao modelo da civilização moderna. Ele se perguntava se será possível superar o modelo mental da racionalidade instrumental dominante e evitar uma catástrofe ecológica de proporções “*pior que a de um grupo inteiro de nações*”. Para conseguir isso é preciso subverter e desestruturar os profundos condicionamentos perceptivos da aprendizagem nível 2 (Bateson, op. cit.).

Destaco que a reflexão epistemológica de Bateson está profundamente inspirada pelo desafio da questão da morte, em grande escala representada pela capacidade destrutiva do modelo civilizatório moderno, particularmente na dimensão ecológica. Mas, quando consultado sobre o que podemos fazer para desenvolvermos aprendizagens de nível três, Bateson propõe duas respostas:

- Na primeira destaca valorar os traços típicos do pensamento das crianças pequenas, onde o *ego* não está dominando o comportamento diante da realidade;
- Na segunda resposta, aposta que para poder desaprender seria valioso ampliar nosso repertório de hábitos, aprendendo daqueles desenvolvidos em culturas distantes e remotas à cultura ocidental.

Desta maneira, o projeto Machuca: Somos Todos UM parece apresentar certas condições interessantes relativas às sugestões feitas por Bateson para atingir aprendizagens de nível 3, entre elas, a presença de crianças pequenas (entre 0 e 6 anos de idade no caso da escola da periferia e da escola indígena) e pela presença da cultura indígena Guarani que permite refletir e problematizar vários dos pressupostos urbanos e ocidentais presentes tanto na escola pública da periferia como no colégio particular católico.

Capítulo V: OBJETIVOS e MÉTODOS.

O projeto “Machuca: Somos Todos Um” considerou a organização de um núcleo de educomunicação (rádio, televisão, internet, etc.) com crianças, familiares e educadores em cada uma das três escolas participantes. O diferencial desta experiência é poder pesquisar os benefícios que surgem da interação entre os três núcleos que configuram a rede intercultural (Paiva, 1978) de educomunicação e descrever as mudanças ao redor dos discursos sobre Ecologia e Cultura da Paz. Para isso, contamos com os numerosos registros audiovisuais do processo vivido nas três escolas, que favorecem as possibilidades da pesquisa qualitativa na análise dos dados. Os objetivos da pesquisa foram os seguintes:

Objetivo principal:

- Pesquisar os processos de integração e desenvolvimento sociocultural em três comunidades escolares de São Paulo através da criação de uma rede de educomunicação intercultural que dialoga sobre Ecologia e Cultura da Paz.

Objetivos secundários:

- Utilizar as mídias (rádio, internet, TV, etc.) a serviço do fortalecimento da identidade de cada comunidade escolar.
- Promover valores humanistas que celebrem a diversidade sociocultural, o valor da alteridade e a consciência ecológica a través de vivências entre as três comunidades.
- Estimular e valorizar a participação das famílias nas vivências educativas das crianças³³.

Instrumentos/Procedimento da pesquisa:

5.1 O questionário das entrevistas individuais:

A partir do mês de maio de 2009, aproveitando o contexto de gravação de entrevistas radiais em cada escola, administrei um questionário-entrevista semi-estruturada que permitiu uma avaliação prévia aos encontros entre as três escolas, sobre diversos

³³ Este objetivo responde às dificuldades manifestadas pelos professores em conseguir melhorar a participação dos familiares dos alunos, fato que ocorre igualmente no CEU São Carlos como no Colégio Passionista.

tópicos relacionados à representação, às atitudes e à compreensão dos sujeitos sobre Ecologia e Cultura de Paz. Posteriormente, no mês de dezembro de 2009 foram realizadas as mesmas entrevistas, avaliando as condições de saída dos sujeitos para observar se depois das experiências operaram mudanças nos discursos e/ou atitudes que estejam relacionadas com as experiências vividas no projeto.

O questionário utilizado é composto das seguintes perguntas:

- a) O que você entende por Ecologia? Como avalia a situação da ecologia no Brasil? Dê um exemplo.
- b) Você sabe o que é “Cultura da Paz”? Ouviu falar? Como avalia a Cultura da Paz no Brasil? Exemplifique.
- c) O que você pensa sobre a “desigualdade social” no Brasil? Quais as possíveis soluções?
- d) Defina e dê um exemplo do que é para você:
 - uma pessoa “pobre”
 - uma pessoa “rica”
 - uma pessoa “bem sucedida na vida”
- e) Como você descreveria a vida das seguintes crianças:
 - crianças que estudam em um colégio particular católico.
 - outras que estudam numa escola pública da periferia
 - e outras que moram e estudam dentro de uma aldeia indígena.
- f) Quais são as suas expectativas com estes encontros?

5.2 O questionário de “consumo sociocultural”

Também forma parte do acervo de dados a aplicação de um questionário que foi entendido como “levantamento sobre consumo midiático e sociocultural” em crianças, adolescentes, famílias e educadores de cada uma das três escolas.

Esta ação foi realizada no mês de março e abril de 2009, mas foi inspirada em uma primeira aplicação de caráter experimental realizado no segundo semestre de 2008 pelo grupo de estudantes que participamos do Núcleo de Educomunicação do Projeto Lab-Arte, iniciativa que oferece diversos espaços para vivências e experimentação em arte & cultura na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) e coordenados pelo professor Marcos Ferreira Santos³⁴.

No caso da aplicação feita nas escolas participantes em 2009 no Projeto MACHUCA, a primeira razão para utilizar o questionário foi como uma boa justificativa para inaugurar os primeiros vínculos entre o projeto e as comunidades (“quebrar o gelo” e seduzir), mas também poder conhecer parte do “*universo audiovisual*”³⁵ de consumo de mídia nos participantes de cada uma das três escolas (programas de TV favoritos, rádio, livros, internet, etc.).

O questionário foi assumido com entusiasmo pelos professores e conseguiu ser respondido por mais de 100 pessoas entre crianças, adolescentes, educadores e familiares nas três escolas participantes do projeto, visibilizando interessantes diferenças aparentemente relacionadas com gostos e contextos socioculturais diferentes das escolas, mas também indicando interessantes convergências e consensos. O questionário continha as seguintes perguntas:

- 1- Quais são os seus programas de T.V. favoritos hoje?
 - 2- Quais são os três filmes que você mais gostou de assistir?
 - 3- Quais são as três músicas que você mais gosta de ouvir?
 - 4- Quais são os três cantores ou bandas preferidas?
 - 5- Quais são seus heróis/ídolos da T.V?
 - 6- Imagine que você tem acesso livre à internet. Quais seriam os sites (assuntos) que você gostaria de visitar?
 - 7- O que você mais gosta de ler?
- () Livros. Quais? _____

³⁴ Ver em http://marculus.net/lab_arte.html

³⁵ Parafrazeado da mesma maneira como Paulo Freire enfatizava a importância dos educadores conhecerem o “universo vocabular” dos educandos e sua realidade local antes de iniciar um processo de alfabetização.

- () Revistas. Quais? _____
() Gibis. Quais? _____
() Jornais. Quais? _____
() outros. Quais? _____

- 8- Imagine que você encontra uma lâmpada mágica e aparece um gênio que oferece a você um único desejo para que alguém famoso (da mídia) visite sua escola. Quem você gostaria que viesse?

O questionário aplicado somente sofreu duas modificações em função de poder adaptá-lo melhor a uma população ou situação específica.

Uma aconteceu no contexto da aplicação realizada na aldeia Guarani as que foram sugeridas pelos próprios professores da escola Djekupe Amba Arandu em relação a incluir elementos da cultura Guarani M’byá (cantigas preferidas, artesanato, tempo livre, jogos, etc.)

A segunda interessante alteração, mas também nascida das experiências do Lab-Arte da FEUSP em 2008, refere-se à aplicação do questionário com adultos, situação na qual se acrescentou uma última pergunta específica para esse grupo etário. A pergunta foi:

- Qual é o seu “PECADO MIDIÁTICO”... CONFESSA!!

O “Pecado Midiático” resultou em uma interessante discussão entre educadores e familiares sobre o tipo de filmes, músicas, programas, etc. que as pessoas adultas gostam de assistir, mas que sabem que não é “politicamente correto” falar abertamente sobre isso. Portanto, são consumos de mídia que preferem ser mantidos com certa cautela diante de outras pessoas.

Curiosamente, observamos certa tendência em pessoas com maior grau de educação formal (professores ou profissionais), que foram as que mais se complicaram na hora de responder, optando com frequência por respostas politicamente corretas, tipo “*TV Cultura*” ou similares. Pelo contrário, as pessoas com menos educação formal, tanto na periferia como na aldeia indígena, levaram com bastante mais humor e descontração, e *confessavam* sem problemas seu gosto secreto pela música sertaneja, pela música brega, ou por programas de fofocas na TV, etc.

O questionário será tratado em outro lugar como parte dos resultados da pesquisa.

5.3 Os Sujeitos:

O atrativo de um projeto de rádio e televisão nas escolas provocou como era previsto, um grande número de entrevistas, número que foi diminuindo durante o processo de seleção e conformação das equipes de cada escola. Para os fins da pesquisa finalmente considere:

- Cinco (5) pessoas participantes das vivências do projeto, entre crianças, familiares e educadores, de cada uma das três escolas participantes, 15 pessoas ao todo, as que foram consideradas na análise final da pesquisa.

5.4 Cronograma de atividades e encontros:

Segundo as metodologias participativas que inspiraram as experiências de rádio na favela La Legua em Santiago do Chile, foi fundamental o período de “negociação” (Villasante, 2006) com as comunidades educativas de maneira de explicitar a eles a proposta do projeto MACHUCA e apreciar as condições que cada grupo apresentou para poder participar do projeto.

Esta fase procurou também observar os adequados cuidados éticos da pesquisa, entre eles, enfatizar a adesão voluntária e o consentimento informado de todos os participantes especialmente relativo ao uso de imagens com crianças.

- Durante o mês de março de 2009 cada uma das três escolas realiza reuniões semanais para conformar os núcleos de educomunicação através de atividades de criação, gravação e edição de programas de rádio, TV, internet e jornal. Seguiu a reprodução dos produtos realizados, a avaliação crítica pelo grupo produtor, visando definir tanto a linha editorial (identidades) de cada grupo, e o planejamento das seguintes atividades, assim como modificações na dinâmica grupal (disciplina, avaliações, resolução de conflitos, etc.).

- A partir do mês de junho de 2009 as produções midiáticas dos três núcleos ficaram disponíveis no site especificamente construído para o projeto,

www.projetomachuca.com.br, o qual abriga também os blogs de cada uma das escolas participantes.

- No mês de maio iniciamos a série planejada de seis encontros entre as três escolas com intercâmbios culturais e esportivos. Os três encontros do primeiro semestre foram:

- ✓ Dia 26 de maio de 2009 encontro das escolas na aldeia Guarani do Jaraguá.
- ✓ Dia 17 de junho encontro no Colégio Passionista São Paulo da Cruz.
- ✓ Dia 23 de junho no CEU Parque São Carlos.

- Todas as vivências foram registradas áudio-visualmente e posteriormente trabalhadas pelos núcleos em cada escola para produzir programas a serem transmitidos para a comunidade e alimentar o site e os blogs de cada unidade³⁶.

- No mês de Julho de 2009 iniciamos o primeiro período de avaliação e projeção das atividades para o segundo semestre. Estas atividades incluíram:

- ✓ Avaliações com as crianças e adolescentes dos núcleos de educomunicação relativas á experiência vivida.
- ✓ Reuniões com o diretor regional de educação de São Miguel e a equipe de gestão do CEU Parque São Carlos para ampliar a experiência a todas as unidades do CEU.
- ✓ Coordenação com diretoras, coordenadores e professores das três escolas para avaliar as forças e fraquezas da experiência.
- ✓ Cerimônias de festejo e premiação dos núcleos de crianças, adolescentes, educadores e pais participantes dos núcleos de educomunicação de cada uma das escolas pelo bom andamento do cronograma acordado.

³⁶ No site www.projetomachuca.com.br ver os vídeos na pagina “assista rádio e TV”. Também em DVD anexo.

SEGUNDO SEMESTRE (agosto-dezembro 2009):

- No mês de agosto realizamos uma segunda chamada aos estudantes das escolas do CEU Parque São Carlos e Aldeia Guarani para se integrar aos núcleos de educomunicação. Correspondeu definir o devido processo de seleção e recebimento dos novos integrantes.

-No mês de setembro iniciamos a segunda rodada de encontros entre as escolas, que em principio seguindo iria seguir a mesma ordem do semestre anterior: aldeia Guarani do Jaraguá, Colégio Passionista e CEU Parque São Carlos. Porém, o Colégio Passionista finalmente não participou dos re-encontros, por motivos que serão tratados e analisados em outro lugar. O re-encontro aconteceu entre a aldeia Guarani que recebeu um ônibus com as crianças e adultos do CEU Parque São Carlos.

- No mês de outubro realizamos o último encontro das escolas realizado como encerramento no CEU Parque São Carlos. Participaram a Aldeia Guarani do Jaraguá e a equipe de educomunicação do CEU Parque São Carlos.

- Existiu no cronograma original a proposta de realizar no mês de novembro de 2009 de realizar um retiro ecológico com as equipes de educomunicação das três escolas em alguma reserva natural durante três dias visando propiciar uma vivencia ecológica mais profunda dirigido particularmente às crianças, familiares e educadores mais comprometidos dos núcleos de educomunicação. Esta atividade não se realizou, mas ainda será abordada posteriormente como parte das projeções surgidas nas entrevistas sobre a continuidade do projeto em 2010.

- No final do mês de novembro e primeira semana de dezembro de 2009, após o encerramento das atividades escolares foram realizadas novamente as entrevistas a quase todos os mesmos sujeitos que participaram das avaliações do mês de maio. Algumas pessoas entrevistadas no primeiro semestre não puderam participar das entrevistas por diversos motivos, mas seus lugares foram preenchidos com outros sujeitos de participação destacada nas atividades do projeto.

PARTE II

DESCRIÇÃO DA PESQUISA

Capítulo VI: AS TRÊS INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES.

O projeto envolveu o estudo da interação de três comunidades educativas da cidade de São Paulo com realidades socioeconômicas e culturais significativamente contrastantes:

- ❖ **CEU Parque São Carlos:** unidade pública de ensino localizada em São Miguel Paulista, zona Leste da cidade de São Paulo que atende grande número de crianças e famílias em situação de precariedade sócio-econômica.

- ❖ **Colégio Passionista São Paulo da Cruz:** Colégio católico particular administrado pelas Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz, localizado no bairro de Tucuruvi, zona Norte da cidade.

- ❖ **Aldeia Guarani do Jaraguá:** Localizada há mais de trinta anos nas proximidades da área do Parque Estadual do Pico do Jaraguá em São Paulo, a aldeia Guarani M’byá inaugura em 2004 o **CECI** (Centro Educacional e Cultural Indígena), local que busca preservar a educação tradicional Guarani atendendo a crianças entre 0 a 6 anos de idade. A aldeia também conta com a Escola de Ensino Fundamental **DJEKUPE AMBA ARANDU**, administrada por professores indígenas formados pela Universidade de São Paulo, que oferece aulas da 1ª até a 7ª série.

6.1 CEU PARQUE SÃO CARLOS:

O Centro Educacional Unificado Parque São Carlos foi construído numa área de risco social que junto a outras áreas da cidade de São Paulo foram identificadas no Mapa de Exclusão Social (Sposati, 1995). A finalidade da construção dos CEUs respondeu a antigos anseios de oferecer às comunidades em situação de vulnerabilidade social uma educação de qualidade com esporte, cultura e lazer.

Porém, para contextualizar de melhor a significância da chegada do CEU ao bairro do Jardim São Carlos, em São Miguel Paulista, é preciso considerar as contingências histórico-políticas que formam o acervo de memórias dos moradores do bairro. As informações que seguem foram tomadas do trabalho de recopilação e levantamento histórico do bairro³⁷ realizado pela professora Ana Lúcia da Silva e pela bibliotecária Leonor Marques da Silva, ambas moradoras do bairro de São Carlos, que descreve grande parte da gênese do bairro de São Carlos a partir do depoimento do dirigente “Chico Terra”.

São Miguel Paulista é um dos bairros mais antigos da cidade de São Paulo, criado por volta de 1560, apenas seis anos após a fundação da cidade pelos padres jesuítas Manuel de Nóbrega e José de Anchieta em 1554. A fundação de São Miguel teria sido liderada por índios Guaianases que abandonaram o colégio dos jesuítas para viver na região de Ururáí, à beira do Rio Anhembi. Contam que o nome de São Miguel Paulista seria o nome da capela construída pelo Pe. Anchieta, dedicada ao arcanjo São Miguel que, sendo um arcanjo guerreiro, motivou grande admiração e devoção entre os índios.

Na década de 1930 o bairro começa a viver o rápido processo de expansão urbana dos bairros da periferia paulistana. Naquela época, o setor funcionava como um verdadeiro “bairro dormitório” para os trabalhadores migrantes do Nordeste e será com a chegada da estrada de ferro (1932) e a instalação da fábrica Nitroquímica (1935) que o bairro adquire suas características mais propriamente urbanas ao atrair grandes massas de trabalhadores.

A história mais recente que narra o nascimento do bairro do Jardim São Carlos, localizado no interior do distrito de São Miguel Paulista, está fortemente ligada às lutas

³⁷ Artigo sem publicar apresentado para o concurso literário “História do meu bairro, história do meu município” com a história da biblioteca Barbosa Lima Sobrinho do CEU Parque São Carlos.

pela moradia e ocupações de terreno, principalmente no ano de 1987 entre os meses de fevereiro e abril.

“Foi um trabalho da comunidade de base... Começamos a organização da comunidade pela Favela da Vila Penha e Vila Cisper, Jardim Robru, Cangaíba, Nossa Senhora Aparecida da Ponte Rasa, Nossa Senhora Aparecida de Ermelino Matarazzo, Burgo Paulista e Três Marias. Éramos 3.200 famílias ocupando os espaços onde hoje é o bairro Jardim São Carlos”

(Chico Terra, dirigente do movimento da ocupação)

A ocupação acontece no contexto político do governador Franco Montoro e do Prefeito Mario Covas tendo importante apoio dos padres da Igreja de São Miguel e sua equipe de Direitos Humanos.

Outro fato interessante foram os confrontos sócio-culturais que ocorreram durante o processo de nascimento do bairro quando as famílias que participavam da ocupação de terreno sofreram discriminação por parte das escolas da região:

“Elas [as escolas] não queriam aceitar nossos filhos como alunos, alegando que eram favelados, não sabiam como comportar-se em um estabelecimento educacional.”
(Op. cit.)

Mas, finalmente, e após vários protestos organizados diante na Delegacia Regional de Educação, as vagas para as crianças da ocupação foram garantidas nas escolas. Este dado revela uma tensão ainda vigente que guarda relação com o estigma e a discriminação social dentro dos próprios bairros populares compostos predominantemente por pessoas que moram em favelas ou cortiços.

Após a vitória da ocupação, em 1987, ao mesmo tempo em que houve a regularização dos terrenos e das construções dos primeiros conjuntos habitacionais, veio

CENAS DA OCUPAÇÃO - 1987



um difícil processo de adaptação cidadã dos moradores, que deviam abandonar hábitos próprios da cultura marginal e assumir agora o custo da nova condição de cidadania.

“Trouxeram para o conjunto habitacional os mesmos hábitos da favela e foi muito difícil mudar estas posturas” (Op.cit.)

Hábitos que antes eram desconhecidos, como o pagamento de contas de luz e de água, levou a uma lenta transformação, não sem resistência por parte de alguns moradores. A resistência, pouco a pouco, cedeu à nova estrutura do bairro.

A construção do CEU Parque São Carlos, como mencionado anteriormente, esteve orientada pelo mapeamento da exclusão social realizado por Sposati (1995), que identificou algumas das áreas de maior risco social na cidade de São Paulo. O projeto de construção e de funcionamento dos Centros Educacionais Unificados foi concretizado no ano de 2001 pela Secretaria Municipal de Educação (SME), da Prefeitura de São Paulo, sob a administração da prefeita Marta Suplicy. Porém, é importante destacar que o projeto CEU possui profundas raízes e inspirações no projeto arquitetônico da Escola Parque, ação idealizada pelo educador Anísio Teixeira, entre os anos de 1948 e 1952, que continha várias das noções de uma educação profissionalizante em tempo integral dirigida à população carente³⁸, propostas que foram adotadas no projeto pedagógico original dos CEUs.

Herdeiro dessas idéias pioneiras, os CEUs nascem como um projeto inter-secretarial durante a gestão de Marta Suplicy, em São Paulo, e considerou as consultas populares realizadas por meio do Orçamento Participativo para definir suas primeiras localizações.

Os CEUs possuem teatro, piscinas, telecentro (informática e internet), salas de dança, entre muitas outras inovações, além das unidades de ensino, num esforço único para oferecer educação, lazer e cultura nas áreas de risco social onde se encontram localizados.

Esta iniciativa, no entanto, não está isenta de críticas, sendo uma das mais conhecidas a que se refere aos altos custos que significam a construção e a administração de estruturas educacionais desse porte localizadas em áreas de risco social. Porém, já no ano de 2009, os CEUs adquiriram um amplo reconhecimento de vários setores da população, inclusive de antigos opositores da gestão Suplicy, que agora apóiam a continuidade e a construção de novos CEUs na cidade, valorizando os resultados

³⁸ Ver mais detalhes em http://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Educacional_Unificado

associados aos investimentos realizados em prol de uma educação de qualidade nas áreas de precariedade social.

Diversas atividades de lazer e cultura são conduzidas de segunda-feira a domingo por educadores, oficinairos e administrados por meio de um sistema de parcerias com várias ONG’s que executam projetos específicos. Estas ações comumente se concentram no horário chamado Período Integral (P.I.) atendendo crianças que estão fora do seu horário escolar.

As unidades educativas que funcionam no interior do CEU Parque São Carlos são as seguintes:

- C.E.I CEU Parque São Carlos: Centro de Educação Infantil, que oferece vagas para lactantes (a partir de 1 mes de vida) até crianças de 2 anos de idade.
- EMEI “Dr. Carlos Orivaldo”, que oferece educação infantil para crianças a partir de 3 anos até 6 anos de idade.
- EMEF, que oferece ensino fundamental de 1ª a 8ª série para crianças a partir dos 7 anos em diante. Esta unidade também oferece Educação de Jovens e Adultos (E.J.A) e funciona no horário vespertino.

Atualmente o CEU Parque São Carlos atende aproximadamente 2000 pessoas entre crianças, adolescentes e comunidade em geral.

6.2 ALDEIA GUARANI DO JARAGUÁ:

Com o objetivo de atingir uma maior compreensão histórica a respeito das aldeias indígenas Guarani M’byá, localizadas perto da cidade de São Paulo, e dos processos que levaram a se solicitar a construção do CECI (Centro de Educação e Cultura Indígena) e da Escola Estadual DJEKUPE AMBA ARANDU, parece-me valioso contextualizar aqui alguns elementos da história da etnia Guarani M’byá.

Segundo Maria Inés Ladeira (1988), na época da chegada dos europeus, os Guarani ocupavam uma área que se estendia do Chaco paraguaio e do Atlântico brasileiro, próximo do atual Estado do Rio Grande do Sul, até o litoral de Cananéia em São Paulo.

“Ao longo do século XIX, eles avançaram para o leste em duas rotas: uma, atravessando o extremo norte do território argentino (Província de Misiones), penetrando o território brasileiro pelo Rio Grande do Sul deslocando-se rumo ao norte, onde formaram os aldeamentos de Rio Branco (SP), Boa Esperança (ES) e Boa Vista, em Ubatuba (SP); a outra, que veio do Paraguai, passou pelo Paraná, onde se formaram vários aldeamentos (Palmeirinha, Rio das Cobras etc...) e que, mais tarde, seria responsável pela maior parte da população Guarani M’byá dos aldeamentos de São Paulo e Rio de Janeiro”. (Ladeira, M.I., Op.cit.).

O povo Guarani é um dos mais antigos e dos mais numerosos do Brasil, com cerca de 40 mil membros. Sendo um grupo fundamentalmente nômade, possuem parentes numa grande área do cone sul Latino-Americano, particularmente Bolívia, Paraguai, e Argentina. Existem três grupos Guarani: Nhandeva, Kaiowá e M’byá, e todas pertencem à família lingüística Tupi-Guarani. A grande maioria do povo Guarani Kaiowá está localizada no Mato Grosso do Sul e no Paraguai. A população Guarani M’byá no Estado de São Paulo, segundo o levantamento realizado no ano de 1998, é de 1.251 M’byá, 415 Nhandeva e 10 kaiowá (Ferreira, 1999).

Existem três aldeias Guarani da etnia M’byá localizadas nas áreas mais próximas da grande São Paulo, que enfrentam sérios desafios derivados da falta de acesso a recursos naturais e com o crescimento incessante da cidade, com a conseqüente pressão cultural urbana não-indígena. As lideranças Guarani expressam particular preocupação pelas crianças e adolescentes cada dia mais expostas à cultura não-indígena, especialmente

através da influência dos meios de comunicação, televisão, rádio, etc. O uso cada dia maior do Português, em detrimento do uso da língua materna Guarani, vai acompanhado de condutas que refletem um preocupante desinteresse dos jovens pelos hábitos e tradições Guarani (Pio, Para Mirim & Poran, 2008). Dentre essas condutas, uma das mais sentidas pelos adultos é o distanciamento dos jovens dos rituais celebrados na *Opy* ou “casa de reza”, o centro espiritual e social mais importante da cultura Guarani M’byá.

A educação tradicional Guarani esta baseada no *Nhande Reko* ou “modo de Ser Guarani”. Pelo fato de ter perdido grande parte das terras e recursos naturais que outrora ocupavam desde tempo milenar, a transmissão do conhecimento Guarani vem sofrendo grandes alterações e deturpações. No âmbito econômico, esta falta de acesso aos recursos naturais, não só afeta culturalmente ao povo Guarani no *Nhande Reko*, enquanto produção de bens simbólicos, mas também afetou gravemente a qualidade de vida comprometendo a saúde e a alimentação das famílias das aldeias.

Carentes de espaço suficiente e de acesso a recursos naturais, as aldeias Guarani M’byá têm na produção e venda de artesanato sua única fonte de obtenção de recursos para a sobrevivência. Segundo informação de profissionais da SME que coordenam ações no CECI, até o ano de 2003 a renda mínima de cada família era aproximadamente de R\$30, o que descreve em parte a situação de precariedade e miséria que esse grupo vivia.

A falta de espaços adequados para a caça, a pesca, aliado à agressiva poluição dos rios e a intensa diminuição das áreas de mata Atlântica paulista, afeta gravemente as possibilidades de subsistência dos moradores da aldeia Guarani do Jaraguá, dada sua maior proximidade da cidade de São Paulo, apresentando escassas condições de saneamento básico. No ano de 2000, índices preocupantes de desnutrição e morte infantil foram encontrados.

A paisagem da aldeia indígena Guarani do Jaraguá contrasta significativamente com as representações típicas de um espaço ocupado por um grupo indígena. Enquanto outras aldeias ainda mantêm pequenos acessos a áreas de mata Atlântica e as casas conservam o estilo das ocas tradicionais, no caso da aldeia do Jaraguá a imagem mais parece com um “favelão”, com precárias construções feitas de restos de madeira, pedaços de telhas de amianto e chão de terra batida. Uma rodovia de grande tráfego de automóveis e carretas, a

Rodovia dos Bandeirantes, passa junto ao muro que demarca o terreno da aldeia Guarani do Jaraguá.

Em razão das dificuldades econômicas relacionadas com a crescente influência urbana e não-indígena, as lideranças Guarani solicitaram à SME a construção dos CECI com o objetivo de preservar os costumes e os valores de seus antepassados, ao mesmo tempo para poderem garantir melhores condições de saúde e de alimentação para as famílias que ali vivem.

Segundo consta no documento “Proposta Político-Pedagógica”³⁹ da Secretaria Municipal de Educação (SME) de São Paulo, foi no ano de 2001 que um grupo de lideranças indígenas da etnia Guarani M’byá da cidade de São Paulo contataram a SME solicitando a construção de um centro de educação diferenciado que permitisse preservar e fortalecer as raízes da educação e cultura Guarani. Após a acolhida a proposta pelas autoridades da época, inicia-se um processo que terminaria com a construção e inauguração dos CECI, Centro de Educação e Cultura Indígena, no ano de 2004.

Estes centros foram construídos em três comunidades Guarani M’byá na cidade de São Paulo:

- Aldeias *Tenondé Porã* e a aldeia *Krukutú*, localizadas no distrito de Parelheiros.
- Aldeia Guarani do Jaraguá, no distrito de Pirituba.

No caso específico da aldeia do Jaraguá, nessa localidade moram em verdade duas aldeias, as aldeias *Tekoa Ytu* e *Tekoa Pyau*, “aldeia da cachoeira” e “aldeia nova”, respectivamente ou, comumente referidas como “aldeia de baixo” e “aldeia de cima”, em função da diferença de altura do terreno. O CECI foi construído especificamente no terreno da aldeia *Tekoa Pyau* (“aldeia de cima”) dedicado a preservar a educação tradicional Guarani para crianças entre 0 e 6 anos de idade.

Por outro lado, na aldeia *Tekoa Ytu*, “aldeia da cachoeira” ou “aldeia de baixo”, foi construída uma Escola Estadual Indígena, a Escola DJEKUPE AMBA ARANDU, que oferece educação diferenciada de 1ª a 8ª série, administrada por uma equipe de professores

³⁹ Ver documento na íntegra no portal da SME
http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Documentos/EducacaoInfantil/CECI/PPP_CECI.pdf

indígenas que participaram do Curso de Formação Intercultural Superior de Professores Indígenas oferecido pela Universidade de São Paulo.

Existem históricas tensões e diferenças políticas entre as duas aldeias, porém, apesar dessas diferenças, o trabalho do Projeto MACHUCA conseguiu ser desenvolvido com crianças e educadores das duas comunidades Guarani do Jaraguá.

O funcionamento do CECI foi estabelecido no ano de 2004 da seguinte maneira:

- Atendimento de crianças a partir dos 0 até 6 anos de idade.
- Equipe conformada por educadores indígenas da comunidade local.
- Aulas na língua materna Guarani como forma de preservação sociolingüística e preparação para a aprendizagem posterior do português como segunda língua.
- Currículo, programa e calendário voltado ao ciclo de atividades próprio da cultura Guarani M’byá.

É interessante observar que junto com os avanços e conquistas que advieram com a construção dos CECI no que se refere ao melhoramento da condição de vida das aldeias Guarani em São Paulo, estes fatos acarretaram também novas dificuldades e desafios.

No mês de Junho de 2004, ano da inauguração do CECI, o número de matrículas era de 80 crianças. Já no mês de Março de 2009 este número tinha aumentado para 145 crianças, da mesma maneira que o número de famílias morando na aldeia também aumentou. A principal razão alegada para tal crescimento foi o melhoramento das condições mínimas de sobrevivência somado à característica nômade do povo Guarani, de modo que muitos parentes de outras localidades ainda mais abandonadas socialmente acabaram por buscar as aldeias de São Paulo como alternativa.

Assim, o CECI no ano de 2009 apresentava novas dificuldades derivadas deste crescimento do número de famílias. Um exemplo está relacionado à instabilidade da energia elétrica no CECI fornecida pela empresa Eletropaulo que, por sua vez alegava que o plano original para satisfazer a demanda de energia elétrica tinha sido definido para um

número bastante menor de famílias que as que agora ali vivem. As novas famílias multiplicavam de maneira irregular o uso da energia elétrica com cada novo barraco (os famosos “gatos”) que ali são instalados. Ainda hoje, ao lado das questões relativas à demarcação definitiva do terreno ocupado (que ainda é de propriedade particular), essas dificuldades estão em processo de negociação entre as lideranças da associação indígena e as autoridades.

O Projeto MACHUCA: Somos Todos Um foi aceito pelas lideranças da aldeia como uma ação que permite reforçar não só os esforços pela preservação da cultura Guaraní M’byá, mas também visibilizar a situação de descaso e exclusão social que vivem os povos Guaraní que moram próximos à cidade São Paulo.

6.3 COLÉGIO PASSIONISTA SÃO PAULO DA CRUZ:

A informação aqui apresentada foi obtida majoritariamente pelos educadores do Colégio e seguindo as fontes recomendadas pelas autoridades do Colégio São Paulo da Cruz⁴⁰.

Fundado em 1934, o Colégio Passsionista São Paulo da Cruz é uma escola particular católica mantida pela Congregação das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz. O **Projeto Educativo Passionista** brinda as diretrizes principais da proposta educativa do Colégio, que busca “*uma formação cristã integral, multidimensional e equilibrada, sintetizada no lema que a define e caracteriza: educar para a vida, pelo amor e no amor*”.

O Colégio está localizado no bairro de Tucuruvi, Zona Norte da cidade de São Paulo e recebe estudantes para educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

No contexto histórico de sua fundação, o Colégio nasceu primeiramente a partir das necessidades das irmãs da congregação Passionista da década de 1930, em São Paulo, para encontrar um espaço para o descanso das irmãs mais debilitadas. Além disso, surge a necessidade de se desenvolver obras sociais que beneficiassem toda a comunidade. Foi assim que em 20 de janeiro de 1934, a Reverenda Madre Provincial, Annuciata Innanzi concretizou a compra do terreno no bairro de Tucuruvi, na Zona Norte da cidade de São Paulo, lugar que posteriormente abrigaria a construção do Educandário São Paulo da Cruz.

Aceleradamente, no mês de fevereiro do mesmo ano começam as atividades com apenas 64 alunos, mas para poder responder à grande procura de vagas, um prédio novo é inaugurado no mês de agosto desse ano, inaugurando a história do Colégio.

Outros aspectos interessantes para compreender a história do Colégio e a consolidação de sua identidade pedagógica e sócio-cultural no bairro de Tucuruvi ocorrem durante a década de 1970. No ano de 1972 deu-se o crescimento da oferta de ensino fundamental e se inaugura um novo prédio escolar. No ano 1973, ano da morte da fundadora, Madre Anuciata Innanzi, o Colégio já contava com 649 estudantes.

Na década de 1980, o crescimento avança em resposta ao aumento da procura por vagas no Colégio, sinal de reconhecimento do bairro pela qualidade de ensino e pela

⁴⁰ Especificamente referido ao site oficial da escola. Ver <http://www.passionista.com.br/saopaulodacruz/default.aspx?section=2&up=true>

proposta pedagógica passionista. Em 1982 as irmãs da congregação adquiriram um terreno anexo ao prédio original, o que permitiu ampliar o número de estudantes para 1057.

Na década de 1990 o colégio assume diversas modificações estruturais e de dinâmica educativa que buscaram convergir as necessidades de atualização tecnológica e de inovação pedagógica características do acelerado ritmo da vida paulistano. Assim, no ano de 1992 o Colégio enfatiza mais claramente sua opção por um vínculo mais próximo com os familiares dos estudantes e cria o espaço de Escola de Pais. Também é realizada a compra de uma propriedade no município de Mairiporã, onde foi inaugurado o Recanto Paulo da Cruz, espaço que conta com áreas verdes para auxiliar os processos formativos e ecológicos de toda a comunidade do colégio.

No ano de 1997 começa o Ensino Médio do Colégio Passionista, o que inaugurou uma nova época de ênfase na excelência acadêmica e no ideal de que os estudantes saiam diretamente do colégio para a faculdade.

A partir dessa época, a Pastoral da Juventude Passionista (PJP) começa a ter presença ativa na proposta de formação oferecida no Colégio, visibilizando os ideais da pedagogia passionista e buscando aprofundar as vivências e práticas da solidariedade e sensibilidade social nos estudantes.

Com esse objetivo de autonomia dos estudantes e na apropriação que esses fazem da proposta do Colégio, nasce o Educológico, um grupo organizado de estudantes dedicado a gerar ações de defesa do meio ambiente. O grupo estabelece formalmente sua organização e torna-se uma Organização Não-Governamental (ONG Educológico).

No ano de 2000 o Recanto Paulo da Cruz em Mairiporã é ampliado e transformado em Centro de Educação Ambiental, desenvolvendo diversos projetos e pesquisas sobre melhoria da qualidade do meio ambiente.

Em 2001 o Colégio oferece cursos técnicos no horário noturno, como Taquigrafia, Inglês empresarial, Assistente administrativo e Telemarketing.

O Colégio orienta seu trabalho atualmente no objetivo de responder às exigências de um padrão de alta qualidade de ensino acrescentado pelo cultivo de valores assumidos

como característicos do perfil do estudante passionista, tais como respeito, solidariedade e responsabilidade.

Entre as inovações mais recentes se encontram as Comunidades de Aprendizagem, espaços que oferecem a possibilidade de os estudantes da 7ª e 8ª séries e ensino médio explorarem em áreas alternativas ao currículo obrigatório. Áreas como Ecologia, Cultura Afro-brasileira, Rádio e TV, são algumas das comunidades que durante um período de três meses oferece novas linguagens e experiências educativas. Após esse período as comunidades voltam a serem re-organizadas para novos estudantes.

O interesse de alguns educadores das Comunidades de Aprendizagem do Colégio Passionista relativas à interface entre as questões ambientais e socioculturais permitiu que eu fosse convidado para apresentar o Projeto MACHUCA no Colégio. Foram necessários alguns esclarecimentos que se deram em reunião com os educadores do CEU Parque São Carlos e do Colégio Passionista relativos aos objetivos da pesquisa e do porquê o interesse da presença de um colégio particular de ensino, interagindo com uma escola pública da periferia e uma escola indígena Guarani. Após dita reunião, no mês de Janeiro de 2009, o coordenador pedagógico confirmou formalmente a participação de educadores e estudantes das comunidades educativas do Colégio Passionista nos encontros entre as escolas.

Capítulo VII: ANÁLISE DOS RESULTADOS

As entrevistas aqui são analisadas segundo a ordem das perguntas presentes no questionário aplicado para, assim, poder apreciar as opiniões das pessoas de cada uma das comunidades participantes no projeto. As primeiras entrevistas foram realizadas no mês de maio de 2009, antes do processo de encontros e visitas entre as três escolas.

Estas entrevistas foram realizadas no mês de Novembro de 2009 com pessoas das três escolas logo depois de realizados os encontros programados no Projeto Machuca. É importante lembrar que os encontros realizados foram:

- 1 Primeiro encontro realizado no dia 26/05, na aldeia Guarani do Jaraguá, que recebeu um ônibus do Colégio Passionista São Paulo da Cruz e dois ônibus do CEU Parque São Carlos.
- 2 Segundo encontro realizado no dia 17/06, no Colégio Passionista São Paulo da Cruz, que recebeu um ônibus do CEU Parque São Carlos e um ônibus da aldeia Guarani do Jaraguá.
- 3 Terceiro encontro realizado no dia 23/06 no CEU Parque São Carlos, que recebeu um minibus do Colégio Passionista e um ônibus da aldeia Guarani do Jaraguá.
- 4 Quarto encontro realizado no dia 23/09 na aldeia Guarani do Jaraguá, que recebeu somente o ônibus do CEU Parque São Carlos. O Colégio Passionista não participou deste encontro alegando compromissos em sua agenda interna.
- 5 Quinto e último encontro do ano realizado no dia 28/10 no CEU Parque São Carlos, que recebeu o ônibus da aldeia Guarani do Jaraguá. Novamente o Colégio Passionista não participou do encontro alegando dificuldades em sua agenda interna.

- 6 Importante, salientar, que fruto do entrosamento entre as equipes de educomunicação do CEU Parque São Carlos e da aldeia Guarani do Jaraguá, foi estendido o convite para que as crianças de ambas as escolas participassem da cobertura do II Congresso Ibero Americano de Cultura e Transformação Social, realizado no mês de novembro de 2009 no SESC Vila Mariana, em São Paulo. Ambas as equipes de crianças, a equipe da Rádio TV CEU e a equipe da Rádio TV Guarani Jaraguá, tiveram uma participação destacada como parte da Imprensa Jovem organizada pelo programa “Nas Ondas do Rádio⁴¹” (programa herdeiro do Educom.rádio) da Secretaria Municipal de Educação (SME) de São Paulo, fortalecendo não só o trabalho das crianças de ambas escolas mas também seus laços de amizade.

Nas duas ocasiões da realização das entrevistas, tanto no mês de maio quanto no mês de novembro, seguiu-se o mesmo roteiro do questionário original com algumas leves variações em função de poder aprofundar ou esclarecer algum assunto em particular surgido no percurso da entrevista.

A seguir, apresento a análise das respostas das pessoas das três comunidades seguindo a mesma ordem e estrutura das perguntas tal e como estavam no questionário aplicado. Não foi possível que todas as pessoas entrevistadas antes dos encontros fossem as mesmas nas entrevistas pós encontros. Porém, quando esse for o caso, será dada a necessária ênfase nesse aspecto para apreciar que tipo de mudanças se verifica na resposta do entrevistado/a.

Para uma compreensão mais detalhada dos depoimentos de cada um dos entrevistados sugiro a leitura da transcrição completa das entrevistas no Anexo I.

⁴¹ Ver mais detalhes em www.blogandonasondasdoradio.blogspot.com

1. O que você entende por Ecologia?

Em relação com esta primeira questão, os resultados parecem evidenciar certas tendências. Uma delas, é que o conceito de ecologia com frequência não parece ser familiar, tendo que ser elaborado posteriormente, a partir de noções ou imagens relacionadas a recursos naturais (“plantas”, “natureza”, “matas”, “verde”), mas é visível que o conceito ainda se mantém sem uma definição muito clara.

- No CEU São Carlos somente alguns adultos, familiares e educadores elaboram uma resposta mais completa, porém, raras vezes, com certeza sobre o que o conceito realmente significa. As crianças entrevistadas, majoritariamente, não sabem definir o conceito. Nas entrevistas pós-encontros surgem algumas mudanças nas respostas das crianças que mostram a aquisição de elementos para permitirem uma resposta, por exemplo, “*estudo do meio ambiente*”.

- No caso do Colégio Passionista, constata-se maior elaboração das respostas e um melhor conhecimento do conceito. Os alunos evidenciam estarem mais embebidos da terminologia acadêmica sobre ecologia em função de atividades desenvolvidas pelo colégio, particularmente pela mencionada ONG “Educológico”. Nas respostas aludem, com frequência, à associação entre ecologia e “*reciclagem*”, e “*tratamento do lixo*”, e secundariamente, a “*poluição*” e “*desmatamento*”.

- No caso da aldeia Guarani é mais evidente a dificuldade de dar uma resposta precisa sobre o que significa ecologia, fato que visto tanto entre adultos quanto entre crianças. Esta peculiaridade pode obedecer a razões específicas em que o termo ecologia não forma parte do conhecimento Guarani, porém, sendo paradoxal que o povo da aldeia Guarani do Jaraguá é frequentemente convidado a participar em palestras e eventos ecológicos. Segundo a coordenadora do CECI, eles (os Guarani) participam desses eventos pela fama de “guardiões da mata atlântica”, mas sem que isso signifique maior consciência do que a ecologia significa como conceito ou disciplina, tanto porque a ecologia como conceito comporta uma preocupação de cunho não-indígena. Uma exceção a esta regra é a educadora Po (ver anexo I, p. 11), que utiliza definições mais acadêmicas, marcando uma

diferença importante que revela maior contato com a cultura urbana Juruá (a nossa). De fato, a educadora Po, à diferença dos outros educadores, é uma indígena mestiça, com maior contato com a cultura urbana que com a cultura Guarani M’byá, fato que deve ser considerado ao analisar a qualidade de suas respostas, com argumentos mais elaborados, e mais próximos da lógica de pensamento não-indígena. Os outros entrevistados na aldeia indígena, particularmente os educadores W, Al e as crianças C, Ma e Jo, revelam um ar de inocência e ingenuidade bastante característicos, marcado pela forte presença e predomínio da tradição Guarani M’byá.

De maneira geral, a maioria dos entrevistados avaliam negativamente o estado da ecologia no Brasil lembrando fatos como o desmatamento, a poluição das águas, entre outros. Em relação com as possíveis soluções, as crianças com frequência adotam soluções focadas na conduta desejada, como “*não jogar lixo na rua*”, “*não poluir*”. E outras de tipo legislativas ou coercitivas como “*fazer uma lei pra quem jogue lixo na rua*”, “*colocaria uma cerca ao redor da floresta*” (aluna La, ver em anexo I).

Porém, apesar da insistência em fatores externos e relacionados com os aspectos no meio físico ambiental, existem interessantes exceções como a educadora A do CEU que nas entrevistas pré encontros indicou que as soluções respondem a elementos de índole subjetiva “*Não consumir da mesma forma, pensar mais em Ser que ter... será muita utopia? (risadas)*”(educadora A, CEU São Carlos).

2. Você sabe o que é “Cultura da Paz”? Ouviu falar?

Nesta questão, ao contrário do que aconteceu com ecologia, o conceito é abordado com bastante mais facilidade, a maioria das vezes sem atingir uma definição mais formal (a declaração das Nações Unidas de 1999), exceto no caso de dois educadores, Fa do CEU São Carlos. O conceito, na maioria das respostas, foi definido de maneira negativa, ou seja, que a cultura da paz existe como uma ação que busca responder à violência, discriminação e racismo, entre outros aspectos. Entre as soluções propostas que se demonstraram convergentes entre as três comunidades está a proposta do uso da mídia, palestras e eventos. Nas entrevistas pós-encontros, o próprio projeto Machuca.

- No CEU Parque São Carlos as crianças respondem negativamente, associando o conceito com os problemas de brigas e violência que vivem diariamente na sua escola. O mesmo ocorre no caso dos adultos, que usam expressões como “preconceito” “racismo”, “discriminação”, situações que legitimam a necessidade de uma cultura de paz.

- No Colégio Passionista existe também uma associação do conceito ao combate à violência urbana. A estudante Ja explicita um sentido ligado à prevenção do uso de álcool e drogas por parte dos adolescentes, fato que seria causa importante da violência urbana. Porém, a educadora C, desenvolve uma visão bastante mais elaborada e crítica em relação à Cultura da paz, como possível risco de ser um discurso social ingênuo, que oculta as graves desigualdades e injustiças que estariam na base da violência no Brasil e no mundo.

“...tem que tomar cuidado quando você fala de cultura da paz assim como ecologia, as pessoas dizem “ah! Plantar árvores, que bonitinho” e não!, tem por trás interesses econômicos, interesses políticos...” (educadora C, colégio Passionista).

- No caso da aldeia indígena Guarani, interessante a fala da educadora Po na entrevista pré-encontros, onde novamente expõe argumentos que diferenciam suas opiniões, mais elaboradas que os outros entrevistados na aldeia. A educadora aponta para o abandono do governo e a criação de áreas de risco social. E no contexto de uma cultura de paz, exemplifica com tensões que acontecem no interior da aldeia *“eu acho que as lideranças deveriam se adaptar ao novo tempo. Precisamos mudar algumas regras... por exemplo, não deveria ter mais casamento cedo, isso que a criança com 13 anos já tem que escolher marido e é obrigada a se casar, ter filho”* (educadora Po, aldeia Guarani). Os outros entrevistados mencionam respostas bastantes mais simples, relacionadas às condutas que a cultura de paz busca erradicar, “violência, brigas, etc.”

3. O que você pensa sobre a “desigualdade social” no Brasil? Quais as possíveis soluções?

As crianças tiveram dificuldade em responder afirmando desconhecerem o termo. Após uma pequena ajuda, no entanto, utilizando exemplos simples e objetivos, conseguiam reconhecer a existência de desigualdades e elaboraram respostas. Houve, em geral, uma interessante tendência a associar o termo desigualdade social a questões relativas à discriminação e ao preconceito racial, como também à existência de ricos e pobres na

sociedade brasileira. A percepção de crianças e adultos foi do Brasil como um país ainda com profundas desigualdades sociais.

Em um sentido mais amplo de análise, é possível complementar os dados das respostas sobre ecologia, cultura da Paz e desigualdade social, concordando com os resultados do estudo realizado por Antonio Carvalho (2004), que pesquisou os conceitos de *ambientalismo superficial* e *ecologia profunda* em 385 estudantes de ensino médio de São Paulo. O estudo indagou sobre qual seria a conceituação de ecologia entre estudantes e os enfoques dados à questão ambiental.

Para esse propósito, elaborou-se um questionário adaptado com diferentes itens que seguem a proposta de Félix Guattari (1989) sobre as Três Ecologias. Cada questionário continha certo número de itens ligados a:

- Ecologia física (extinção de espécies, desmatamento, efeito estufa, etc.).
- Ecologia social (relação homem/mulher, violência urbana, consumismo, falta de convívio familiar, etc.)
- Ecologia mental (angústias, sonhos, criatividade, sensibilidade, sentido da existência humana, etc.).

Os resultados são interessantes uma vez que confirmaram que *“visivelmente as escolhas recaíram, na grande maioria dos casos, sobre os itens relacionados à ecologia física. Nossos alunos entendem... que a compreensão das questões ambientais se dá por meio do estudo de problemas como poluição e desmatamento, e não das angústias, delícias, desejos e sonhos de cada um. Tampouco os aspectos sociais foram relevados, pois, para os estudantes, a relação homem-mulher, a falta de convívio familiar, pouco se relacionam com as questões ambientais.”* (A. Carvalho, 2004, p.93)

A partir das três primeiras questões das entrevistas, relativas a ecologia, à cultura da Paz e à desigualdade social, observamos também uma tendência a definir a ecologia em termos de ecologia física e mantendo-se como uma “coisa diferente” ou separada das questões sociais.

Porém existem notáveis exceções, por exemplo, a educadora A do CEU São Carlos, na entrevista pré-encontros indica que a solução para a questão ecológica é “*Não consumir da mesma forma, pensar mais em Ser que ter... será muita utopia? (risadas)*”

E a educadora Fa do CEU São Carlos nas entrevistas pós-encontros indica que o problema da questão ecológica é “*que cada um deveria se conhecer mais para entender seus limites, qual que é sua verdadeira intenção aqui no Brasil, no mundo... que tenha a ver com seus sonhos, seu trabalho, sua vida.*” (educadora Fa, CEU).

Outra bela exceção é a resposta de Ge, moradora da aldeia Guarani, que afirmou na entrevista pré-encontros que Cultura da Paz é “*poder viver assim tranquilamente com a natureza... é ter paz... porque se você não tem paz com você, não vai ter paz com a natureza.*” (GE, mãe de aluno aldeia Guarani)

Todas estas respostas exemplificam uma visão de *ecologia profunda*, que interpela as questões ontológicas e subjetivas que estariam na base da crise ecológica.

- No caso do Colégio Passionista, nas entrevistas pós-encontros, tomei a liberdade de perguntar explicitamente sobre se a questão da violência nas escolas e no mundo poderia ser também uma questão ecológica. Após uns segundos de dúvida, o grupo afirmou que “*...as duas coisas estão ligadas (ecologia e cultura da paz), e tudo que tem a ver com o respeito, tem a ver com tudo, com todos os elementos que tem na Terra.*” (aluna L, colégio Passionista).

4. Defina e dê um exemplo do que é para você uma pessoa Pobre, Rica e Bem Sucedida:

Esta parte das entrevistas é especialmente importante para o objetivo inicial da pesquisa em relação a indagar sobre a noção de “*pobreza espiritual/existencial*” na voz de pessoas brasileiras, e se dita noção é também referida na fala dos entrevistados e, no caso afirmativo, que tipo de significação eles outorgam a mesma.

Existem certas tendências interessantes nas respostas em relação à definição de *pessoas pobres*. A maioria das crianças, tanto no CEU São Carlos como na aldeia indígena Guarani reconhece que a pobreza é definida unicamente pela ausência de condições

materiais como “*não tem dinheiro*”, “*que mora na rua*”, “*não tem comida*”, entre outras definições. Da mesma maneira estas crianças definiram *riqueza* como pessoas com muito dinheiro, roupas, que vive numa mansão, etc. Isto foi particularmente evidente no caso das crianças Guarani incluída a aluna C, uma pré adolescente de 13 anos e Jo de 12 anos que responderam sempre usando idênticos parâmetros.

Porém, duas exceções interessantes entre as crianças do CEU São Carlos, a aluna Pt de 9 anos afirmou que pobreza é “*quando a pessoa não tem comida, ou.. tem comida, mas... não tem carinho, é uma família triste*” (Pt, CEU São Carlos). De maneira um pouco mais elaborada a aluna Pa de 10 anos afirmou que “*tem dois tipos de pessoas ricas... as pessoas que são ricas por dinheiro, que se exibem com seu dinheiro, e tem as pessoas ricas de felicidade... porque dinheiro não compra tudo né?*”(Pa, CEU São Carlos) Em ambas as respostas, é possível observar como estas crianças começam a reconhecer que nos conceitos de pobreza e riqueza, pode haver elementos subjetivos e anímicos que vão além da posse de dinheiro ou bens materiais.

No caso do Colégio Passionista a grande maioria das respostas continha uma diferenciação entre tipos de pobreza e riqueza. Destaco o caso da aluna La de 10 anos, quem afirmou: “*... pra mim pessoa pobre é pessoa pobre de espírito, pessoa ignorante, que não ajuda aos outros, que gosta de se “esnobbar”* (aluna La, colégio Passionista). Consultada sobre o que seria então, uma pessoa rica afirmou que “*é uma pessoa cheia de coisas, cheia de dinheiro e bens materiais... mas pode também ser rica de amigos, rica de amor*”(idem.)

No caso da aluna B de 13 anos, ela só consegue definir pobreza e riqueza em termos de dinheiro nas entrevistas pré encontros. Mas na entrevista pós encontros, ela assume uma postura mais elaborada em torno da questão e afirma que “*muitas vezes o rico, às vezes ele tem tanto dinheiro que ele já não sabe mais o que fazer com o dinheiro e o pobre ele é mais feliz, entendeu? O rico tem dinheiro, mas não tem amor, com os familiares*” (aluna L, colégio Passionista, pag.).

A aluna L de 15 anos elabora esta diferença afirmando que “*pra mim existem dois tipos de riqueza e de pobreza, acho que são coisas interiores, o dinheiro tem a ver, sim, porém o que mais conta é o que você leva consigo, seus ideais, as suas propostas, o que*

“você faz pras pessoas, se você ajuda as pessoas, então quando você tem alguma coisa a oferecer, uma coisa a transmitir, você é rico, muito rico.” (idem).

Neste último caso, na entrevista pós encontros, existe a referência à cultura Guarani M’byá como um exemplo que eles tinham testemunhado diretamente, uma cultura que no seu modo de viver e interpretar o mundo, abala o sentido materialista da vida moderna.

No caso dos adultos, a grande maioria relativiza e diferencia os tipos de riqueza e pobreza.

“Isso é quando no mundo da civilização não pode sobreviver, não tem trabalho, dinheiro, preparação... agora no mundo dos índios já não é assim.. “pobre” assim... não existe, porque o cara que tem saúde, ele é rico, tem boa família, ele é rico. Agora Juruá (não indígena) pensa de outro jeito... o cara é legal quando ele tem dinheiro, ai todo mundo acredita nele.” (Al, liderança Guarani)

“Pessoa pobre é uma pessoa que não tem conhecimento, ainda que tenha dinheiro, mas se não tem conhecimento é pobre... não sabe aproveitar de uma forma sadia o dinheiro que tem... passam xingando, maltratam seus funcionários, insulta o povo. É independente do dinheiro” (M, familiar CEU Parque São Carlos).

“O cara é rico só porque tem dinheiro e material, porque faz alguma coisa pra vender, mas ele é pobre pelo espírito... porque ele depende do dinheiro”

(Al, liderança Guarani)

5. Como você descreveria a vida das seguintes crianças:

Esta pergunta foi uma das mais sensíveis à questão do momento da aplicação, observando interessantes mudanças pré e pós encontros entre as escolas. Uma expectativa importante do projeto foi observar se os encontros entre as escolas permitiriam realmente abalar e modificar os estereótipos criados sobre a escola “rica”⁴² ou a escola indígena e registrados nas entrevistas antes dos encontros. Porém, se bem o projeto demonstrou efetividade para abalar preconceitos, ampliar as visões em crianças e adultos, às vezes ajudou também a “confirmar” e reforçar algumas das suposições iniciais dos entrevistados. Para apreciar essas diferenças chamaremos o primeiro tipo de respostas como “divergências”, ou seja respostas no pós encontros que contrastam com a primeira

⁴² Ver a página inicial do site do projeto com o título “*Mauricinhos, favelados e índios... será que isso realmente existe?*”

entrevista. No segundo caso chamaremos de “convergência” quando a experiência dos encontros confirmou ou reforçou o que a pessoa entrevistada já pensava previamente.

No caso das entrevistas (pré encontros) tanto, no CEU Parque São Carlos, como no Colégio Passionista, existe coincidência em que ambos os grupos quando consultados sobre como imaginam a vida de crianças que moram e estudam dentro de uma aldeia indígena, a grande maioria dos entrevistados declararam não saber sequer que existia uma aldeia de índios Guarani em São Paulo. Particularmente preocupante é confirmar o grau de invisibilidade da aldeia Guarani do Jaraguá, e podemos pressupor que maior será esta invisibilidade social para outras aldeia mais distante do centro urbano paulista.

Também resulta interessante que tanto crianças como adultos apresentaram dificuldades para imaginar como a vida na escola indígena Guarani. De fato, vários sujeitos imaginaram uma escola com forma de oca, com índios semi-nus, usando arco e flecha, e projetando estereótipos bastante “televisivos” sobre a vida da aldeia Guarani.

“As crianças ficam sentadas no chão, eles não usam livros... não usam nada... o lugar dever ser... bonito... eles estão vestidos assim com... saia de pano” (aluna K, CEU São Carlos)

“Eu imagino assim... eles sentados, sem roupas, perto de uma fogueira... vivendo aquele mundinho deles... imagino velhos e crianças todo mundo junto...” (educadora A, CEU São Carlos)

Em relação com a vida de crianças de um colégio particular católico existiram dificuldades bastante menores em comparação ainda porque a instituição é descrita a partir dos parâmetros da escola do CEU, simplesmente acrescentando maior conforto ou melhores estruturas. Nesse sentido o colégio particular possui um imaginário muito mais próximo para crianças e adultos. Porém, em várias entrevistas emergem alguns estereótipos urbanos, ligados a atitudes, e resumido em frases como “mauricinhos”, “patricinhas”, ou “metidos”, mas que afloram sem ter uma base de experiência sobre a vida dessas pessoas. É a base do preconceito formulado a partir de um grupo social diminuído na pirâmide social.

“As crianças também estão mais presas... elas tem essas cobranças para ter o que os pais já tem, e pra que continuem tendo... e tendo mais...Essa visão, de ter que ser mais que os outros, de estar “acima” dos outros... e isso acaba gerando é... insensibilidade”

(educadora A, CEU São Carlos)

“... todo mundo quieto, todo mundo prestando atenção e... tudo chique.(risadas) criança feliz, que nem os ricos, felicidade, paz e alegria” (aluna Pt, CEU São Carlos)

Nas entrevistas pós-encontros tanto crianças e adultos, tanto do CEU Parque São Carlos como do Passionista tiveram um alto número de divergências em relação com a experiência direta de conhecer a vida das crianças da aldeia Guarani. Foram abalados vários preconceitos iniciais e permitiu que estimulasse nos grupos a reflexão sobre si mesmos, sobre a maneira em que interpretam uma realidade que não conhecem.

Exemplos:

“Eles se divertem, as roupas podem ser sujas, mas eles não se importam, pode estar descalço na lama, tudo bem com eles, e teve muita gente que fez amizade lá...(aluna Pt, CEU São Carlos, que inicialmente “tinha um pouco de medo” dos índios)

“acho que eu estava completamente errada, não tinha noção do que era, eu achava que era igual a desenho animado assim com todo mundo dançando a dança da chuva (risadas) mas quando cheguei lá, sabe? Eles são humildes, eles são muito brincalhões, são gente boa... eu gostei.” (aluna Ja, Colégio Passionista)

Em relação com o colégio particular resulta em extremo interessante observar que no caso do CEU Parque São Carlos, praticamente não existiram divergências. Ou seja, pelo contrário, a grande maioria dos entrevistados no CEU afirmou que depois dos encontros confirmaram o que pensavam e até reforçaram suas idéias sobre a vida numa escola particular. Exemplos.

“Acho que eles (Passionista) são mais orgulhosos... é isso. O contrário de humilde... foi o que eu senti. Eles já crescem assim desde pequenos em escola particular... Eles acham que são ricos porque estudam aí... e ..., mas são pobres de espírito porque você tem que ter humildade, um carinho com o próximo. Não é porque os índios estão aí que não pode receber um abraço, um carinho...” (Jo, mãe CEU São Carlos)

“Eu gostei dos alunos, achei que eles recepcionaram nossos alunos muito bem... mas eu percebi que... o relacionamento... não é profundo. Lá onde trabalhei (escola classe média alta) as crianças tinham muitas Babás e eu percebia que a criança que tinha a mesma babá desde que nasceu, ela tinha um comportamento, e aquela criança que tinha

uma babá diferente a cada um mês, ela tinha outro comportamento. Eles não tem relacionamentos profundos” (educadora Fa, CEU São Carlos)

“vou falar a verdade. Eu pensava que o colégio passionista eles eram bem “metidos” e realmente vi que eram mesmo. Porque quando eles vieram aqui (no CEU), por exemplo um colega meu falou “oi!” pra uma menina do passionista... e a menina não falou nada e falou pra uma amiga dela e eu ouvi já que estava por perto e ela disse “Eu não vou falar com um tosco pobre aqui não” ... ela falou isso! Acho que tem muitas pessoas humildes lá, mas também outras que dão até nojo!... como essas. Pensando só no seu umbigo, não pensa em mais ninguém... egoísta!” (aluna Pa, CEU São Carlos).

No caso do Colégio Passionista entre a imagem que eles tinham da escola da periferia e as respostas pós encontros, existe alto número de divergências, ou seja, declaram ter mudado significativamente a idéia respeito da vida das crianças no CEU Parque São Carlos. Exemplos dessas idéias sobre a escola pública de periferia antes dos encontros:

“tem muita briga, e a maioria não entende nada porque os professores não explicam direito, os alunos que de outras salas entram na sala. Muita violência, e não tem muita educação”. (aluna La, Colégio Passionista)

“muitas crianças vão pra escola pra comer, pra se alimentar... e as que vão pra estudar é difícil... o aprendizado delas é o aprendizado da vida, não na escola...deve ter traficantes.” (aluna B, Colégio Passionista)

“as crianças acordam elas vão pra escola, e muitas não tem objetivo de estudar, algumas vão pra zuar, bater na professora, beber, fumar, usar drogas... e depois da escola elas tem que trabalhar, porque os pais obrigam elas” (aluna Ja, Colégio Passionista)

Exemplos das mudanças de opinião depois dos encontros.

“Ah, eu adorei eu me senti em casa, eu já tinha as minhas amigas desde o começo, então adorei. Achei também os funcionários muito educados. Eu não imaginava que era assim” (aluna B, Colégio Passionista)

“achava que era diferente e entrei lá (no CEU) e mudei completamente minha opinião, e claro eles são muito educados, receberam a gente muito bem.” (aluna Ja, Colégio Passionista)

Finalmente no caso da aldeia Guarani do Jaraguá, também aconteceu em relação às idéias que tinham da escola pública da periferia antes e depois dos encontros, existem também várias divergências. Um exemplo de idéias sobre a escola pública antes dos encontros:

“Imagino que deve ser uma escola que precisa muito de obras, devem ter várias necessidades... a maioria das crianças que vivem na favela... então lá deve ter traficante, tiroteios, deve ser uma vida bem difícil, porque existe a influencia desses traficantes, e as crianças crescem lá... que matam pessoas... deve ser uma vida diferente de uma criança normal, assim... aprender a fumar, matar...” (aluna C, aldeia Guarani)

E depois dos encontros.

“Lá é muito legal, tem muita criança que estuda... gostei da escola”. (aluno Jo, aldeia Guarani)

“eu fiquei surpreso... a escola que mais chamou minha atenção foi o CEU São Carlos... na periferia... visualizei que eles são bem simples igual a gente... lá é quase como se fosse uma aldeia, com as crianças brincando, que vem a conversar com a gente e quando eles vieram aqui... aconteceu isso também... as pessoas são bem simples, mas... são ricos em alegria, as crianças todas rindo, brincando e.. é isso que é bom”

(W, educador Guarani)

Em relação ao Colégio Passionista, na aldeia Guarani existiram tanto opiniões divergentes como convergentes. Exemplos:

“eu parablenzo aos dois lados, tanto a escola particular como o CEU porque eles estão... se unindo... eles podem aprender, podem se conhecer, conversar, podem... brincar junto, e aí eu não vejo muito assim preconceito... eu gosto muito assim” (Al, liderança Guarani)

“...com as crianças do CEU foi até mais fácil que com as crianças do Passionista... Acho que existe uma afinidade, porque as crianças indígenas e as crianças do CEU são crianças que passam a mesma realidade, tirando o aspecto cultural, né? crianças que vem de uma comunidade, que se junta pra lutar pelas coisas... existe mais afinidade que com as crianças do Passionista, porque não sei, o quanto é trabalhado com eles (no colégio Passionista) o sentido do coletivo... acho que é mais trabalhado o sentido individual...”

(Po, educadora Guarani)

Finalmente, uma grata surpresa que expressada tanto pelos entrevistados no CEU São Carlos como no Colégio Passionista guarda relação com o paradoxo em que a aldeia vive entre uma profunda pobreza material, e uma bela riqueza “espiritual” e psicológica. O povo Guarani, vivendo na precariedade de sua condição sócio econômica, surpreendeu a muitos com a calma, serenidade e gentileza dos adultos, assim como na permanente doçura e alegria das crianças da aldeia. O impacto do contato com esse paradoxo gerou o retorno de reflexões sobre o próprio estilo de vida, permitindo que a auto reflexão nos entrevistados acontecesse ao mesmo tempo em que acontece o contato com a vida do outro, neste caso o outro Guarani. Exemplos.

“me impressionou que eles tem um modo de vida que não tem o acúmulo de coisas, eles vivem e comem para a sua subsistência então eles não vivem pra vender ou ter lucro, né? E a nossa sociedade não, e aí você gera o consumismo a competição, etc”.(educadora C, Colégio Passionista)

“Eu vi bastante que eles não tem esse negócio de brigar por qualquer coisa, eles são calmos...eles gostam de brincar, eles são bem divertidos. Eu aprendi bastante sobre o “bullying” lá na palestra...”(Po, aluno CEU São Carlos)

Este último exemplo, o caso do aluno Po no CEU São Carlos é particularmente interessante para apreciar o potencial transformador que a experiência intercultural possui. Po, é aluno de 4ª série no CEU São Carlos e antes de seu engajamento na equipe de Rádio e TV CEU tinha sérias dificuldades de disciplina e agressividade na sala de aula, próprias de tantos alunos que vivem no meio de dificuldades econômicas e familiares. Por decisão da equipe, acreditamos que o projeto educomunicação poderia ajudar a alguns casos de alunos “problemáticos” através do poder e atrativo da comunicação e da tecnologia. O aluno Po acabou assim convidado a se integrar nas experiências do Machuca. Na sua fala comentando sobre a visita á aldeia, observamos que o que ele mais destaca é a calma, a serenidade e a alegria em que eles vivem, independente das pesadas dificuldades sociais que eles passam. E quando refere à palestra sobre Bullying está referindo-se ao debate realizado entre crianças da aldeia e do CEU durante o último encontro na aldeia Guarani, debate centrado precisamente na violência nas escolas. Aquele dia, crianças do CEU

perguntaram durante a roda de conversa: *Como vocês (os índios) fazem para enfrentar a violência na escola indígena?*, para surpresa do aluno Po e dos participantes, o professor Guarani respondeu junto às crianças da escola Djekupe, explicando que esse problema não existe dentro da aldeia. Perplexo, o aluno Po perguntou como eles conseguem isso? Recebendo por resposta que *“aqui na aldeia somos uma grande família... uma comunidade... todos se conhecem, pais, mães, tios, primos, avós... então todo mundo aqui se respeita”* (Professor Da, escola Djekupe)

O efeito posterior a esse debate ao vivo no comportamento do aluno Po, foi uma mudança significativa do seu comportamento no CEU São Carlos, fato reconhecido pela direção da escola e pela professora da 4ª série, assumindo inclusive como uma liderança positiva nos debates sobre Bullying realizados posteriormente no CEU.

Considero que na análise até aqui apresentada sobre alguns aspectos do questionário pré e pós encontros, revela que ainda existe muito por indagar sobre a natureza e o verdadeiro potencial transformador que experiências como o projeto MACHUCA podem provocar no nível cognitivo, emocional e social de alunos, professores e familiares participantes. Mas sabemos, e com certeza, que ninguém saiu indiferente, sem refletir sobre si mesmo, depois de vivências assim tão intensas de encontro com o outro. Nas palavras de uma mãe da periferia que participou dos encontros na aldeia Guarani do Jaraguá:

“aquela maneira em que eles vivem... mas eles são felizes... teve um indiozinho que foi pegar amora e trouxe pra mim... Tendo tão pouca coisa e o menino trouxe a amora pra mim!... eu me senti emocionada!” (Jo, mãe de aluna no CEU São Carlos)

PARTE III

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A continuação, ofereço a modo de discussão o que considero sejam os argumentos e eixos principais onde decanta o abundante torrente de aprendizados, cuja inspiração se nutre da lembrança e gratidão para com tantas pessoas que, envolvidas afetivamente pela proposta do projeto Machuca: assumiram que neste esforço, realmente “Somos Todos Um”. Assim, possibilitaram a realização deste grande esforço, esta utopia que mobilizou três comunidades educativas. Os argumentos elaborados a seguir, e escritos em chave de encerramento/abertura de novos diálogos, pretende honrar minimamente os centos de conversas, reuniões, momentos de discussão, sonhos, frustrações, conquistas que o projeto acarretou em todos nós. Ao mesmo tempo que estas conjecturas tentam interpretar tantas belas fontes de experiência humana, ângulos tão diversos da interpretação do real significado do projeto, busco também atingir uma interlocução com o universo da pesquisa acadêmica e o âmbito da política pública em educação. Nesse intento, para expressar os significados mais importantes de tão intensa experiência, utilizo uma seqüência de argumentações nascida no entrelaçamento dessas conversas, dessa indagação diversos níveis de discernimento intersubjetivo, de corporalidade sensual, em que tantos amigos puseram seu sentir nesta aventura.

Aventura pesquisa, que aqui escapa definitivamente de qualquer pretensão própria do tradicional *sobre vôo superficial* da metodologia tradicional e suas acrobacias estatísticas, e pelo contrario, invoca e provoca, nas palavras de Marcos Ferreira Santos, a possibilidade de uma *“lumina profundis, olhar o mundo desde o subterrâneo num conhecimento crepuscular. Silenciar ante os trovões. Caminhar lento na tempestade.”*

(M. Ferreira Santos, 2004, pag. 17)

Sobre o imperativo da *sedução* em educomunicação:

Logo das vivências do projeto em 2009, com as vicissitudes da interação entre os núcleos de educomunicação nas três escolas participantes, várias constatações emergem ao mesmo tempo, em que se abrem novas perguntas, dúvidas e questionamentos sinceros relativos a poder identificar o verdadeiro benefício que o projeto Machuca comportou para os participantes.

Segundo consta nas entrevistas pós encontros, a grande maioria dos entrevistados das três escolas, tanto crianças como educadores e familiares, avaliaram positivamente as ações que o projeto mobilizou e o potencial transformador da metodologia de encontros interculturais para uma educação mais humana e solidária com a diversidade cultural, a integração social. Se fosse legítimo nos guiar pela avaliação verbalizada, o projeto foi muito bem sucedido no sentir das pessoas das três comunidades participantes.

Assim também a ação do projeto trouxe o interesse e apoio de autoridades da educação como o Diretor regional de educação de São Miguel, que pretende ampliar a experiência para outros CEUs da região de São Miguel Paulista. Também recebemos um grande elogio e apoio dos coordenadores do programa herdeiro do Educom.rádio, a equipe do Nas Ondas do Rádio da Secretaria Municipal de Educação. E assim o número de amigos e parceiro cresce dia a dia.

Esta percepção positiva, de fato, vai acompanhada com a demanda de continuidade das ações do projeto MACHUCA para o ano de 2010 já confirmada pelo grupo do CEU parque São Carlos como pela liderança da aldeia Guarani do Jaraguá.

O colégio Passionista merece um comentário aparte. Isto porque a distancia do colégio, que já aparece evidenciada nas entrevistas contrastando com a “afinidade” entre a aldeia Guarani e a turma do CEU São Carlos, pode ocultar valiosos aprendizados sobre a educomunicação e seus desafios mais sutis com as equipes de trabalho da educação. Particularmente, refiro-me aqui ao problema de instalação de um projeto desta magnitude nas equipes de educadores. No caso do CEU São Carlos, sabíamos que na criação de um sistema dialógico no interior da escola já de por si um processo delicado de “*sedução*” e envolvimento participativo de professores e alunos. O cuidado do processo grupal por sobre os *resultados*. Igualmente aconteceu esse cuidado na aldeia Guarani, favorecido aliás pela

cultura mais voltada a processos lentos e atraídos pelo aspecto lúdico e livre do convite para “brincar de rádio”.

No caso do que aconteceu no Colégio Passionista, consultados os educadores na entrevista final sobre o porque que eles não participaram da roda de re-encontros, eles um tanto incômodos pela pergunta, e solicitando que “desligasse o gravador”, confessaram diversas dificuldades advindas da maneira um tanto “imposta” em que o projeto foi apresentado para os outros professores. Mais claramente, os educadores do colégio me revelaram que alguns problemas surgiram logo no início, quando o projeto Machuca tendo sido abraçado por um coordenador, ele simplesmente “avisou” aos outros colegas para que fosse inserido no calendário anual das atividades do colégio. Considero que este é um claro exemplo do que acontece quando uma proposta educacional negligencia ou subestima o devido cuidado no processo de instalação, de *sedução* e apropriação crítica por parte das equipes de professores. O problema mencionado no início do projeto no colégio acabou provocando a indiferença de grande parte dos outros professores, os que se sentiram alheios à proposta do Machuca, que alguns viram como um tipo de “passeio exótico” enquanto outros inclusive reclamaram durante o ano que seus alunos estavam “perdendo aulas” em cada uma das saídas e encontros com as outras escolas.⁴³

Resumindo, a educomunicação não pode funcionar por decreto institucional nem comanda hierárquica, pelo contrário, reduzi-la a um “evento” dentro do planejamento e de caráter obrigatório é a antítese fatal para o êxito de qualquer projeto educacional. Mas já sabemos que esta é uma ameaça que vive junto as próprias tensões da demanda da cultura institucional e burocrática interessada no aparente atrativo da educomunicação, muitas vezes sem saber realmente o que esta prática comporta éticamente.

⁴³ Depoimentos dos próprios educadores no colégio Passionista a respeito de suas frustrações internas.

Sobre Pobreza Espiritual

Como resulta evidente nas entrevistas pré e pós encontros, constatamos a presença da *pobreza de espírito* como uma referência surgida nas três comunidades. Fato que reforça a importância de continuar pesquisar os matizes e significações que este termo comporta, aliás porque assim como foi referido nas experiências em Santiago do Chile narradas no início do texto (pacientes psiquiátricos, favela La Legua, etc.), resulta interessante que ele seja referido espontaneamente por grupos tão diversos, mas que coincidem, quase em vias de uma objetivação consensual, em várias de suas características.

“Pobreza de espírito pra mim... é uma pessoa limitada, é limitação no sentido de não experimentar, de não olhar pro lado, de não olhar pro outro, de não conhecer outras idéias, de não conhecer a si mesmo, então vai ficando na mesmice”

(C, educadora colégio Passionista)

“uma família tem carro... do ano, casa, rádio, computador... mas acho que se a gente vê assim dentro do espírito da pessoa, se a pessoa estiver com saúde então essa é uma forma que a gente se sente, e nós (Guarani) somos ricos, não de material, mas sim... de espírito”

(Al, liderança Guarani)

“Pra mim uma pessoa rica é uma pessoa alegre, que tem paz no seu coração, que está bem com a vida, independente de coisas que ela possua, eu acho que pra mim a riqueza está na essência dela, no que ela pode ajudar ou ensinar pras outras pessoas”

(Fa, educadora CEU São Carlos)

Podemos apreciar nestas três opiniões, entre muitas outras que insinuam a presença de outras definições da pobreza e da riqueza (ver anexo I), que um fator aparentemente estrutural nas argumentações, e que vai além de fenomenologias subjetivas, é a qualidade da relação com o outro. Todavia, devemos concordar que a *alegria, a paz no coração*, são elementos usados para caracterizar a riqueza espiritual tanto como a *indiferença, a agressividade, a infelicidade* formam parte das descrições de pobreza espiritual. Porém, sabemos que não é tão fácil assim referir-nos a uma pobreza em termos “espirituais”.

Numa valiosa discussão com os professores Wellington Zangari, e o professor Marcos Ferreira Santos⁴⁴, fui questionado pelo uso do termo pobreza espiritual na medida

⁴⁴ Acontecida por ocasião do exame de qualificação deste trabalho no mês de setembro de 2009 no IP USP.

em que ele invoca a referência a uma carência numa dimensão delicada, dimensão na qual estamos em princípio igualados como seres humanos. Como julgar pobreza e riquezas espirituais sem cair num evolucionismo ou em hierarquias de riscos etnocêntricos? Após profundo discernimento, arrisco aqui meus argumentos em defesa da importância que esta noção possui para a pesquisa psicossocial e educativa.

Como foi exposto no capítulo referente dedicado a analisar os impasses das políticas públicas sobre pobreza em Latino America, a “pobreza espiritual/existencial pode parecer em primeiro análise como algo utópico, romântico, uma bela argumentação poética, mas, politicamente inútil e sem importância diante das “grandes questões” da política pública, das ciências sociais e da economia. Mas e se nos aventuramos a acolher com o devido respeito a verdade contida nas intuições dos nossos entrevistados e suas percepções sobre a existência de uma pobreza e uma riqueza espiritual? Uma consequência possível seria traduzir *felicidade, alegria, saúde*, como algumas das características distintivas do conceito, e por tanto, que ali nesse terreno do bem estar subjetivo, que radicam os desafios maiores para as políticas públicas, as que deverão redirecionar seus esforços, ainda excessivamente voltados à satisfazer a lógica do sistema de consumo.

Mas existe outro interessante caminho, a meu ver, que une de uma vez só o sentido de nomear uma *Rede Intercultural de educomunicação* presente no título do projeto. Interroga também a postura crucial que adota a Psicologia Social no centro da discussão.

Rede, Cultura e a Alteridade que se Comunica: O Ser entre o *Alter* e o *Alienus*

O conceito de REDE, relativamente conhecido e atualmente gozando de certa popularidade nas políticas públicas e na terminologia dos projetos e intervenções psicossociais, muitas vezes passa por impasses semelhantes ao mencionado problema de engajamento do Colégio Passionista no projeto. Basta uma bela declaração de intenções para criar uma rede de trabalho entre três escolas? Sabemos que nem decretos nem acordos podem nos salvar quando os processos de legitimação e *sedução* foram descuidados. Isto porque a rede, no sentido cultural do seu uso, obedece muito mais a uma dinâmica sutil de construção de confianças, envolvendo motivações psicológicas e emocionais, muitas vezes inconscientes, que predominam por sobre as frágeis forças do acordo racional, estratégico, político ou intelectual.

De tantas fontes para abordar o conceito de rede, oriundo das matemáticas, mas profusamente difundido em amplas áreas do conhecimento, utilizo aqui uma referência mais atualizada ligada a seu uso no estudo dos ecossistemas. Antes, sempre é saudável contextualizar o momento de profundas mudanças de paradigma nas ciências que permitem ousar por novas compreensões dos velhos conceitos e dogmas de academia. Um deles é referido ao uso do termo rede.

Fritjof Capra afirma que o termo rede forma parte das exigências de mudança paradigmática em ciência para podermos entender os princípios do funcionamento dos sistemas vivos, como sistemas não lineares e baseados em padrões de relacionamento, fato que de por si contraria grande parte da tradição científica e a educação tradicional ocidental (Capra, 2005). Redes, interdependência, sistemas aninhados (redes dentro de outras redes) conformam alguns dos princípios inerentes ao novo cenário da discussão sobre sustentabilidade e diversidade no planeta.

No mesmo sentido de reconhecer a importância do estudo dos sistemas de relação, encontra-se o sentido fundamentalmente cultural do campo da educomunicação. Indo além das definições mais ligadas ao surgimento de ecossistemas comunicativos e dialógicos nos espaços educativos (Soares, 1999), outra definição surge ao compreender sua vocação como fonte do intercambio de bens simbólicos inerente à relação da pessoa com o Outro, base dos movimentos no nível das culturas e da educação. *As culturas se aprendem comunicando-se*, num processo simbólico onde esta, pode ser transmitida e comunicada envolvendo sempre a aprendizagem do Outro, e conduzindo assim à compreensão que diz que *as pessoas se comunicam ensinando-se* (Ferreira Santos, 2004). Tal é natureza de reciprocidade intersubjetiva que reside na educomunicação como espaço de troca simbólica, que por sua vez, a partir dali, viabilizam-se nossas condições e possibilidades para uma objetivação do mundo:

“A objetivação do mundo é compreendida pelo humano através de um processo simbólico, vale dizer subjetivo. Portanto, se existe uma realidade real do mundo concreto, esta só pode ser organizada e apreendida na rede simbólica das práticas culturais”

(Ferreira Santos, 2004, pp.66-67)

Por outra parte, e sobre o que entendemos por cultura, Humberto Maturana afirma que todas as atividades humanas surgiram como conversações, em outras palavras, como

redes de coordenações comportamentais consensuais entrelaçadas com o emocionar. Cultura é assim entendida como uma “*rede fechada de conversações que constitui e define uma maneira de convivência humana como uma rede de coordenações de emoções ações*”, e assim “*diferentes culturas são redes distintas e fechadas de conversações*”

(Maturana, 1993, pag. 33)

O valor da definição de Maturana reside em grande parte porque sua concepção dos sistemas vivos, e dos seres humanos como sistemas fechados operacionalmente, autopoieticos e estruturalmente determinados, permite questionar as velhas dualidades indivíduo sociedade, razão emoção, natureza cultura, e demonstrar que na base da cultura, o que é chamado de humano, se constitui no entrelaçamento do racional com o emocional. O social está, segundo Maturana, fundado numa emoção particular, o **amor**, que permite a aceitação do outro como legítimo outro na convivência social.

Assim, além de abalar as fronteiras e definições entre os saberes e disciplinas, Maturana permite desnaturalizar vários pressupostos ao afirmar que “*nem todas as relações ou interações entre os seres humanos são sociais como tais. Interações baseadas na obediência, na exclusão, na negação, no preconceito não podem ser ditas sociais, pois negam essa condição biológica básica de seres dependentes do amor, isto é, negam o outro como legítimo outro na convivência e fazem adoecer. Instituições e práticas baseadas no argumento da racionalidade e da obrigação são, portanto, anti-sociais e tem que ser repensadas.*” (Aurora Rabelo, prefacio em Maturana 1998)

Identificar sob estas novas coordenadas de cultura (entrelaçamento do linguajar e do emocionar), a existência de sistemas *anti-sociais*, resulta acorde com as definições antes referidas pelos entrevistados de *pobreza espiritual*, referida como uma limitação, um estreitamento no laço social que invisibiliza o outro, que nos insensibiliza sobre sua existência. Em definitiva, determina uma falha na relação do Ser com o Outro.

“*Ao mesmo tempo, de maneira antagônica e complementar, a alteridade faz parte de meu processo identitário. No entanto, a situação-limite é, precisamente, a coexistência destas duas possibilidades; o Outro pode ser **alter**, mas também pode ser **alienus**.*”

(Ferreira Santos, op. cit. Pp. 107, 108).

Se retomamos algumas das referencias clássicas da educomunicação Latino Americana poderemos constatar que nelas se encontram a mesma preocupação pela relação

que se estabelece com o outro, se esta permite a convivência com o Outro como legítimo *alter*, ou se esta torna-se patológica na relação como *alienus* formando parte de uma comunicação dominadora. Da pesquisa de Eliany Salvatierra (2009) tomaremos um exemplo nítido no trabalho pioneiro de Kaplún.

“Segundo Kaplún, a causa última para a redução do conceito de comunicação à sua funcionalidade é, na verdade, o caráter autoritário e hierárquico de nossa sociedade. A relação “emissor – mensagem – receptor” descreve uma forma que é hegemônica e considerada correta, ao mesmo tempo em que é uma realidade permanente no centro da nossa sociedade autoritária e estratificada, constituindo-se como manifestação de uma dada cultura.

Sendo assim, é no esquema herdado da matemática (emissor – mensagem – receptor) que se comunica a maior parte das pessoas que mantêm relações assimétricas: o chefe com seus subordinados, o empresário com os trabalhadores, o oficial com os soldados, o professor com os alunos, o pai de família com seus filhos, o governador com os governados, o grande jornal com seus leitores, o rádio e a televisão com seus usuários, a classe dominante com a dominada e as grandes potências com os povos do Terceiro Mundo.

Em El Comunicador Popular, Kaplún ilustra como entende a dicotomia entre a comunicação funcionalista e a comunicação dialógica:

Comunicação dominadora	Comunicação democrática
Monólogo	Diálogo
Poder	Comunidade
Vertical	Horizontal
Unidirecional	De dupla via
Monopolizada	Participativa
Concentrada nas minorias	A serviço das maiorias

(Eliany Salvatierra, 2009, pag. 46)

Reconhecemos assim que no percurso do nosso processo identitário, a presença do Outro é imprescindível e que esta pode nos conduzir a possibilidades radicalmente diferentes dependendo do estado de saúde dessa relação, já seja como legítimo *alter* ou como *alienus*. Neste último caso, ao tempo que acontece esta alienação respeito do Outro

que altera a relação social, acontece só a partir da consolidação de um estranhamento subjetivo, uma alienação de si próprio. Em palavras de Georges Gusdorf (1980), diríamos que é a perda do lugar ontológico que outrora fora garantido para a humanidade pela presença da consciência mítica, agora destruída e anulada pelo avanço do império da razão. Este fato, a perda da consciência mítica, teria nos conduzido à desestabilização da existência, particularmente nas sociedades ocidentais modernas.

“a consciência mítica não é uma idade desvalorizada da inteligência; ela atesta uma posição permanente do pensamento humano em geral”

“O intelectualismo projeta a realidade humana sobre o plano de ordenamento racional, rechaçando as instâncias arcaicas, mas esta redução do homem à função demonstrativa implica diminuição capital e perversão do ser.” (Gusdorf, 1980, pag, 14)

Gusdorf nos indica assim que para poder *salvar* a razão, deveremos retomar a importância vital da consciência mítica da qual aquela emerge, pois é seu próprio fundamento ontológico.

Retomando agora o caminho percorrido no projeto MACHUCA, vemos que temos evidência privilegiada dos efeitos de saúde psíquica, social e espiritual quando uma cultura dá o devido cuidado ou negligência a consciência mítica. Nas palavras do povo Guarani.

“Quando se fala de educação, de cultura, falamos do OrereKo envolvendo tudo isso... a coisa é bem simples, é tendo respeito... porque se eu vou chegando na sua casa, eu tendo respeito vou aprender de você e você aprende de mim... e os Juruá (os não indígena), não fizeram assim muito tempo atrás. Eles acharam que eram o “senhor dos conhecimentos” e hoje, eles estão vendo o que eles fizeram, com a natureza, né?” (W, educador Guarani)

Um povo rico em consciência mítica, ou “rico espiritualmente”, que recebe a violência e perturbação do *alienus*, mas que ainda assim, resiste durante séculos sem acumular ressentimento. Porque a base de sua sobrevivência não está reduzida aos termos de acesso a uns precários e exíguos recursos econômicos, mas sim em saber conservar sua cultura, a consciência mítica, e saber fazer essa transmissão geração após geração com as suas crianças. Constatamos assim o fundamento invisível e misterioso dessa “calma” surpreendente, o caráter sereno, a estabilidade (ou saúde) existencial que tanto admiramos.

Com essas novas luzes vindas de Georges Gusdorf é possível perguntar de outra maneira sobre qual será a verdadeira importância que possui a vida espiritual para qualquer

sistema de educação, não somente para o povo Guarani. De passo, podemos nos perguntar qual será o nosso *ArereKo*, o fundamento ontológico perdido nas nossas sociedades após o desencantamento racionalista ocidental?

Agora compreendemos mais claramente a importância vital da presença ou ausência da *Opy* (“casa de reza”) e suas implicações em termos de uma psicologia clínico-social. Este lugar sagrado na cultura Guarani é um aspecto estrutural, ontologicamente determinante da saúde psicossocial da cultura e do modo de Ser Guarani, que durante séculos permitiu a resistência ao *alienus* ocidental. Na fala vigorosa do educador: “*Nós de manhã bem cedinho, todos os dias antes de iniciar as atividades levamos as crianças para o Opy para cantar, já que primeiro alimentamos o espírito e depois a mente e o corpo*”

Uma cultura *pobre de espírito*, desnutrida ontologicamente, corre o risco de tornar-se entrópica, e daí, cultura *anti-social, auto-destrutiva* em termos de Maturana, na medida em que não permite a convivência plena com o outro como legítimo outro, como alter que possibilita o Ser, e pelo contrário, confina-o ao embate permanente com o *alienus*, conduzindo a catástrofes devastadoras e imprevisíveis.

Quais poderiam ser as conseqüências a pagar pela desaparecimento do fundo ontológico da consciência mítica?

“a desaparecimento brutal do regime de consciência mítica em contato com os europeus reduz freqüentemente os povos primitivos a uma espécie de miséria tanto psicológica como espiritual. Daí uma mortalidade maciça, cujas estatísticas fornecem um testemunho pavoroso... a responsabilidade destas massacres ...não cabe somente aos excessos da colonização européia, às guerras... o que parece manifestar-se é uma espécie de extinção da vontade de viver. O indígena... sucumbe porque se sente desadaptado.”

(Gusdorf, op. cit, pag. 159)

A descrição dada por Gusdorf coincide com a descrição dada nas entrevistas sobre a importância vital de saber cuidar e transmitir o *ArereKo* no seio da educação Guarani M’byá, e que eles exemplificam negativamente no caso do enfraquecimento dos Guarani Kaiowá, etnia conhecida pelo alarmante número de suicídios especialmente entre os jovens, quais “*sucumbem diante do sem sentido, pela perda do ArereKo*”(W, educador Guarani)

Tal é a vital importância de continuar compreendendo e aprofundando sobre os elementos existenciais que estão por trás do conceito de “*pobreza espiritual/existencial*”.

No nosso caso, nas sociedades Juruá, o projeto MACHUCA também permitiu apreciar esta perda, o enfraquecimento afetivo e simbólico, a perigosa presença do *alienus* no âmbito da relação familiar.

“os pais terceirizam os filhos” então ele (o aluno) está na escola, você tem que cuidar dele, da educação dele, mas eles (os pais) se viram, “eu não tenho nada com isso”, os pais são ausentes. O R (educador) brinca dizendo “os pais deixam os filhos em fevereiro e só vem buscar em dezembro” A gente não tem mesmo pais presentes.”

(educadora C, Colégio Passionista)

Epílogo:

Os dados revelam que a experiência é rica em termos de criar condições propícias para que as pessoas possam desnaturalizar conceitos, ampliar a visão de mundo e relativizar estereótipos e/ou pressupostos. Portanto, revela ser uma estratégia adequada para criar vivências neo-matrísticas e aprendizados de nível 3 (parafraseando a Maturana e a Bateson) e digna de ser aperfeiçoada metodologicamente, mas por sobre tudo, eticamente.

Assim como em conversas com os professores do CEU São Carlos, constatei o sem sentido do decreto que segundo uma professora “*tornou obrigatório o construtivismo em todas as escolas*”, a tentação de promover a Biologia do Amor ou a Cultura da Paz pela via do decreto corresponde a armadilhas próprias da era racionalista questionada por Gusdorf. Não é possível obrigar a afetividade, e nenhuma transformação acontece em quanto não existam mínimas condições de respeito legítimo em todos os níveis do nosso convívio.

Segundo Humberto Maturana (1993), a possibilidade de gerar legítimos aprendizados matrísticos acontece durante a idade do nascimento até os 6 anos de idade, período particularmente rico para alimentar emoções próprias do conviver matrístico. Isto se realiza promovendo interações das crianças com suas mães no brincar e em atividades corporais que alimentem um sentido da auto-estima e amor próprio, suficientemente fortes que em diante não exista o medo ao *alienus*. O outro, já não é mais fonte de medo e competição que ameaça a própria existência, superando (e desnaturalizando), por exemplo, a tradição de rivalidades e ciúmes entre irmãos das famílias patriarcais.

Estas experiências lúdicas garantem a alimentação ontológica fundamental para que o futuro adulto viva de maneira espontânea e inconsciente o respeito ao outro, sem

racionalizar ou ter que fazer esforços para aprender a respeitar e viver em democracia. O povo guarani é rico em exemplos desse tipo e uma grande oportunidade de aprendizagem para crianças e adultos de escolas não indígenas.

No nível relativo aos desafios que enfrenta a educação, o debate tem sido igualmente rico. Com ocasião de uma visita prévia ao primeiro encontro na aldeia, para organizar as atividades a serem desenvolvidas, tive o privilégio de registrar um valioso debate sobre educação entre os educadores Guarani e os educadores do CEU e do Colégio Passionista. Enquanto os educadores “Juruá” (não indígena) falávamos com grandes argumentos sobre a importância e necessidade de melhorar a educação para todos os brasileiros, os problemas da alfabetização ainda presentes, das dificuldades com a leitura e escrita e seu impacto nas possibilidades de ter um futuro melhor, etc. num certo momento pediram a opinião ao silencioso cacique que observava nossa discussão. Ele de maneira suave e precisa falou assim: *“Primeiro gostaria de começar por falar sobre o que é educação na nossa cultura”*. Nesse instante aconteceu um interessante silêncio, penso que devido a que ele não “subiu no bonde” da nossa discussão já com alegações em andamento e sim retomou um nível mais radical da discussão relativo a compreender o que é educar. Logo continuou: *“Para nós no povo Guarani, educação é, antes de qualquer coisa, ter respeito...”*. Logo arrematou, *“se não tem respeito, então não é educação... pode ser até uma forma de dominar e treinar a pessoa para um certo tipo de trabalho, mas se não tem respeito então para nós, isso não é educação”*

Até hoje o impacto dessa breve conversa com o cacique e os educadores “chacoalha” questionamentos entre educadores do CEU e do Colégio Passionista, acho que pela franqueza e lucidez do argumento, e particularmente porque retratou de certo modo o nosso engano relativo a reduzir a questão da educação dos seres humanos a simplesmente diminuir a idade de entrada da criança nas exigências da leitura e da escrita. Esta ilusão, típica de uma educação que prioriza pelo intelecto e subestima os aspectos afetivos de uma educação da sensibilidade (Ferreira Santos,2004), deposita suas esperanças no mesmo paradigma da razão intelectualizante, como se saber ler e escrever antes do tempo garantisse que as crianças possam se conhecessem melhor.

A colocação do cacique nos permitiu abrir e ampliar a discussão sobre educação para além dos limites da escola (outra típica armadilha ocidental) e abrigar legitimamente a

importância de uma educação que valorize os níveis mais íntimos e a amplitude do mistério do humano, com todas as suas relações. Não somente satisfazer as de cunho social ou material, como já vemos em parte grande parte realizada no ambicioso projeto de construção dos CEUs em São Paulo, mas, que tipo de investimentos serão os necessários para poder vivenciar o respeito na vida familiar e escolar brasileira?

A partir do aprendido no MACHUCA, constato que a possibilidade de uma Cultura da Paz realmente viva e coerentemente amorosa, e não apenas uma intenção intelectual carente de fundamento mítico amoroso, começa com uma educação que retome seriamente o desafio de re-ligar o vínculo com a espiritualidade, com as dimensões existenciais profundas do auto conhecimento.

O *alienus* é basicamente uma pessoa, um povo, fraturado, e que não se conhece, portanto alheio a si mesmo. E como indicava o epígrafe no início do texto, a pobreza de espírito pode ser precisamente a maior de todas as pobreza, a pobreza da ignorância de si mesmo.

Re-ligar e Re-leger os mistérios da transcendência, da vida e da morte, parece ser ainda um desafio muito grande para as políticas sociais e para nossa burocratizada educação pública. Possivelmente seja impossível uma mudança estrutural e deveremos esperar o colapso final de um sistema anti-social, no sentido em que este se opõe à vida.

Particularmente nítida é esta caducidade ao observar a rebeldia das crianças, que insistem a partir do seu anarquismo ameaçante de tanta liberdade. Mas o MACHUCA, junto com tantas outras ações de educomunicação, cumpre com seu papel de provocar a Arte em obra, visibilizar estas crianças espontaneamente dialogantes, perigosamente autênticas, para ver se assim elas conseguem encorajar aos adultos perdidos a reparar e tomar conta de suas dívidas profundas consigo mesmo.

Benditas crianças!

Referências bibliográficas:

- BERMAN, Morris (1987), El Reencantamiento del mundo, Editorial Cuatro Vientos, Santiago de Chile.
- BATESON, Gregory (1991) Pasos hacia una Ecología de la Mente, Editorial Planeta-Carlos Lohlé, Buenos Aires.
- BIAGGIO, Ana Maria (2002) Lawrence Kohlberg, ética e educação moral, editorial moderna, São Paulo
- CABRUJA, Teresa (1996); «Posmodernidad y subjetividad: construcciones discursivas y relaciones de poder», em A. Gordo y J. L. Linaza (comp.) Psicologías, discursos y poder, Edit. Visor, Madrid.
- CAPRA, Fritjof (1975) O Tao da Física, Editora Cultrix, São Paulo.
- CAPRA, Fritjof (1982) O ponto de mutação Editora Cultrix, São Paulo.
- CAPRA, Fritjof e outros autores (2005) Alfabetização Ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável, Editora Cultrix, São Paulo.
- CARVALHO JÚNIOR, Antonio (2004) Ambientalismo superficial ou Ecologia profunda? Arte e Ciência editora, São Paulo.
- CEPAL (1997) Panorama Social de América Latina 1996, CEPAL Naciones Unidas, Santiago de Chile.
- EISLER, Riane (1987), El Cáliz y la Espada, editorial Cuatro Vientos, Santiago de Chile.
- FERREIRA SANTOS, Marcos (2004) Crepusculario: conferências sobre mitohermenêutica e educação em Euskadi, editora Zouk, São Paulo.
- FERREIRA, Mariana Kawall (1999) “Saúde Indígena em São Paulo” Relatório de conclusão da pesquisa Saúde Indígena na escola, desenvolvida no âmbito do Projeto Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola, do Mari (Grupo de Educação Indígena do Departamento de Antropologia da USP. Fapesp, processo nº 94/3492-9.
- FOUCAULT, M. (1985). Vigilar y Castigar, Ciudad de México, Ed. Siglo XXI.
- FREIRE, Fátima (2007), Quem educa marca o corpo do outro, Cortez editora, São Paulo.

- GUATTARI, Félix (1990), As três Ecologias, Editora Papirus, Campinas.
- GUSDORF, Georges (1980) Mito e metafísica, Edit. Convivio, São Paulo.
- GUSDORF, Georges (1987) Professores para que?, Ed. Martins Fontes, São Paulo.
- HOFFMAN, Daniel Sander (2005) “Conversando com Rupert Sheldrake: Os desafios da inovação científica”, Revista Episteme, nº 22, jul/dez, pp. 09-17, Porto Alegre.
- HOLLINGSHEAD, A.B. & Redlich, F.C. (1958), Social class and mental illness. En: Huneeus, T.,1997, Redes sociales y rehabilitación psicosocial, Revista de Psiquiatría, XIV/4/ pp.167-173. Chile
- IBANÑEZ, Jesús (1991) El Regreso del Sujeto: La investigación social de segundo orden, Editorial Amerinda, Santiago de Chile
- ISLAS, Octavio (2007), “La sociedad de Ubicuidad, los prosumidores y un modelo de comunicación para comprender la complejidad de las comunicaciones digitales”, en Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, ALAIC, IV, Julio/Dic. pp. 68-77.
- LABATE, B; & ARAÚJO, W (2004) (Orgs.) O Uso ritual da ayahuasca, Ed. Mercado de letras, Campinas.
- LACAN, Jacques (1936) “Más allá del principio de realidad” en Escritos, Argentina: siglo XXI editores. 1984, tomo I
- LACAN, Jacques (1953) “Función y Campo de la palabra” en Escritos, Siglo XXI editores, 1984, tomo I, Buenos Aires.
- LACAN, Jacques (1964) “Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis”, en El Seminario: Libro XI:Editorial Paidós, 1995, Buenos Aires.
- LADEIRA, Maria Inés (1988) Os índios da Serra do mar, CTI, São Paulo.
- LYOTARD, Jean François (1986) La condición posmoderna, Editorial Cátedra, Madrid
- MATURANA, Humberto & Gerda Verden-Zoller (1993), Amor y Juego: Fundamentos olvidados de lo humano, J.C. Sáez editor, Santiago de Chile.
- MATURANA, Humberto (1998), Emoções e linguagem na educação e na política, editora UFMG, Belo Horizonte.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús (2001), La Educación desde La Comunicación, Grupo editorial Norma, Buenos Aires.

- MARTÍN-BARÓ, Ignacio (1983). Acción e ideología. Psicología Social desde Centroamérica, UCA editores, San Salvador.
- MINISTERIO DE SALUD (1999). Plan de Desarrollo de la atención en salud mental y psiquiatría del Servicio de Salud Metropolitano Sur y Sur-Oriente, Santiago, Chile.
- MONTERO, Maritza (1995) “Modelos y niveles de análisis de la psicología política”, en Luis Oblitas & Ángel Rodríguez (coordinadores) Psicología Política, Plaza y Valdés, S.A., 1999, Ciudad de México.
- PAIVA, Geraldo José de, (1978), Introdução á Psicologia Intercultural, Editora Pioneira, São Paulo.
- PIO, Andrea; PARA MIRIM, Jaciara & PORAN, Poty (2008) “Ramae Tenonde Katy, A perspectiva do Jovem Guarani nas Aldeias do Jaraguá”, Trabalho de Conclusão do Curso de Formação Intercultural de Professores Indígena, USP, São Paulo.
- SALAZAR, Gabriel & PINTO, Julio (1999) Historia contemporánea de Chile, tomo II, Editorial LOM, Santiago de Chile.
- SALVATIERRA, Eliany (2009) Pelos caminhos de Alice: Vivências na educomunicação e a dialogicidade no Educom.TV, Tese (Doutorado) Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo.
- SILVA DE MELLO, Soraia; TRAJBER, Rachel [coord..] (2007) Vamos Cuidar do Brasil: conceitos e praticas em educação ambiental na escola, Ministério de Educação, Ministério de Meio Ambiente, UNESCO, Brasília.
- SOARES, Ismar de Oliveira (1999), “Comunicação/Educação: A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais”, em revista Contato, ano 1, nº 2, jan/mar, Brasília.
- SOARES, Ismar de Oliveira (2007), “A mediação tecnológica nos espaços educativos: uma perspectiva educacional”, Revista Comunicação & Educação, ano XII, nº 1, jan/abr, São Paulo.
- SOARES, Ismar de Oliveira (2009), “Caminos de la educacional: utopias, confrontaciones, reconocimientos.”, Revista Nómadas, nº 30, pp. 194-207, Universidad Central – Colombia.
- SPOSATI, Aldáza (1995) Mapa da exclusão/inclusão social. PUC, São Paulo

Paolo Alejandro Miranda Báez

“Projeto ‘MACHUCA: Somos Todos UM’ Rede Intercultural de Educomunicação”

- PÉREZ, E; y GARCÍA, R. (1991) “La psicología del razonamiento moral de Kohlberg” en La psicología del desarrollo moral, Editorial Siglo XXI, Madrid.
- PNUD (1997), Informe de Desarrollo Humano 1997, Edic. Mundi Prensa, Madrid.
- VILLASANTE, Tomás (2006), Desbordes creativos. Estilos y Estrategias para la transformación Social, Edit. Los libros de la Catarata, Madrid.

ANEXO I

Entrevistas PRÉ MACHUCA:
CEU Parque São Carlos
Sábado 23/05/2009

As pessoas entrevistadas no CEU Parque São Carlos foram as seguintes:

K= aluna de 2ª série, 8 anos de idade.
Pt= aluna de 3ª série, 8 anos de idade.
Fa= educadora, 32 anos de idade.
A= educadora, 45 anos de idade.
M= pai de uma aluna de 4ª série no CEU São Carlos.

Primeira entrevista: K

A menina responde à entrevista na presença dos pais. No final da entrevista eles também participam acrescentando suas opiniões.

O que você entende ou imagina por Ecologia?

K= mmm... não sei... criatividade.

Você já ouviu falar de Cultura da Paz?

K= sim.

O que você pensa ou imagina que é isso de Cultura da Paz?

K= É quando as pessoas se juntam... por exemplo... para cantar.

Agora, outra pergunta, o que é para você uma pessoa “Pobre” e uma pessoa “Rica”?

K= É uma pessoa sem nada... não tem dinheiro.

E Rico?

K= Que tem muito dinheiro, que compra muita coisa e que vive numa mansão.

O que seria pra você uma pessoa Bem sucedida?

K= Não sei o que é isso...

Uma pessoa que se da bem na vida... pessoa que tem sucesso...

K= É uma pessoa que canta e que é muito famoso.

O que é pra você desigualdade Social?

K= mmm... por exemplo que existem brancos, negros, índios... por exemplo eu sou loira ou eu sou preta e vem um menino e me fala assim “*sai daqui vagabunda!*”.

Será que você pode imaginar uma solução pra isso?

K= Sim... não falar mais isso.

Agora o que você imagina sobre a vida das crianças de um Colégio Particular?

K= Eu imagino que na hora do recreio lá tem essas barracas... de cachorro quente... acho que não é legal... não porque deve ter pouca criança lá... por causa que tem que pagar. A sala de aula... deve ser “chique”.

E agora o que você imagina sobre a vida das crianças de uma escola indígena Guarani?

K= As crianças ficam sentadas no chão, eles não usam livros... não usam nada... o lugar dever ser... bonito... eles estão vestidos assim com... saia de pano.

Qual é tua expectativa com os encontros onde você vai conhecer essas escolas?

K= Aprender o que eles comem... peixe, ou o que eles plantam.

Mãe de K: Ela me disse: “*mãe vou numa escola de índios*” e eu disse... “*ah? Existe aldeia de índios?*”, eu nem sabia que tinha aldeia de índios aqui na cidade. Eu também não sei o que eles comem, o que eles bebem... como será que eles vivem, o que eles vestem? (risadas)

Pai de K: O que acho legal de todo o projeto dessa rádio é que agora ela (K) só fala disso, lá em casa ela entrevista a toda a família, na internet ela pesquisa no Google sobre os índios, e ao invés de ficar falando assim do CREU (nome de uma música fanky), ela vai conhecer outra cultura... é tudo de bom!

Segunda entrevista= Pt

O que você pensa que é Ecologia?

Pt= mmm... “Trabalho de ciências”... não sei!

O que você pensa que é Cultura da Paz?

Pt= É fazer uns trabalhos assim... pra trazer paz.

Como você avalia a Cultura da Paz no Brasil hoje?

Pt= péssimo... eles não sabem o que é isso... tem muita violência... nas ruas, nas escolas, na televisão...

Imagine uma solução para ter cultura da paz no Brasil.

Pt= A gente devia colocar um cartaz assim beeeem grande num prédio... até todos eles saber que chegou a cultura da paz.

Você imagina o que é Desigualdade Social?

Pt: Sim. É assim quando fala “*Nossa! Esse negro parece preto!*” é... preconceito...

E se fosse imaginasse uma solução para isso aqui no Brasil?

Pt= Um cartaz... de novo... e falar na TV.

Agora o que é pra você uma pessoa Pobre?

P= É quando a pessoa não tem comida, ou.. tem comida, mas... não tem carinho, é uma família triste.

E uma pessoa Rica?

Pt= É quando ela tem comida, e é alegre, é feliz, tem carinho... uma casa bonita.

O que é para você ser bem sucedida na vida?

Pt= mmm.. não sei.

Uma pessoa que se da bem na vida... que tem sucesso.

Pt= Ter sucesso é quando por exemplo... eu fiz uma coisa muito arriscada para salvar a sua vida e depois disso todo mundo gosta de você.

Como você imagina que é a vida das crianças do Colégio Particular que vamos conhecer na próxima semana?

Pt= Tem crianças... todo mundo quieto, todo mundo prestando atenção e... tudo chique.(risadas) criança feliz, que nem os ricos, felicidade, paz e alegria.

E como será a vida numa escola Indígena Guarani?

Pt= mmm... uma escola de madeira... com carteira de madeira... eles sem a roupa de escola, descalços e a professora... com roupa normal, assim de chinelo (risadas).

[e as casas?] Tipo... uma oca, mais grande. Imagino assim, brincadeira, felicidade, diversão.

Quais são tuas expectativas com estes encontros?

Pt= Acho que eles vão olhar pra gente assim, “*quem é aquele ali... será que é do nosso país?*”, (risadas) ... eu... eu estou começando a ficar com um pouquinho de medo (risadas), quero brincar com os índios, conhecer as brincadeiras, ver como que eles brincam lá.

Muito obrigado pela entrevista.

Pt= Obrigada eu.

Terceira entrevista= Fa

O que você entende por ecologia?

Fa= Entendo... o cuidado do meio ambiente...

Com você avalia a ecologia hoje no Brasil?

Fa= É alguma coisa que acontece, que as pessoas falam, mas que na verdade a gente não faz. Parece que o pessoal esquece... acontece comigo também... eu falo várias coisas, de não gastar luz, não jogar lixo... mas a gente esquece...

Qual seria uma solução possível?

F= Acho que estar mais atenta a esses momentos. Você às vezes entra num transe... assim porque você acorda cedo e vai trabalhando e parece que você entra numa máquina! Com todo mundo... então é estar atenta a mim...

O que você entende a desigualdade Social no Brasil?

Fa= Acredito que isso depende muito dos educadores... acho que muitas vezes eles aprendem a fazer o que o professor diz, desde pequenos eles são obrigados a não ser o que eles são e acaba sendo que eles crescem obedecendo, e não sabem o que de eles são capazes... aí vêm a desigualdade.

Como você descreveria uma pessoa Pobre, pessoa Rica?

Fa= Eu comumente não vejo isso nas pessoas... mas, acho que a maior pobreza é a pobreza de pensamento, mais com a coisa do Ser que o ter. É o que você é... pobreza não está relacionada com dinheiro... e sim com o que você acredita.

E uma pessoa Rica?

Fa= Acho que é uma pessoa que consegue... ver oportunidades no meio de coisas difíceis... que consegue ver a beleza das coisas no cotidiano... consegue ver de repente em uma realidade não muito agradável, consegue ver coisas boas.

E o que e pra você uma pessoa Bem sucedida?

Fa= É trabalhar dando o seu melhor, no que você gosta, independente do seu salário... e você acreditar naquilo.

Como você descreveria que é a vida das crianças de um Colégio Particular?

Fa= Eu vejo que a família interfere muito na educação... e a criança acaba seguindo as regras do colégio porque a família paga essa educação e pode até cobrar mais a educação desses filhos. (Os educadores?) Acho que eles são... assim mais tradicionais, mais rígidos, mais... ditadores. Acho existe... medo, exclusão... porque no Colegio Particular se a criança não corresponde o colégio acaba transferindo o aluno, excluindo e isso acontece...

E o que você imagina que é a vida das crianças de uma escola Indígena Guarani?

Fa= Imagino uma educação com mais liberdade, mais amor, e quando você da liberdade e amor a uma criança ela se sente acolhida, ela se sente... segura... mais ela mesma, é... quando você prende muito é igual que... um bichinho, quanto mais você prende mais ele se revolta né? Imagino que a educação é diferente, acredito que lá tem uma troca né? Não é só assim “eu estou falando! E eu sei tudo” porque ninguém sabe tudo né? E acredito que as crianças sabem muito mais...

Expectativas: eu espero que as crianças trabalhem em conjunto... eu desejo que eles se sintam uma família... que possam refletir sobre o que vivem... e que valorizem a vida delas. Eu espero ser uma pessoa melhor...

Muito obrigado.

Fa= Tá.

Quarta entrevista= A

O que você entende por Ecologia?

A= É tudo o que... envolve as plantas... o meio ambiente.

Como você avalia o estado atual da ecologia no Brasil?

A= Ah, eu acho assim... degradante né? A devastação da floresta, poluição.

E você imagina uma solução?

A= Não consumir da mesma forma, pensar mais em Ser que ter... será muita utopia? (risadas)

E o que você sabe sobre a Cultura da Paz?

A= Vamos conhecer mais ao outro. Na luta diária, pelo consumismo... esquecemos do outro.

E alguma solução?

A= Começar de mim mesmo... nos meus hábitos... se você quer mudar as coisas então mude o mundo em você.

Agora o que você entende por Desigualdade Social?

A= É velho isso... poucos que tem tanto e tantos... que tem nada!

E uma solução possível?

A= Pensar menos no lucro... pensar mais no outro... aprender a dividir mais.

O que você entende por pessoas Pobres?

A= Uma pessoas assim... sem perspectivas, sem sonhos... sem vontade de viver, sem acreditar nela.

E pessoas Ricas?

A= Então, eu... acho que é minha utopia, né? (risadas)... eu não vejo como pessoa rica uma pessoa que tem bens... é uma pessoa que sonha, que busca se conhecer, conhecer os outros. Às vezes uma pessoa tem tanto que às vezes o que ela tem ela herdou de outros e não valoriza... e independente de se tem ou não ela não se apega... mas tem gente tão apegada que é pobre. Rico é ser desprezado dessas coisas.

E o que é pra você uma pessoa bem sucedida?

A= Uma pessoa que acredita assim... em si mesma, que olha os desafios, olha os problemas, aquilo que parece um embaraço na vida dela, como uma oportunidade pra ela crescer. Eu sei que no geral, a tendência é ver a pessoa bem sucedida como pessoas que tem muitos bens, mas... eu acho que falo isso porque estou numa fase assim meio de re-encontrar, de ser mais introspectiva, eu tava meio que escondida por coisas que eu vivi anos atrás... e então agora estou na fase de re-encontrar a “A” perdida!

E o que você pensa sobre a vida das crianças e professores num Colégio Particular?

A= Eu vejo assim... um tédio!... eu acho que a escola particular apesar de ter recursos materiais melhores... mas não tem a riqueza que tem a escola pública... aqui tem tanta diversidade. Essa escola tem tudo em termos materiais... os professores não tem a oportunidade de desenvolver projetos... mas também vai depender muito do professor... eles não tem a oportunidade que nós temos aqui de ser mais livres, eles são pessoas presas, amordaçadas, não podem ser criativas demais, eles tem que seguir o que dizem os patrões. As crianças também estão mais presas... elas tem essas cobranças para ter o que os pais já tem, e pra que continuem tendo... e tendo mais... Essa visão, de ter que ser mais que os outros, de estar “acima” dos outros... e isso acaba gerando é... insensibilidade.

E o que você imagina sobre a vida das crianças e professores numa escola Indígena Guarani?

A= Eu imagino assim... eles sentados, sem roupas, perto de uma fogueira... vivendo aquele mundinho deles... imagino velhos e crianças todo mundo junto... (e a escola lá?) ah! não consigo pensar em “escola”... porque a imagem que eu tenho é desta escola aqui... mas, imagino que lá eles não fazem fila... imagino que eles tem mais liberdade que nós. Imagino

que... as famílias não estão tão preocupados com o conhecimento formal. Na verdade não sei...

Quais são tuas expectativas com os encontros entre as três escolas?

A= Que eu venha aprender, entender eles melhor... as duas escolas. Para as crianças... acho que vai ampliar a visão do que elas imaginam... ou vai ser o que imagino tipo "era isso mesmo" ou "fiquei chocada"... mas vai ampliar a visão deles e a minha, e até desmistificar alguma idéia sobre os índios ou dos ricos.

Muito obrigado A.

A= De nada!

Quinta entrevista= M

Ecologia: natureza... A cumplicidade de todos os seres vivos.

Qual seria uma solução possível?

M= O ser humano tem pecado nisso... porque a gente depende bem mais da natureza do que a natureza depende da gente... acho que é necessário recuperar alguns valores... o problema dos valores do capital, do dinheiro. A solução seria um novo sistema que ensinasse ao povo que dinheiro é bom, mas não é tudo...

O que você entende por Cultura da Paz?

M= Acho que um assunto pouco divulgado... fiquei sabendo agora pouco... que já é uma iniciativa que tem quase dez anos... Nossa sociedade não aguenta mais violência...

E qual você pensa que é uma solução?

M= Isso deve começar dentro dos lares e dali se multiplicar, deveríamos cortar alguns programas de TV... esses desenhos violentos, que hoje tem até os Vídeo games.

O que é pra você Desigualdade Social?

M= Acho que é um absurdo alguém que não tem conhecimento, que não sabe o que é o ser humano o meio ambiente, e anda de carro zero importado, freqüentando hotéis e praias de luxo, e enquanto que pessoas que tem amplo conhecimento não encontram espaço no país...

Qual seria uma solução possível?

M= É um pouco radical, mas eu acho que teríamos que fechar o congresso... e fazer uma limpeza começando dali de cima... porque o Brasil é rico por si só, ele não precisa esse monte de gente mamando... eles roubaram, e o crescimento teria acontecido de forma muito mais natural...

O que é pra você uma pessoa Pobre?

M= Pessoa pobre é uma pessoa que não tem conhecimento, ainda que tenha dinheiro, mas se não tem conhecimento é pobre... não sabe aproveitar de uma forma sadia o dinheiro que tem... tá "escrachado", você vê essas pessoas que andam em carrões e passam xingando, que maltratam seus funcionários, que insulta o povo. É independente do dinheiro.

E uma pessoa Rica?

M= É uma pessoa que independente de ter ou não dinheiro, é uma pessoa que tem conhecimento social... que tem respeito, valores.

E uma pessoa Bem sucedida?

M= É uma pessoa que tem equilíbrio entre o dinheiro que ganha e o conhecimento que ela tem.

Como você imagina a vida das crianças de um Colégio Particular?

M= eu imagino que deve ser uma vida bem disciplinada... até porque tem dinheiro ali envolvido... as crianças elas todas com as bochechas vermelhas, saudáveis, protegidas do sol, bem cuidadas... o que não acontece numa escola pública.

(Sobre os professores?) eu acho que o amor do professor é sempre importante... independente da escola.

Como você imagina a vida na escola indígena?

M= eu imagino uma vida muito rica, eles mais perto de Deus, da natureza... mais longe dos vícios que o capital gera na cidade. Imagino uma escola bem simples. Imagino a aldeia, casas pequenas, sem espaço exagerado... cada um respeitando o espaço do outro.

Quais são tuas expectativas com este projeto?

M= Eu estou indo participar deste projeto, porque eu estou curioso também, porque estou querendo aprender também, indo agora no embalo com as minhas filhas pra aprender um pouco também.

Atualmente as crianças vem muita TV e é importante então que elas vejam a realidade por si mesmas e tirem suas próprias conclusões, porque se você só fica com um meio de comunicação você pode estar sendo vendido e comprado por esse meio de comunicação, então é bom que elas vejam por elas mesmas.

Obrigado pela entrevista.

M= Valeu!

Entrevistas PRÉ-MACHUCA
Colégio Passionista São Paulo da Cruz
Sexta feira 22/05/2009

As pessoas entrevistadas no Colégio Passionista foram:

B= aluna de 1º ano do ensino médio, 14 anos de idade.

La= aluna 6ª série, 10 anos de idade.

Ja= aluna 6ª série, 11 anos de idade.

C= educadora, 33 anos de idade.

Primeira entrevista= B

O que você entende por Ecologia?

B= Uma área que estuda o Brasil, que não se conhece ainda muito bem. Que estuda por exemplo que os estados Unidos é um dos maiores produtores de monóxido de carbono no mundo... e essas coisas.

Imagina você alguma solução?

B= Que em toda escola deveria ter ecologia... aqui tem né, eu formo parte do Educológico (um ONG formada dentro do Colégio)... e a gente fala bastante da reciclagem.

O que você entende por Cultura da Paz?

B= mmm... (não responde)

O que é pra você desigualdade social?

B= É quando uma sociedade não aceita um certo tipo de pessoa. É assim... preconceito... e isso aí é muito ruim.

E você pode imaginar uma solução possível?

B= Não deveriam existir mais escola particulares e públicas. Deveriam ser todas as escolas públicas e melhores... na outra escola onde eu estudava jogavam pedra... e gritavam “filhinho de papai!”.

O que é pra você pessoas Pobres?

B= Uma pessoa sem dinheiro desempregada, sem condições financeiras.

E pessoas Ricas?

B= eu acho que os ricos são hipócritas... porque eles sempre são gananciosos.

E o que é pra você uma pessoa Bem sucedida?

B= Ela esta no meio termo, ou seja ter um bom emprego.

Como você imagina que é a vida numa Escola pública da Periferia?

B= Eu nunca estive muito presente nessa realidade, mas sei que tem muitas crianças que vão pra escola pra comer, pra se alimentar... e as que vão pra estudar é difícil... o aprendizado delas é o aprendizado da vida, não na escola, mas da vida...

Talvez eles sintam um pouco de ciúmes entre a vida deles e a nossa... Imagino também que se tem uma favela perto, deve ter traficantes...

E como você imagina uma escola indígena Guarani?

B= Legal! Imagino que eles estão perto da mata [lembre que a aldeia fica aqui em São Paulo] Então, acho que é uma mistura da escola publica e da particular... Acho que deve ser como aqui é, normal, conhecimento, cultura, aprendizado.

Deve ser um ensino diferenciado, a cultura é maior acho, que é uma extensão, não só é matéria... acho que ensinam do que é ecologia, de como tratar as plantas.

[e o lugar?] Imagino que eles vivem em casas... Normais.

Quais são tuas expectativas com estes encontros?

B= Aprender coisas novas... uma nova cultura.

Obrigado pela entrevista.

B= De nada...

Segunda entrevista= La

O que é pra você Ecologia?

La= mmm... é o meio ambiente.

Como você avalia a situação da ecologia no Brasil?

La= Péssimo, muita poluição... desmatamento.

Você imagina uma solução para isso?

La= Sim...colocaria uma cerca ao redor da floresta.

Você ouviu falar de Cultura da Paz?

La= mmm... Não... Imagino... uma cultura que incentiva a paz.

Como você avalia a paz?

La= Ruim, porque tá tendo guerras no Iraque, tem violência nas escolas...

O que é pra você uma pessoa Pobre?

La= Não existe pessoa pobre, existe pessoa que não tem dinheiro, morador de rua [esse é pobre?] não... pra mim pessoa pobre é pessoa pobre de espírito, pessoa ignorante, que não ajuda aos outros, que gosta de se *esnobar*.

E pessoa Rica?

La= É uma pessoa cheia de coisas, cheia de dinheiro e bens materiais... [só materiais] não... pode também ser rica de amigos, rica de amor.

E uma pessoa Bem sucedida?

La= Uma pessoa que sabe administrar seu trabalho, sua casa, sua roupa.

O que é pra você Desigualdade Social?

La= É que existem pessoas sem casa... enquanto que outros tem uma mansão.

E você imagina alguma solução pra isso?

La= Que as pessoas ricas ajudassem um pouco as outras pessoas.

Como você imagina que é uma Escola pública da Periferia?

La= Lá na periferia não sei, mas escola publica si porque já estive ai.. tem muita briga, e a maioria não entende nada porque os professores não explicam direito, os alunos que de outras salas entram na sala. Muita violência, e não tem muita educação.

O que você imagina de uma escola Indígena?:

La= Não sei... imagino uma escola simples... tipo cabana... com carteiras de madeira... e que não tem parquinho. Diferente, e que não tem internet

Quais são tuas expectativas com estes encontros?

La= Aprender mais de cultura diferente e... saber mais da minha família, porque meu vô é filho de índio!

Obrigado pela entrevista.

La= Tá.

Quarta entrevista= Ja

O que é pra você Ecologia?

Ja= ecologia... mmm... não sei. Alguma coisa da natureza.

Como você avalia a ecologia no Brasil?

Ja= Muito mal, porque está tendo muito desmatamento, as pessoas jogam lixo na rua, nos rios.

Você imagina alguma solução? A gente deveria tomar mais consciência... a gente tem que reciclar, não jogar as coisas no chão... se cada um de nós faz a sua parte a coisa poderia realmente melhorar.

Agora, você sabe o que é Cultura da Paz?

Ja= Já ouvi falar... eu entendo que têm muita violência, então fazendo essas culturas, cartazes pra os adolescentes pararem com tudo isso.

Você imagina uma solução pra isso?

Ja= Se eu fosse uma política não incentivaria as drogas, não agiria como os políticos agem... falar deles (os jovens) ficar longe das drogas. Os políticos não falam "pare com as drogas" só mostram as tragédias na TV. Faria uma campanha na TV.

O que é uma pessoa Pobre?

Ja= Pra mim, não importa se tem muito ou pouco dinheiro, pra mim pessoa pobre é pessoa recaída, que não se levanta... que não é segura.

E uma pessoa Rica?

Ja= Não de material, ao contrário do que eu falei, é uma pessoa segura, que vai atrás de seu sonho, eu por exemplo, quero ter um prédio de estética, então uma pessoa rica tem que ter Fe em Deus.

O que é uma pessoa Bem Sucedida?

Ja= É quando você consegue correr atrás e construir seu sonho, se você corre atrás você vai conseguir. Eu acho que é uma pessoa que estuda... uma pessoa vencedora.

Como você vê a Desigualdade Social no Brasil?

Ja= Acho que o racismo, é a principal.

Qual seria uma solução possível?

Já= A gente tem que tratar todos iguais, se a gente enxergasse igual que os animais, assim preto e branco, a gente não ligaria pra isso. Acho que a gente exclui também, era bom a gente dar um espaço pra eles também, muita gente negra não consegue emprego por isso, minha mãe me falou isso...

Agora imagina como é a vida das crianças de uma escola pública?

Ja= eu acho que as crianças acordam elas vão pra escola, e muitas não tem objetivo de estudar, algumas vão pra zuar, bater na professora, beber, fumar, usar drogas... e depois da escola elas tem que trabalhar, porque os pais obrigam, os pais não tem condições... eu não concordo com isso, mas acho que a vida de crianças na periferia deve ser assim né? Brigando com crianças, disputando, essas coisas...

Agora imagina como é uma escola indígena Guarani?

Ja= eu imagino que pra eles, eles são ricos, pra nós eles são simples, imaginando eles brincando no barro, ao ar livre...

Quais são tuas expectativas com o encontro?

Ja= Eu quero eu vou é aprender de uma outra cultura, vou me divertir muito.

Muito obrigado pela entrevista.

Ja= De nada.

Entrevistas PRÉ - MACHUCA

Aldeia Guarani do Jaraguá

Domingo 24/05/2009

As pessoas entrevistadas na aldeia Guarani do Jaraguá são as seguintes:

Po= educadora da escola Djekupe, 32 anos, mora na aldeia Tekoa Ytu.

Ma= aluno da escola Djekupe, 4ª série, 11 anos.

C= aluna da escola Djekupe, 6ª série, 13 anos.

Ge= Mãe de Ma, 27 anos, mora na aldeia Tekoa Pyau.

Al= Liderança da aldeia Tekoa Pyau , participou da fundação do CECI.

Primeira entrevista: Po

O que você entende por Ecologia?

Po= Ecologia?... meio ambiente... cuidar da natureza...

Como você avalia a ecologia no Brasil?

Po= Nosso país... ele... Não sabe crescer sem destruir... é um problema de ser um país em desenvolvimento. Ele precisa crescer, mas... se cresce ele começa a destruir... a natureza.

Qual, segundo tua opinião, seria uma solução possível?

Po= Existem hoje certas energias renováveis, mas elas não estão sendo usadas porque existem os problemas econômicos e políticos. Então eu acho que uma solução é a conscientização das pessoas... as coisas (recursos naturais), algum dia vão acabar e acontece que os não indígena tem essa idéia doida de fazer muito dinheiro para deixar para seus descendentes... mas vai acontecer que eles vão ter dinheiro, mas eles não vão ter mundo!

O que você entende por Cultura da Paz?

Po= Varias atividades... é uma ação para... é... uma maneira de conviver... é pra acabar com... o lado mais feio do ser humano, a violência.

E qual você acha que seria uma solução?

Po= Existe o problema do abandono do governo... criam se assim áreas de risco... e então algumas ONG's trabalham isso da cultura da paz... aqui na aldeia por exemplo, estão em risco os adolescentes... não sabem lidar com as mudanças e isso está se tornando um problema delicado. E eu acho que as lideranças deveriam se adaptar ao novo tempo. Precisamos mudar algumas regras... por exemplo, não deveria ter mais casamento cedo, isso que a criança com 13 anos já tem que escolher marido e é obrigada a se casar, ter filho. Bom, agora não é mais obrigado, mas há pouco tempo atrás eu já vi casamentos obrigados. Eles muitas vezes não estão preparados para segurar um casamento, e os adolescentes, não tem ainda a maturidade para manter o filho por exemplo... Então eu acho que deveríamos pensar em oportunidades para os jovens daqui da aldeia, mas para eles se manter na

aldeia... não é a idéia de dar empregos fora da aldeia porque senão, isto aqui acaba como aldeia e vira um "condomínio".

O que você pensa sobre a Desigualdade Social no Brasil?

Po= É muito grande... e é em todo lugar. No caso aqui da aldeia... antigamente não tinham diferenças sociais... as aldeias no máximo tinham 150 pessoas... mas 600 é um número muito grande. Antes tinham alguns núcleos familiares... e cada um tinha o que precisava para si. Si são 20 pessoas, quando ia pescar não pescava além de 20 peixes, ou milho... e o que sobrava ela distribuía na comunidade. Mas agora mudou, porque já não tem mais caça, nem pesca... então, a gente agora vive de doações, da ajuda assistencial, por exemplo do programa de renda mínima familiar... existem alguns poucos que trabalham fora da aldeia... Mas acontece hoje que as famílias das lideranças conseguem mais coisas que outros... porque como a pessoa é liderança, normalmente é porque a pessoa fala mais, consegue se comunicar melhor com os não indígena... e acaba sempre sendo escolhido para fazer cursos, pra ser agente de saúde, por exemplo. Não chega a ser nepotismo, mas é meio natural e acaba tendo mais dinheiro que aqueles que não tem. E começam a acontecer aqui dentro algumas coisas que nunca antes tinham acontecido. Por exemplo eu tinha que ir lá na USP, pra estudar... e a casa aqui ficava sozinha, e depois quando eu voltava alguém tinham mexido na casa... televisão, o rádi tava ainda aqui mas tinham pegado no guaraná, no chocolate... e comiam aqui mesmo. A gente sabe não foram adultos, que são jovens, crianças ou adolescentes... e é isso eles vem que a gente tem mais condições que eles... eu não queria me tornar assim diferente dos outros. O que me levou a isso foi ter uma profissão, e aquele que não tem, no caso do adolescente, então ele invade a casa, e aí eu na ponta da pirâmide social e ele na base.

E qual seria uma solução possível para a desigualdade social?

Po= Então,... eu imagino que existem dois caminhos, duas possibilidades. A primeira... Que voltasse a ser como antigamente! Por exemplo, tem um pessoal lá de cima (aldeia de cima)... e eles estão vendo a possibilidade de ganhar um terreno em Mairiporã, com mais área verde, mais mata, e a gente vai pra lá... Mas isso também não vai ser fácil. Isso já não é para todos... porque por exemplo eu, já não me adapto no estilo antigo de viver... aos 7 dias de estar na mata, acho que o nível de poluição no meu sangue diminuiu muito e então preciso voltar pra São Paulo pra respirar um pouco de poluição (risadas)... não conseguira mais viver sem ouvir radio, ou assistir TV.

E uma segunda solução... seria que as lideranças da aldeia garantissem oportunidades para todos, mas aqui dentro da aldeia... buscar alternativas, por exemplo poder usar o lago aqui perto para criar camarão, fazer um projeto de reciclagem, etc. Gerar oportunidades mas aqui dentro da aldeia.

Todo lixo antigamente era queimado... antes eram folhas e cascas, mas o que é o lixo hoje, plástico, sapato. Mas ainda hoje o hábito é que junta tudo e bota fogo. E imagina essa fumaça! Essas coisas tem que mudar...

Outras perguntas, o que você entende por pessoas Pobres?

Po= São pessoas que vivem em áreas de risco... sem poder ter acesso a uma vida digna, ou seja, poder viver sem ter que se humilhar, sem ter que sofrer violência todo dia, sofrer pra ter comida, roupas, sapatos.

E como você entende pessoas Ricas?

Po= São pessoas que tem muito dinheiro. Mas... isso não é ser feliz... porque você pode também ser uma pessoa rica de saúde, de alegria. Nesse sentido... eu sou rica dessas coisas.

O que seria então ser uma pessoa bem sucedida na vida? Pessoa que tem sucesso?

Po= Pra mim ter sucesso é poder viver dignamente, ou seja, viver sem ter que se humilhar pra conseguir as coisas, a gente tem que ter um valor .

Agora sobre as escolas que participam do projeto Machuca, o que você imagina sobre a vida das crianças de um Colégio Particular?

Po: Imagino crianças com muitas atividades, balé, etc. que não passam vontade de comer... imagino os professores... assim como imagem física... mulheres magras, loiras, roupas chiques... mais formal... acho que elas tem carros e devem ter pessoas que trabalham pra elas nas casas. Babás... As salas de aula devem ser... amplas, luminosas, com no maximo 20 alunos, duas professoras em cada sala, a professora e a assistente, muitas janelas, boa iluminação... Isso.

E como você imagina a escola pública da periferia, o CEU São Carlos?

Po= Imagino... crianças brincando na rua, ou dentro do CEU se tem atividades... os professores... imagino... tenho outra imagem. Dois tipos de professores (risadas) ou eles estão ali no CEU porque não tiveram a oportunidade de trabalhar em uma escola particular ou... são professores idealistas... (como assim?) Vou explicar do professor idealista... imagino que se é homem ele usa calça jeans e camiseta... uma camiseta que tenha alguma mensagem, meio que fale de sua postura ideológica... ou política... as mulheres eu imagino com roupa indiana, assim quase hippies [e o outro professor?] O outro imagino assim meio deprimido, caído, não usa roupas caras, mas ambos sofrem, um porque gostaria de estar em outro lugar (colégio particular) e o outro porque gostaria que as crianças estivessem de melhor forma. Sei disso porque uma amiga trabalhava num CEU e ela via a violência que as crianças sofrem e não conseguia fazer nada.

Três palavras que você associa com Colégio Particular:

Po= Ordem, claro (luminosidade), grande.

Três palavras para o CEU ou escola publica:

Po= Esperança, muita gente, dedicação dos professores.

Quais são tuas expectativas com os encontros entre estas três realidades?

Po= Eu espero mais em que meus alunos possam ir pra lá, conhecer essas outras escolas, porque já muitas escolas vem pra cá visitar a gente. E sempre eles pensam que aqui vai estar cheio de mato, cheio de ocas (risadas) e chegam aqui e ficam um pouco decepcionados. Por isso, eu queria que as nossas crianças fossem pra lá e assistissem o que elas, as outras escolas vão apresentar, mas que as nossas crianças não apresentassem nada, só se quiserem, mas não que fosse marcado. No fundo eu queria que elas não fossem a atração desta vez.

Quais você acha que poderiam ser os benefícios de uma atividade assim?

Po= Conhecer outras realidades, outras maneiras de viver, e porque isso vai ampliar sua visão, sua bagagem de mundo.

Muito obrigado pela entrevista.

Po= Tá bom.

Segunda entrevista= Ma

O que você entende por Ecologia?

Ma= É sobre... o meio ambiente.

E como você acha que esta a ecologia no Brasil?

Ma= Eu acho que está... "limpo"... mais o menos, mas vai melhorando...

Qual seria uma solução para a ecologia no Brasil?

Ma= Que todos colaborassem, pra manter tudo limpo. Isso.

Agora, o que é pra você Cultura da Paz?

Ma= É que não tem briga...

E qual seria uma solução para a cultura da paz no Brasil?

Ma= Tem muita gente que às vezes é brava, mas por dentro delas... eu sei que tem algo melhor pra elas... que eles... devem amar as pessoas, não brigar, não matar.

Você sabe ou ouviu falar sobre Desigualdade Social?

Ma= Quando querem brigar, ou matar...

E qual seria uma solução?

Ma= Pedir desculpas pro outro, pedir perdão...

Agora, o que é pra você uma pessoa "Pobre"? Como você define?

Ma= : É uma pessoa assim... que vive na rua, que não tem roupa, que vive pedindo... esmola.

E uma pessoa "Rica"?

Ma= É uma pessoa que tem muito dinheiro, pra comprar roupa, que tem casa, que tem muito luxo.

E como você entende uma pessoa que é Bem sucedida?

Ma= É uma pessoa que trabalha... e que doa aos outros que não tem.

Como você imagina que é a vida das crianças num Colégio Particular, um colégio pago?:

Ma= Eles estudam e os pais pagam muito caro e... acontece que quando eles não tem dinheiro tem que sair da escola. Então, imagino que lá eles aprendem a estudar, a escrever... imagino que tem salas grandes... de uns 23 alunos aproximadamente. A professora... ela tem uns 23 anos... eles vão pra estudar, não ficar bagunçando, aprender.

E agora como você imagina a escola pública, lá na periferia?

Ma= Eles estão aprendendo, tem vidas boas, não como os menino de rua... lá na escola eles aprendem a compartilhar, a não brigar, não xingar.

E finalmente qual é tua expectativa com estes encontros entre as escolas?

Ma= Vai ser legal, eu imagino a gente brincando, fazendo amigos.

Valeu Ma, muito obrigado.

Terceira entrevista= C

Como você definiria Ecologia? Ouviu falar?

C= mmm... (não responde)

E o que você entende por Cultura da Paz?

C= (não responde)...

Tem cultura da paz no Brasil?

C= Não, não tem, porque tem muita violência.

Qual seria uma solução possível para a cultura da paz no Brasil?

C= A pessoa que esta fazendo isso tem que acordar e ver que a violência não traz nada então temos que mostrar a eles como a violência não traz paz... acho que a gente podia fazer umas palestras... falar do problema das drogas.

O que você imagina que é a Desigualdade Social?

C= É quando tratam os negros e os índios diferentes como se fossem diferentes... não respeitam.

E qual seria então uma solução possível?

C= As pessoas tem que aprender que na verdade somos todos iguais, que tem que ter respeito... aprender a colaborar.

Agora o que é para você uma pessoa Pobre?

C= É uma pessoa assim... eee... pessoa que não tem condições, que não tem dinheiro, que não tem um emprego bom.

E uma pessoa Rica?

C= É uma pessoa que poder fazer o que quiser com o dinheiro, como... uma rainha...assim tem muitos empregados.

E o que é pra você uma pessoa bem sucedida na vida?

C= Pra isso é uma pessoa... tem que ter inteligência.

Como você imagina a vida das crianças de um Colégio Particular?

C= Imagino que pra estar lá elas tem que ter dinheiro, é como... uma escola normal... as salas... eu imagino mais boas que as nossas né? E as professoras... bem formada, acho que tem que usar uniforme.

Como você imagina a vida das crianças de uma escola Pública da periferia?

C= Imagino que deve ser uma escola que precisa muito de obras, devem ter várias necessidades... a maioria das crianças que vivem na favela... então lá deve ter traficante, tiroteios, deve ser uma vida bem difícil, porque existe a influencia desses traficantes, e as crianças crescem lá... que matam pessoas... deve ser uma vida diferente de uma criança normal, assim... aprender a fumar, matar... (e os professores?) As professoras devem ensinar muito bem, mas imagino que precisam de proteção...

Qual é tua expectativa com estes encontros?

C= Acho que vamos aprender muito... porque vamos conhecer outras escolas, bem diferentes... a escola rica... e uma escola que sofre muito.

Valeu, muito obrigado pela entrevista.

C= Tchau.

Quarta entrevista= Ge

O que você entende por Ecologia?

Ge= Eu penso em... bastante verde. Natureza...

Como você avalia a ecologia no Brasil hoje?

Ge= Eu vejo que é muito pouco... a gente vê, muita poluição...

Qual seria uma solução?

Ge= deveria ter mais consciência de cada morador aqui no Brasil.

O que você entende por Cultura da Paz?

Ge= É como... é uma sobrevivência... de muitas coisas... é poder viver assim tranquilamente com a natureza... é ter paz... porque se você não tem paz com você, não vai ter paz com a natureza.

Como você avalia a cultura da paz no Brasil?

Ge= É muito pouca... porque as pessoas não tem paz consigo, e em cada pessoa... sem importar a raça, precisa se unir, porque sem união não tem paz.

O que você pensa sobre a Desigualdade Social no Brasil?

Ge= A desigualdade é quando tem preconceito... quando eles acham que eles por ser branco, só eles são ser humano. Então o preconceito é muito grande.

E qual seria uma solução possível?:

Ge= Ter mais união e aprender a respeitar um ao outro. Não importa que raça que é... eu vejo tanto na televisão e eu fico indignada... a gente não pode sair daqui que tem preconceito.. Por exemplo eu tenho isso...eu vivi isso... Eu falava com a professora do Ma (o filho) estudava fora da aldeia estudou uns 5 anos fora da escola... e ma chegava em casa dizendo que o colega tinha chamado ele de macaco, de que ele era feio e então... eu acho que isso que é preconceito! Então tem que acabar isso e ter igualdade desde pequeno. Porque primeiro as crianças tem que ter educação dentro da escola e dentro da casa... dentro da família... Se os pais não ensinam pra eles? Por isso que eu falo sempre pro Ma (filho), se você esta na sua sala tem que respeitar todos os coleguinhas, não importa se ele é africano, branco ou americano... “*não vai na brincadeira dos outros porque isso é feio, se você ri do seu coleguinha, é preconceito*”. Porque lá eles fazem isso com outras crianças e eu ensino ele que fazer isso não é certo. Então acho que o primeiro manter o respeito dentro de casa...

Agora, o que é para você pessoas “pobres” e pessoas “ricas”?

Ge= pobre?...(pensando)... São aquelas pessoas que.. não tem espiritualmente paz. Porque pra mim não importa se você é pobre ou se você é rico... porque você é pobre quando todo dia você se levanta e diz assim “*nossa não tenho nada!*” mas espiritualmente você tem de tudo. Agora o rico não, ele é uma pessoa assim que só pensa em dinheiro, em comida, e ele não tem paz, não tem alegria, então... o pobre tem de tudo mais do que o rico.

O que é pra você uma pessoa Bem sucedida na vida?

Ge= Pra mim... bem de vida... estudar... se você não estudar você não é nada, trabalhar bastante... se você não trabalhar e não tem nada, vai ser bem pobre... e bem sucedida é uma pessoa que respeita uma a outro.

Como você imagina que é a vida de crianças de um Colégio Particular?

Ge= Ai ela (a escola particular) esta ali como representante dos pais para dar aulas das crianças... Se não tiver boa educação não sabe de nada... [e os professores?] Elas, as professoras da particular eles são pagos tem que cumprir o que está ali pra fazer, ele faz um trabalho muito diferente que a escola pobre... porque a escola pobre, a municipal.. tem que estar em atividade com as crianças falando mais da historia, dos avós...

E como será a vida na Escola Publica de periferia?

Ge= Eu acho...que a vantagem de uma escola pobre... municipal... é que lá entende mais das coisas, tem atividade, tem dança, a cultura, porque a professora se interessa de ensinar, sobre muitas coisas. O futuro dessas crianças pode ser até melhor... advogado, professor... lá estuda mais que escola paga.

Qual é tua expectativa com estes encontros?

Ge= Eu acho que vai acontecer se Deus quiser.. que vai ser um encontro pra abrir mais espaços pra essas crianças que vem de fora, pra entender mais os alunos da etnia guarani, espaço bastante criativo para os alunos Guarani e para os portugueses que vem de fora... Como mãe, eu tenho orgulho do Ma por ele se interessar pelas aulas que estão tendo. Eu digo pra ele, que você não pode estudar e não pensar em nada, eu digo pra ele você tem que pensar em você e em seu próximo.

O que você acha que seu filho está transmitindo pela rádio TV e fazendo entrevistas?

Ge= O Adulto que estiver do outro lado do computador ele vai dizer "*olha! é apenas uma criança*" e ele vai dizer "*eu poderia estar falando assim, mas é uma criança falando!*" e até o próprio governador, ele vai escutar e vai saber que então que ele tem que ajudar... ele vai dizer "*a gente tem que estar ajudando porque é uma criança que está falando e mandando uma mensagem... pro mundo!*". Isso é o que eu penso (risadas).

Muito obrigado pela entrevista.

Ge= Obrigada.

Quinta entrevista=Al

O que é pra você Ecologia? Qual é a tua idéia disso?

Al= (demora)... ecologia?... é quando... falamos do mundo?

E como você pensa que está a ecologia no Brasil?

Al= Eu acho que ecologia existe em todo o Brasil... eu... eu não se isso acontece... entendo direito (risadas)... não sei se realmente protege ou destrói a natureza.

E pra você qual seria uma solução possível pra isso?

Al= Pensar um pouco mais, u pouco melhor... e procurar assim, não destruir muito. Hoje em dia... tem muito *Juruá* (não indígena) lá fora que é empresário, que tem dinheiro e ainda mais que nós não somos unidos... se nós tivesse união... se autoridade, presidente, o governo do estado, prefeitura se reunisse pra ver o que pode fazer... se unir pra não agredir mais a natureza.

Você já ouviu falar da Cultura da Paz?

Al= Tem muita instituição assim... que não tem apoio do nosso governo, tem que ter apoio pra eles fazer esse trabalho.

O estado da cultura da paz no Brasil?

Al= Se nos tivesse apoiado, a gente poderia fazer muito, mas... já fizemos tentativas e não conseguimos apoio. É uma organização (cultura da paz) que não faz parte do nosso conhecimento... mas é uma coisa que deveria ser apoiada por todos nós, de isso depende o nosso país. Aí sim.

O que você entende por Desigualdade Social no Brasil?

Al= No nosso conhecimento... nós nunca nos sentimos melhor que outra pessoa, então todos tem direitos, quando a gente vivia na mata a gente pegava fruta o suficiente pra se alimentar e o resto ele fica.. ele fica nas árvores e assim pode chegar passarinho, pode chegar tatu e aproveitar esse alimento produzido pela natureza. Então, nós dependemos do nosso Brasil... e tem que fazer assim porque se não... acontece isso de preconceito, racismo... às vezes eu já vi na televisão que alguém corta o cabelo diferente e essa pessoa é agredida em algum lugar da cidade, no mundo do índio não é assim, ele se arruma o cabelo assim como ele quiser... se ele quiser cortar todos os cabelos, pode... se quiser andar cabeludo... pode.

E qual seria uma solução?

Al= Acho que o melhor é deixar de ser preconceituoso e falar pros nossos filhos, explicar pra não agredir, não se sentir superior a ninguém.

O que é pra você uma pessoa Pobre:

Al= Isso é quando no mundo da civilização não pode sobreviver, não tem trabalho, dinheiro, preparação... agora no mundo dos índios já não é assim.. “pobre” assim... não existe, porque o cara que tem saúde, ele é rico, tem boa família, ele é rico. Agora *Juruá* (não indígena) pensa de outro jeito... o cara é legal quando ele tem dinheiro, ai todo mundo acredita nele.

Então como é uma pessoa “rica”?

Al= O cara é rico só porque tem dinheiro e material, porque faz alguma coisa pra vender, mas ele é pobre pelo espírito... porque ele depende só do dinheiro... agora o pobre não, ele acredita na força de Deus... agora o rico muitas vezes nem lembra disso... que Nhanduru existe. Agora o rico... ele depende do dinheiro... quando ele tem dinheiro ele é tudo... ele depende do dinheiro.

E o que é pra você então uma pessoa bem sucedida na vida?

Al= Depende... essa pessoa... está sossegada, não sei de que forma... É uma pessoa que não tem problema, que vive conhecido, que ele se da bem com todo mundo, gosta de todo mundo, conversa...

E aproveitando a educação deveria oferecer?

Al= Educação se aprende de dentro de casa... isso não se aprende na escola, esse lugar onde ele estuda é uma preparação pra sobrevivência deles, no caso dos índios eles faziam assim... ele cria filho junto com eles e (crianças) sempre acompanhando o trabalho que os pais fazem, as mães cozinham comida, a lavar roupa... eles aprendem a cozinhar, com as mães e os pais. Esse educação que a gente fala... eles colocaram esse nome pra gente facilitar mais, pra gente colocar os nosso filhos nas escolas, mas educação mesmo ele aprende com as mães e com os pais.

Outra pergunta, como você imagina que é a vida num Colégio Particular?

Al= Essas escola particular... é uma coisa... é uma pessoa que faz um tipo de trabalho pra sobreviver... ele faz uma casa e paga uns professores pra dar aulas pras crianças... é pra sobrevivência deles.

Eles podem se preparar para o trabalho deles, eu acho que... é isso, pode aprender a ler e escrever, falar correto a língua portuguesa, pra conseguir um trabalho quando ele crescer.

E como serão as famílias dessas crianças?

Al= ...(demora)... ? Deu branco!

E como você imagina a escola pública, as pessoas do CEU São Carlos?

Al= Poderia a escola estar mais unido com os pais das crianças, onde as criança pode aprender a conviver com a população, porque acontece muito criança agressivo na escola, violência. Então, pra não acontecer teria que fazer uma reunião pelo menos uma vez por mês... com os responsáveis.

E como imagina que é a vida desses professores?

Al= Eu não sei... Acho que ele pode ensinar a língua portuguesa, a ler e escrever. Acho que... ele trabalha mais pra ler e escrever. Acho que eles precisam de muito apoio dos pais.

Quais são suas expectativas com estes encontros entre as três escolas?

Al= É um jeito de mostrar nosso conhecimento... e muitas escolas de fora não fala da importância da cultura indígena e por isso que hoje em dia a gente a nossa escola. E a gente quer então que as pessoas de fora conheçam a nossa escola... Ai poderia estar nascendo uma união. É aqui nós temos a nossa língua, a nossa cultura... só que nós não temos como praticar algumas coisas que fazem parte da nossa tradição... pela falta de espaço.

E a ida de vocês pra lá, será que vai ajudar?

Al= Com certeza... porque muitas vezes a gente sai fora da aldeia pra uma cidade e muitas vezes as crianças ficam com medo... porque “*olha os índios chegando aí!*” e eles se assustam e... então pra não acontecer essas coisas é bom a gente sempre trocar umas idéias com as crianças.

Muito obrigado Al pela entrevista.

Paolo Alejandro Miranda Báez
“Projeto ‘MACHUCA: Somos Todos UM’ Rede Intercultural de Educomunicação”

ENTREVISTAS

PÓS ENCONTROS

Entrevistas PÓS MACHUCA
CEU PARQUE SÃO CARLOS:
Segunda feira 16/11/2009

No grupo do CEU foram entrevistados individualmente:

- Fa= educadora, 32 anos, pouco mais de um ano trabalhando no CEU, participou das entrevistas antes dos encontros.
- Pt= 9 anos de idade estudante do CEU, sexo feminino, participou das entrevistas antes dos encontros.
- Jo= Mãe de uma aluna do CEU e participante nos encontros entre as três escolas.
- Pa= 10 anos de idade, Estudante do CEU, sexo feminino.
- Po= 12 anos de idade, estudante do CEU, sexo masculino.

Primeira entrevistada: F

Agora vou perguntar novamente as mesmas questões que fiz a você da primeira vez, lembra?

Fa= Sim, lembro.

Então, só pra saber se mudou alguma coisa, pergunto de novo, o que você entende hoje por Ecologia?

Fa= O estudo do meio ambiente né?... mas, pensando... quando a gente estuda, a gente pesquisa, se envolve, então também tem a ver com você, aprender com o meio ambiente, você se relacionar com ele, com as pessoas, com os animais, plantas e entende que você faz parte dele e tudo que é bom nele faz parte de você. E que tudo que é ruim... também faz parte de você.

Legal, agora, como você avalia a situação da ecologia no Brasil hoje?

Fa= No Brasil... eu acho que as pessoas falam muito de proteger o meio ambiente, ensinam muito pras crianças... a economizar água, a você reciclar..., mas eu não realmente se as pessoas estão interessadas nisso, né? Às vezes ensinam as crianças a falar porque é bonito e a criança não entende o verdadeiro propósito de proteger o meio ambiente, que é proteger você mesmo... e tudo que tem no Brasil, no planeta. Acho que as pessoas são muito autodestrutivas, até eu... querendo trabalhar demais, querendo colocar um limite muito alto na nossa vida... e acho que cada um deveria se conhecer mais para entender seus limites, qual que é sua verdadeira intenção aqui no Brasil, no mundo... que tenha a ver com seus sonhos, seu trabalho, sua vida.

Muito bem, agora, como você avalia a Cultura da Paz no Brasil?

Fa= Acho que o nome tem a ver com você cultivar, plantar uma sementinha de paz... e assim, é muito difícil porque a gente não se conhece, a gente fica buscando, que nem eu... eu posso dizer que ainda não me conheço muito bem... porque eu fico me procurando em muitas situações e pessoas e quando eu vou ver eu me encontro em mim mesma! Mas... pra eu entender isso... e a gente fica tentando buscar a paz no outro, no seu marido, no seu amigo... e fica colocando toda a responsabilidade no outro, sendo que é um dever nosso, semear a paz, cultivar a paz... mas é muito difícil porque a gente ainda não se conhece, o adulto não se conhece, ele (o adulto) até se conhece menos do que criança... porque tem

interesses, tem... a questão do que o mundo coloca e primeiro lugar. O que é que é em primeiro lugar? O dinheiro? É a paz? A gente tem que escolher! A gente quer o poder, quer o dinheiro... o que é que é melhor? a gente vai acabar com nosso planeta pra vender a Amazônia por quanto? Então acho que são essas coisas que a gente tem que pensar...

Pelo que estou te ouvindo parece então que ecologia e Cultura da paz seriam assuntos bastante conectados ou não?

Fa= sim, ecologia, cultura da paz, sustentabilidade e qualidade de vida... acho que todos esses termos estão ligados, porque se agente não tem paz a gente não é sustentável, se a gente não tem qualidade de vida a gente não tem paz e não é sustentável... e assim.

Agora, sobre a desigualdade social no Brasil, qual é tua opinião hoje?

Fa= Em relação... ao que as pessoas tem?... Bom... cada um busca uma coisa diferente... tem pessoas que valorizam o poder, ter mais dinheiro, bens que são materiais. Quando você busca esse tipo de coisa com certeza vai ter, mas... eu acredito que tem pessoas que vem de uma família que já lutou por isso, vem de uma família que já tem mais posses que outras... e aí, essa pessoa acaba tendo não porque ela quis não porque ela batalhou, mas ela acaba tendo mais coisas que outras... e eu já trabalhei com pessoas da classe alta e percebi que são pessoas muito nobres. As pessoas que tem uma família que já deram tudo pra ela, ela já não tem mais nada pra buscar, então elas buscam outras coisas, buscam abrir instituições, em ajudar a quem precisa, não só em dinheiro em atenção em carinho e tudo, então essa questão da desigualdade é quando você tem tudo o que você precisa e você busca mais esse outro lado, mais espiritual, mais... Mas acho que deveria ser ao contrário, ou seja a gente não devia pensar nas coisas materiais primeiro, a gente devia ser primeiro, ser um pessoa... Mas tem outras pessoas que buscam e buscam e buscam mas nunca conseguem..

Voltando a pergunta sobre as categorias que a gente usa tão comumente, o que é que é para você pessoas “pobres” e pessoas “ricas”?

Fa= Eu quando me aproximo de uma pessoa eu tento de entender a pessoa como um todo. Pra mim uma pessoa rica é uma pessoa alegre, que tem paz no seu coração, que está bem com a vida, independente de coisas que ela possua, eu acho que pra mim a riqueza está na essência dela, no que ela pode ajudar o que ela pode ensinar pras pessoas. E pobreza... acho que tem a ver com carência né?, que nem as pessoas hoje às vezes você vê uma pessoa que se irrita fácil, pessoa que isso tem a ver com pobreza, não pobreza... uma carência da pessoa e acho que a gente tem que ajudar.

Agora vamos falar um pouco sobre as escolas que a gente conheceu no projeto Machuca... qual é tua impressão hoje por exemplo, sobre a aldeia Guarani do Jaraguá?

Fa= Ah! Eu adorei... dos educadores, das crianças... eles são tímidos, mas acho que isso não é um defeito, acho que é o jeito deles, de se relacionar com as outras pessoas, eles esperam o outro falar... eu sou parecida com eles, às vezes alguém me pergunta alguma coisa e não é que eu não saiba, mas eu fico pensando sobre aquilo... e eles são assim, às vezes você fala alguma coisa e eles ficam ali quietinhos, ficam pensando...e depois conversam com você sobre aquilo. Ah... o lugar é maravilhoso adorei, o Pico do Jaraguá...

A situação que eles vivem lá?

Fa= Podia ser um pouco melhor né? Acho que as pessoas podiam ajudar mais, não com coisas, mas conversar, explicar como é que faz, porque às vezes eu acho que eles fazem não porque eles... é que eles não sabem né? Quando eles comem alguma coisa da natureza, uma banana eles comem e logo joga no chão e a casquinha...? Agora uma coisa é eles comerem uma bolacha, que tem um plástiquinho e eles jogam no chão, uma coisa normal, só que eles tem que entender... mas acho que eles não estão errados acho que é a gente que tem que ensinar.

Legal, agora do pessoal do Colégio Passionista São Paulo da Cruz?

Fa= Eu gostei dos alunos, achei que eles receberam nossos alunos muito bem, também os da aldeia... , mas eu percebi que eles tem assim... o relacionamento... não é profundo, é uma coisa que passa. Os relacionamentos hoje em dia são assim. Lá onde trabalhei (escola de classe média, alta) as crianças tinham muitas Babás e eu percebia que a criança que tinha a mesma babá desde que nasceu, ela tinha um comportamento, e aquela criança que tinha uma babá diferente a cada um mês, ela tinha outro comportamento. Então acho que a gente desde criança a gente tem que ter um vínculo, com alguém, e lá eles não tinham nem com a mãe nem com pai porque trabalhava, viajava e quem tinha esse vínculo com a criança era a Babá, e nós (os educadores da escola). Então no colégio Passionista eu percebo que o tipo de relacionamento é assim passageiro, igual como você conversa na internet, fala com um fala com outro, conversas pouco profundas, passageiras, só com a intenção de você dizer que conhece mil pessoas na internet, mas na verdade não conhece nenhuma, pois não buscou o que a pessoa tem para oferecer, pra ser um amigo.

Pegando na tua fala, e lembrando que muitas pessoas às vezes simplificam o projeto Machuca, inclusive as crianças, dizendo que neste projeto a gente reúne a escola “pobre”, a escola “rica”... O que você reflete sobre o colégio Passionista e a aldeia Guarani?

Fa= (risada) Eu percebo na aldeia Guarani eles tem toda riqueza que elas precisam. Embora eles não tenham outras coisas eles tem tudo que precisam para... transformar o mundo, que é isso que a gente precisa, a gente não precisa de relacionamentos passageiros, a gente não precisa de coisas que passam... a gente precisa de experiências que ficam na nossa vida. Acho que o colégio (Passionista) eles estão dentro do sistema, as pessoas estão assim, as pessoas buscam cada vez mais celulares, mais carros, coisas... de repente pra fechar um buraco que está faltando nelas, mas elas não perceberam que elas precisam conversar, dizer o que elas sentem, gostar e não ter vergonha de ser feliz... porque é isso realmente que vai mudar o mundo, não vai ser computador, internet ou celular, acho que pra transformar o mundo é esse sentimento de humanidade, de ser humano que a gente é e que a gente perdeu.

Agora te pergunto diretamente sobre um conceito que estou pesquisando... o que você pensa de “pobreza espiritual/existencial”? será que existe?

Fa= Pobreza assim não sei... mais bem é uma carência espiritual... são essas pessoas que não percebem as outras, elas não vem que outras estão precisando de ajuda, não vê que outra quem sabe se magoou com alguma coisa que você fez e não convida essa pessoa pra conversar... todo mundo tem essa carência... acho que todo mundo tem... e eu já tive muito mais, eu já fui uma pessoa bem egoísta de só pensar em mim, mas eu acho que isso tem a ver com adolescência e quando você começa a se mostrar como você é, como você pensa,

os outros acabam te excluindo, tirando um barato de você e então, você acaba se escondendo ou achando que você tá sempre certo e acaba abandonando os outros, acho que adolescência faz isso... com todo mundo. Na fase em que você amadurece acaba percebendo o que você tem de bom, o que você tem que melhorar, e... eu sempre participei de grupos de teatro, de esporte, e sei que convivi com pessoas... sempre tive um grupo de pessoas que me ajudou nisso como eu fiz parte da ajuda para outros. E acho que você convivendo em grupo, você se ver na outra pessoa e trocar as experiências é que faz a diferença de você se encontrar ou não.

E você acha que este projeto (Machuca) tem a ver com a possibilidade dessa busca, neste esforço de reunir três escolas?

Fa= Com certeza, tem a ver com essa busca de você se encontrar, de você se perceber no outro no que o outro precisa, o que você mesmo precisa... a importância do outro.

Se você pudesse resumir o que você aprendeu com este projeto, o que ele deixou pra você?

Fa= Então, o que eu aprendi... é que as pessoas são universos assim muito grandes que você realmente tem que se envolver para entender realmente o que cada um está pensando e... como as pessoas são bonitas. Gostei de conhecer o pessoal da aldeia, o pessoal do Colégio Passionista, lembro da B, da L (alunas do colégio) e acho que todo mundo fez a sua parte... tem gente que tem mais coisas, outras que não, existem essas diferenças, e a gente conheceu de perto essas diferenças, que as pessoas são diferentes e que são maravilhosas assim do jeito que são.

Se você pudesse pedir um desejo para 2010 para este projeto... o que pediria?

Fa= Nesse ano de 2009 a gente teve contato com duas escolas, talvez o ano que vem a gente pudesse envolver outras escolas... acho que a experiência pode ser estendida para outras, não extinguindo estas, tirando essas aqui, mas aumentando, cada vez crescendo mais.

Valeu, obrigado.

Fa= Obrigado.

Segunda entrevistada: Pt

Lembra da entrevista antes de ir pra aldeia...

Pt= Lembro.

Vou retomar as mesmas perguntas, por exemplo o que é pra você ecologia?

Pt= Ecologia?... não sei...

O que você pensa que é a Cultura da Paz?

Pt= É a paz... na cultura! A gente tem que ter paz na nossa cultura.

Agora como você vê a paz aqui no Brasil? A gente tem paz?

Pt= Não. Não consegue ter paz porque tem um interesse de ter paz, não sabe o que é paz.

E se pensássemos em uma solução? O que você acha que poderia ser uma solução?

Pt= Uma lei... e propagandas na televisão que a gente não pode fazer isso para melhorar o nosso mundo.

Você ouviu falar de “desigualdade social” aqui no Brasil?

Pt= Não. Nunca ouvi falar.

Bom, vou te ajudar, existe a idéia de que todas as pessoas na cidade tenham as mesmas oportunidades, os mesmo direitos... quando não acontece isso, existe “desigualdade”... será que isso existe?

Pt= Existe, por exemplo uma pessoa não concorda com que ela faça isso, que a pessoa tipo... ela fala assim “*eu já sei e você não sabe!*” e que ela quer se sentir (superior) só porque a pessoa está aprendendo ainda que ele vai comandar tudo.

Muito bem... e qual seria uma solução para esse tipo de desigualdade?

Pt= Ajudar a pessoa que ainda está aprendendo... que ela não sabe direito as coisas e é ajudar.

**Agora vou te perguntar, o que é para você uma pessoa “pobre” e uma pessoa “rica”?
Como você entende essas palavras?**

Pt= Uma pessoa pobre é que não tem moradia adequada pra eles, que não tem muito dinheiro, sapatos, comida... e pessoa rica é que ela tem dinheiro pra comprar roupa, jóias, comida, e não aproveita...

Não aproveita?

Pt= É aproveita, mas é que ela não sabe o que as pessoas pobres estão sofrendo lá fora.

O que seria uma pessoa bem sucedida na vida, que está bem na vida?

Pt= Que ela se diverte muito, que pensa no futuro dela, se ela vai fazer faculdade ou não, se ela vai trabalhar ou não, ela decide as coisas antes de começar.

Agora qual você poderia dizer que são as diferenças entre as três escolas que participaram do projeto?

Pt= Uma que assim... não é nem rica nem pobre... a escola pública... o CEU Parque São Carlos e... a escola particular equipada que não tem comida adequada, dá refrigerante, compra lá né? Papelaria lá dentro, lá é assim... eles tem comida mais refrigerante, hambúrguer, eles não tem “assistente de comida”, comida saudável... tinha uma quadra lá que achei ótima... uma área de brincar, muito legal.

E as pessoas lá (do Passionista)?

Pt= Elas são tímidas, não puxam conversa...

E a aldeia Guarani?

Pt= Que não importa se eles são assim pobre, eles se divertem, as roupas podem ser sujas, mas eles não se importam, pode estar descalço na lama, tudo bem com eles, e teve muita gente que fez amizade lá... eu fiz a Camila, e o... o... Kleber...

Que mais chamou tua atenção da aldeia?

Pt= A chuva, a lama, porque no primeiro encontro tava sol e no segundo choveu e a gente experimentou os dois dias. Além de ter se sujado ficou bom...

O que você acha de ter se sujado lá esse dia?

Pt= Bom, porque é o direito de uma criança... se sujar.

Se você pudesse resumir o que é que esse projeto deixou pra você, o que é que você aprendeu com este projeto?

Pt= Conhecer outras culturas, outros tipos de escolas, aprender a entrevistar as pessoas... e aprender uma profissão porque quando eu crescer eu vou querer ser jornalista.

Se você pudesse pedir um desejo para 2010 para este projeto... o que pediria?

Pt= Eu pediria pra entrevistar o presidente Lula.

Finalmente alguma mensagem para este projeto Machuca?

Pt= Que é muito legal e que eu quero continuar atéeeee... morrer. (risadas)

Valeu! Muito obrigado.

Pt= Tá bom.

Terceira entrevista: Jo

O que você pensa com a palavra Ecologia?

Jo= Natureza... árvores, a água, pra preservar a natureza.

Como você avalia a ecologia hoje no Brasil?

Jo= Péssima... porque tem os desmatamentos, a poluição nos rios, o pessoal jogando lixo, sofás, tudo no rio.

Qual você acha que seria uma solução possível?

Jo= Eu acho que multas, se joga lixo que tivesse multa e que se alguém joga lixo no rio, que tivesse alguém ali pra passar essa multa.

Outro assunto, o que é pra você a Cultura da Paz?

Jo= Acho que é a união de todas as raças... sem diferenças um com o outro.

Legal, e como você avalia a cultura da paz aqui no Brasil?

Jo= Muita discriminação atualmente... tanto da cor, se ela é deficiente, tem gente assim.

E uma solução para a cultura da paz aqui no Brasil?

Jo= Ter mais pessoas explicando sobre a cultura da paz, pra tentar mudar as atitudes das pessoas... em reuniões, não só na escola, no metrô por exemplo, nos parques alguém falando.... para abrir a mente das pessoas, porque não pode ser assim na vida, tem que ser... mais humilde.

Outro assunto, o que você entende por “desigualdade social”?

Jo= O pobre... aquele que tem mais condições... uns que tem carro outros que não tem... as crianças que querem ter um tênis melhor e não pode... “ah! Seu pai não tem” já ouvi crianças falando assim.

Como está a desigualdade aqui no Brasil atualmente?

Jo= Eu acho que muito grande... porque também depende dos pais falar assim com os filhos, que se ele pode comprar um tênis por exemplo, e seu amigo não pode, você não pode ficar falando assim pra ele.

Agora vou te perguntar, o que é para você uma pessoa “pobre” e uma pessoa “rica”?
Como você entende essas palavras?

Jo= Rico pra mim é quem tem dinheiro e não precisa trabalhar... mas o que a gente vê, eles se acham. Mas tem aqueles que são humildes... E pobreza... que mora na favela, que não

tem rede de esgoto, que você abre a geladeira e não tem nada, só tem água ou ovo pra dar pros seus filhos. Isso é pobreza... situação difícil.

E uma pessoa bem sucedida, que está bem com a vida?

Jo= Acho que alguém assim... o dono do extra... do Carrefour (risadas).

E as escolas que você conheceu no projeto, as pessoas da aldeia Guarani do Jaraguá e do Colégio Passionista?

Jo= Eles (na aldeia) são humildes... achei legal...eles tem um carinho. Eu não conhecia, e um menininho já chegou e me deu um beijo, carinhosos... agora os do Passionista não! Eles foram educados e tudo bem mas não com o pessoal da aldeia... eu me enturmei mais com o pessoal da aldeia mais que com os do Passionista... porque eles são mais reservados, eu achei. A gente fez a tentativa mais eles são mais reservados... os índios... são mais abertos...

Você falou “reservados”, mas... que outra palavra você poderia usar para descrever o que você sentiu?

Jo= (risadas) posso falar?

Claro!

Jo= Acho que eles são mais orgulhosos... é isso. O contrário de humilde... foi o que eu senti. Eles já crescem assim desde pequenos em escola particular... Eles acham que são ricos porque estudam aí... e ..., mas são pobres de espírito porque você tem que ter humildade, um carinho com o próximo. Não é porque os índios estão aí que não pode receber um abraço, um carinho...

O que seria então pra você “pobre de espírito”?

Jo= Pobre de espírito seria uma pessoa sem amor, que não tem compreensão com o próximo, que vê o próximo precisando e não procura ajudar... nem precisava ser com dinheiro, mais um carinho uma palavra, um conforto. Tem gente precisando de uma palavra amiga...

Se você pudesse resumir o que é que esse projeto deixou pra você, o que é que você aprendeu com este projeto?

Jo= Eu aprendi a dar mais valor à vida... eu vi que eles são felizes lá...

Lá... onde?

Jo= Na aldeia... entendeu?... que aquela maneira em que eles vivem... mas eles são felizes, teve um menino lá que foi pegar amora e trouxe pra mim, então eles são felizes da maneira deles... mesmo não tendo uma situação financeira melhor mas eles são felizes. Tendo tão pouca coisa e o menino trouxe a amora pra mim... eu me senti emocionada, são gestos assim muito forte...e acho que ele se sentiu muito bem...

Se você pudesse pedir um desejo para 2010 para este projeto... o que pediria?

Jo= Que continue este trabalho maravilhoso que vocês estão fazendo... e que mais pais venham participar com a gente também que isto é muito gratificante.

Valeu Jo, muito obrigado.

Jo= Estou à disposição... obrigada.

Quarta entrevistada: Pa

O que você pensa com a palavra Ecologia?

Pa= Pra mim ecologia é tudo que fala de seres vivos, algo vivo, planeta terra...

Como você avalia a situação da ecologia no Brasil atualmente?

Pa= Mais ou menos, acho que as pessoas não se incentivam mais a pensar assim na ecologia mas acho que a maioria das pessoas que incentivam pra certas pessoas fazer assim tipo “*faça o que eu falo mas não façam o que eu faço*” sabe?

E uma solução, o que você sugere?

Pa= Acho que as pessoas devem pensar duas vezes antes de dar um conselho pra outra pessoa e também antes de fazer as coisas que elas fazem...

Outro assunto, o que é pra você a Cultura da Paz?

Pa= Eee... o que as pessoas fazem para ter a paz... e a mesma coisa, a maioria das pessoas... de dez pessoas que aconselham as outras de ter a cultura da paz, uma apenas tem cultura da paz... o resto não tem igual que aqui na educomunicação tem brigas, birras, sabe?

No Brasil em geral como você vê a cultura da paz?

Pa= Eu acho que ruim né? Porque tem muita violência... nos Estados Unidos também... e não é só a violência mas também tem preconceito...

E uma solução possível, o que você faria?

Pa= Acho que no momento não sei... ah sim! Se colocar no lugar da pessoa, por exemplo alguém que você bateu, então você se coloca no lugar da outra pessoa... aprender a trocar de lugar com ela.

Outro assunto, o que você entende por “desigualdade social”?

Pa= A gente vê assim nas novelas... tem no mundo... as pessoas ricas por exemplo, se casam só por dinheiro... depois tentam matar a pessoa só pra ficar com o dinheiro... E também existe preconceito... por exemplo com os índios...

E uma solução?

Pa= Sei lá... conhecer como eles vivem, passar uma semana junto com eles e saber como é ruim morar num lugar onde qualquer dia pode aparecer um cara e falar assim “*sai daqui que isso aqui agora é meu!*” entende? Acho que isso ajudaria...

Agora vou te perguntar, o que é para você uma pessoa “pobre” e uma pessoa “rica”?

Como você entende essas palavras?

Pa= Tem dois tipos de pessoas ricas... as pessoas que são ricas por dinheiro, que se exibem com seu dinheiro, e tem as pessoas ricas de felicidade... porque dinheiro não compra tudo né? E muitas pessoas pensam que ser rico é só ter dinheiro, mas uma professora tava me falando que quando você é rico isso acaba com a sua felicidade porque aí você é rica e todo mundo fica de olho em você pra te roubar... e fica assim infeliz com todo mundo de olho no teu dinheiro...

E pessoas pobres então?

Pa= É a mesma coisa né? Tem ricos que são pobres de felicidade né? E eu acho que muitas vezes tem pessoas que não se esforçam, não se mexem... preguiça! Porque também tem pessoas ricas que ou porque nasceram ricos, ou porque então estudou bastante pra

conseguir trabalhos bons e acaba virando empresário... e muita gente acha que vai ficar rico assim da noite por dia sem se esforçar...

O que é pra você se dar bem na vida, ser bem sucedida?

Pa= Todo mundo quer se dar bem, mas... na maioria das vezes as pessoas querem se dar bem porque o outro quer se dar bem, porque o outro quer dinheiro, e as pessoas querem... se dar bem sem saber porque que querem se dar bem!

O que você pode falar sobre a experiência de conhecer a escola indígena Guarani?

Pa= Achei legal, porque eu não sabia qual era a situação deles, eu via na televisão mas realmente não sabia a dimensão de qual era o problema deles... também pensava que os índios não falavam português nem que usavam roupas normais... pensava isso, então aprendi bastante. E também no começo eu ficava com um pouquinho de medo, sei lá...

Por que medo?

Pa= Sei lá (risadas) às vezes tinha essa impressão tipo “Vão me comer!”... mas hoje eu tenho vários amigos na aldeia.

E o que você pode falar sobre o Colégio Passionista São Paulo da Cruz?

Pa= Aaa... então... vou falar a verdade. Eu pensava que o colégio passionista eles eram bem “metidos” e realmente vi que eram mesmo. Porque quando eles vieram aqui (no CEU), por exemplo um colega meu falou “oi!” pra uma menina do colégio passionista... e a menina não falou nada e falou pra uma amiga dela e eu ouvi já que estava por perto e ela disse “*Eu não vou falar com um tosco pobre aqui não*” ... ela falou isso!

Acho que tem muitas pessoas humildes lá, mas também outras que dão até nojo!... como essas. Pensando só no seu umbigo, não pensa em mais ninguém... egoísta.

Se você pudesse resumir o que é que esse projeto deixou pra você, o que é que você aprendeu com este projeto?

Pa= Então, assim como falei dessas pessoas do colégio Passionista que eram assim, teve outras que eram bem humildes então acabou mudando um pouco a minha idéia... eu achava que todas as pessoas que estudavam em colégio particular eram assim, metidas sabe? Mas descobri que tinha pessoas diferentes.

E a aldeia?

Pa= Foi uma surpresa a primeira que fomos lá, depois saber que elas se casam tão cedo né? Meninas já com bebê no colo e saber era filho delas... mas foi legal conhecer a cultura deles, a casa de reza, que todo mundo segue a mesma religião...

Se você pudesse pedir um desejo para 2010 para este projeto... o que pediria?

Pa= Que as pessoas que ainda não aprenderam com o projeto, porque o projeto foi praticamente para as pessoas aprenderem que nós não somos pobres, nem eles simplesmente índios, nem simplesmente riquinhos, que acho que gostaria que acabe o preconceito... gostaria que isso acabasse de vez... e... gostaria que os índios possam ficar com a terra deles, que este projeto possa ajudar a mostrar que a aldeia indígena é importante. Acho que as pessoas vão a começar a valorizar...

Muito obrigado Pa pelas tuas palavras.

Pa= Tá bom.

Quinta entrevista: Po

O que é pra você ecologia?

Po= Algum tipo de... não sei!

E quando você ouviu sobre Cultura da Paz... o que é isso pra você?

Po= Acho que é cultivar a paz e ensinar os outros a cultivar a paz... e estamos fazendo este projeto, tentando levar pra salas de aula e quem sabe pra outros lugares...

O que você pode falar sobre “desigualdade social”... o que você entende por essa palavra?

Po= Eu acho que é tipo assim um menino é moreno bem escuro e eu sou branco, eu sou rico e ele é pobre, um que tem grau alto e outro baixo...

O que é que a gente poderia fazer para superar a desigualdade?

Po= Ensinar a eles a cultivar a paz assim como nós estamos aprendendo... deixar uma mensagem, na internet uma coisa assim... diga não para o “bullying”... ou acho que uma lei também, acho que uma lei servia também pra ajudar. Tem também o preconceito com a coisa da desigualdade social... é.. o preconceito.

Agora vou te perguntar, o que é para você uma pessoa “pobre” e uma pessoa “rica”?
Como você entende essas palavras?

Po= Baixo nível assim de condição... tem essa pessoa também que estuda e tem um grau assim... maior... mas pra mim não tem esse negócio de ficar humilhando o outro, porque às vezes tem discriminação... porque pra mim é tudo igual, tudo é um nível só.

Muito bem, agora, o que pra você uma pessoa que está bem com a vida?

Po= Ela tem que ter... paz, respeito, e... responsabilidade e criatividade, usar os “ingredientes” do jornal... pra ser uma pessoa legal, eu acho!

Agora isso que você me está dizendo agora, era assim que você pensava antes? Era assim que você se comportava?

Po= Não.. (risada) eu era assim... eu faltava um pouco o respeito com meus colegas, xingava, qualquer coisa que tinham eu queria já bater e aí foram conversando comigo e falaram que não era assim... e agora eu entendo mais, bem mais! E estou aprendendo cada vez mais a respeitar o colega, e a cultivar a paz...

O que você acha que foi o que mais influenciou essa mudança em você?

Po= Eu acho que foi o Educom... no sentido que no trabalho com as (outras) escolas cê tem que ir com calma, não bater, não xingar... e eu fui aprendendo, e o meu comportamento na sala de aula, minha professora disse que eu mudei muito, mudou tudo por causa que nós estamos todos aprendendo, então agora nós temos que ensinar pros outros de tanto que já aprendemos com vocês...

O que você pode falar sobre a experiência de conhecer a escola indígena Guarani?

Po= Eu vi bastante que eles não tem esse negócio de brigar por qualquer coisa, eles são calmos...eles gostam de brincar, eles são bem divertidos. Eu aprendi bastante sobre o “bullying” lá na palestra... como eles são de outro... “país”, eles não são um pessoal assim que arruma encrenca, eles são um pessoal bem calmo...

Por que você acha que eles são assim?

Po= Eu acho que... veio do berço. Acho que veio dos pais deles... aprender a não ter brigas, e... eles tem até o momento sagrado deles na casa de reza, eles falaram que quando eles precisam alguma coisa eles pedem ali... sei lá, é o ritual, o jeito deles. Eles são bem calmos... gostei deles.

Legal, agora, que idéia você tinha dos índios antes de conhecê-los... que idéia você tinha deles?

Po= Eu pensava que agente ia encontrar mata bem fechada assim... pensei que ia ter arco e flecha e... pensei que eles iam estar de tanga e vi que eles hoje estão bem modernos, acho interessante o modo deles viver. Quando vi eles pela primeira vez.. pareciam muito pobres... mas é o jeito deles andar descalço na terra. Achei muito divertido contato com a terra... a gente foi passear pela aldeia e ficamos todos melados de lama... achei muito divertido.

Se você pudesse resumir o que é que esse projeto deixou pra você, o que é que você aprendeu com este projeto?

Po= Eu achei um modo de refletir o jeito de cada um... de saber que nós todos não somos iguais, que cada um tem o seu jeito, e pra mim aprendi bastante... muito divertido e que somos todos em um.

Se você pudesse pedir um desejo para 2010 para este projeto... o que pediria?

Po= Eu queria que continuasse esse projeto e cada vez mais crescer... e é isso... porque somos todos em um!

Meu pai tá dizendo que eu to diferente, que estou criando responsabilidade, o dia em que a gente ia fazer a reportagem no CEU três pontes, acordei seis da manha já tomando banho e isso é difícil hein? Eu acordando assim cedo... e meu pai tá achando uma beleza, ele ta me dando um apoio... e eu gosto muito.

Valeu, muito obrigado.

Po= Obrigado!

Entrevistas PÓS MACHUCA
Colégio Passionista São Paulo da Cruz
Quarta feira 18/11/2009

C = Educadora do C.P.S.P.D.C, 33 anos de idade, 4 anos no Colégio.

O que é pra você Ecologia?:

C= Mmm... É a convivência com o meio natural, a relação do homem com o meio ambiente.

Como avalia a situação da ecologia hoje no Brasil?

C= Eu acho ruim, mas não só no Brasil, mas no mundo, aliás acho que homem é o grande predador do nossa terra. Eu sou pessimista hein? (risadas) Por mais que a gente tente, muito bem podemos amenizar, mas não tem muito jeito, nosso modo de vida não vai se reverter, não vamos voltar a viver como os índios, nem os índios eram assim tão ecológicos porque de alguma maneira eles modificavam o meio em que eles viviam, NE?. Então é difícil, pode tomar alguns cuidados, mas eu duvido que os interesses econômicos não vão continuar consumindo desenfreadamente, acho que vão continuar sim.

O que é pra você Cultura da Paz?

C= Pode começar na educação, e quando eu falo da educação não estou falando da educação assim no sentido escola estou falando num sentido mais amplo... de mídia, de maneira de governar, em que se dissemine um pensamento de paz e não violência, agora... pra isso você precisa de uma sociedade justa, precisa de um mínimo de garantias para as pessoas. Então as vez eu vejo uma questão meio romântica, meio ingênua na cultura da paz, e não, não é assim, tem uma questão econômica, uma questão política, uma questão social e de educação. Tem que garantir condições para as pessoas terem uma vida digna, e ai sim, então tem que tomar cuidado quando você fala de cultura da paz assim como ecologia, as pessoas dizem “ah! *Plantar árvores, que bonitinho*” e não, tem por trás interesses econômicos, interesses políticos, então acho que a questão é mais ampla e as pessoas às vezes são um pouco ingênuas também um pouco por causa da mídia, essa visão de “*vamos plantar a paz, vamos ser bonzinhos para ter paz*” acho que a coisa é bem mais complexa.

E Cultura da Paz é também uma questão ecológica ou não?

C= ... (demora) Eu acho que tem relação sim, então as duas coisas tem a ver, porque se você esta destruindo o meio ambiente você esta deixado de fazer justiça social, você esta gerando um clima de violência.

O que é pra você “Pobreza” e “Riqueza”?

C= Existe uma pobreza material que é a questão de não ter condições mesmo, e a riqueza que é o acúmulo de dinheiro e o consumo e tudo mais, ou senão a riqueza num nível pessoal, então tem o sentido figurado e o sentido próprio da palavra. A pessoa rica em conhecimento, rica em experiências e a pessoa pobre de espírito, uma pessoa pobre de conhecimentos, eu acho que tem os dois lados aí.

Pobreza de espírito pra mim, é uma pessoa limitada, é limitação no sentido de não experimentar, de não olhar pro lado, de não olhar pro outro, de não conhecer outras idéias, de não conhecer a si mesmo, então vai ficando na mesmice no senso comum então não busca ampliar os horizontes, pra mim isso é pobreza de espírito.

Sobre as escolas que participaram do projeto, a Aldeia Guarani e o CEU São Carlos?

C= Eu lembro que eu já conhecia a aldeia, tinha ido lá, mas a minha maior surpresa foi em relação com o CEU... agora sobre a aldeia, com os encontros, com o contato, eu achei muito legal porque a gente vê outra maneira de pensar, outra maneira de ver o mundo e a gente às vezes fala “*nossa! Coitados eles não tem onde morar, etc.*” Será? Será que faz tanta falta assim? Será que o melhor modo de viver é o nosso, estilo burguês capitalista moderno? Não, poder ser que não, então assim, choca, não tem jeito e quando você uma realidade assim choca, mas quando você conseguir olhar além disso, eles tem uma diferente. Eles tem outra maneira, lógico, eles passam dificuldades, mas, e quem não tem? Então, a minha surpresa maior foi de olhar e dizer existem outras maneiras de viver, que legal e eu estou tendo contato com isso.

Sobre o CEU São Carlos especificamente.

C= Fiquei encantada com o lugar, com as pessoas, com o profissionalismo dos educadores, e... isto aqui é só pra você e sua pesquisa, eu achei o nível das pessoas muito maior que as pessoas com as que eu trabalho aqui, muito legal, muito inteligente, muito competentes. Espaço maravilhoso, eu tinha uma outra idéia... e muito diferente da idéia que eu tinha na primeira entrevista, eu tenho inclusive referentes, né? Eu estudei em escola pública e era um lugar sempre precário, faltava dinheiro, uma organizada e tal, então, fiquei encantada com o lugar, claro não sei como é o dia a dia e as pessoas muito profissionais, muito competentes, porque aas vezes a gente tem uma impressão de que são pessoas, sei lá, não muito... de um nível, não muito...cultural muito alto, então foi um trabalho muito surpreendente.

E sobre os Guarani?

C= Nos diferentes encontros, eu percebi que eles são tímidos, mas que nós também somos, existe de ambos os lados, então eles ficam na deles, não sei se eles são tão diferentes. É outra cultura, mas acho que isso que é legal olhar pro diferente e não de maneira preconceituosa. Então acho que eles são tímidos e achei mais facil travar conversa com o pessoal do CEU até por conta de uma realidade mais próxima que travar uma conversa com o pessoal da aldeia. Eu achei que o pessoal da aldeia eram tímidos, como que eles não conseguiam olhar nos olhos, não sei, talvez porque há uma diferença cultural.

Gostaria que você avaliasse a participação do Colégio Passionista.

C= Então eu acho que no começo a coisa estava um pouco abstrata, não estava entendendo muito bem a proposta eu confesso, a questão dos horários, de três escolas com tantas pessoas envolvidas é bem difícil, e de realidades diferentes... depois dos encontros a coisa ficou mais clara pra mim, aí eu vi a riqueza da coisa, vi os alunos daqui como eles aproveitaram, como eles cresceram, como abriram os horizontes, assim como eu falei no começo, riqueza de espírito é abrir os horizontes e ver coisas diferentes. Acho que os encontros foram muito legal e gostei e é preciso vivenciar para entender. Agora quanto a perguntar da participação do colégio no projeto... acabou se limitando a participação a mim a R e o R (outros educadores do colégio) acho que não deveria ter sido assim, não concordo, os outros professores não se envolveram, mas por outro lado eu tenho que reconhecer que a coisa foi um pouco imposta, não no mal sentido, mas faltou uma sensibilização com os professores antes, porque o que aconteceu chegou o começo do ano e o R falou “*Ó, tem o projeto Machuca*” falou comigo e com a R e já a gente foi negociando

com você e quando chegou a primeira reunião com os outros professores disse “*O projeto Machuca e nós vamos fazer*”...acho então que não foi intencional, mas a coisa soou de uma maneira assim eeeh.....imposta, então aí quando você impõe uma coisa a pessoa não toma como dela ela foge mesmo ela só faz se for obrigada. Como elas não se sentem consultadas nem responsáveis por aquilo dizem “*ah, porque que eu vou fazer?*”

Sobre a ausência do Colégio nos últimos encontros, qual é tua versão?

C= Então, pelo que eu vi, final de ano é complicado mesmo porque no dá que tínhamos marcado tinha um evento de manhã, o Machuca à tarde e um outro evento na noite, então acho que foi uma questão de logística mesmo e fica complicado marcar e desmarcar com a escola com os alunos, com as famílias. As meninas ficaram tristes, porque queriam realmente ir, mas a coisa se embolou de uma tal maneira que quando você cancelou então a gente cancelou tudo. Também eu a R e o R não podemos resolver tudo, a gente tem uma superior que é a diretora que falou então que falou “*agora não vou mobilizar tudo mundo de novo*” e foi assim, uma coisa de logística.

Você acha que a direção (do colégio) entendeu realmente a proposta do Machuca?

C= Superficialmente, acho que isso é um problema (incomoda de falar disso). Porque quando visitamos o CEU para planejar os encontros, eu vi lá que toda a equipe gestão, as cabeças da coisa estavam envolvidas aqui não, delega, acho isso uma pena... a única coisa que eu posso te falar se te conforta é que na é só com isso (com o Machuca) é com tudo, é com muitas coisas, é um tipo de gestão que se omite... e eu discordo com isso, tipo “*você assumiu (essa atividade) se vira eu não tenho a ver com isso*”, mas como não? Você é a diretora da escola...você tinha que estar lá, tinha que acompanhar, tinha que ver, mas eu não sei por que... então eu discordo, é assim, não acompanha, não orienta, não sabe o que está acontecendo, mas quando acontece alguma coisa de errado desce e grita, é assim mais ou menos.

E a relação com os familiares? Por que esse objetivo de integrar familiares foi tão fraco no caso de vocês no projeto?

C= É verdade, uma frase que uso o R é “*os pais terceirizam os filhos*” então ele está na escola, você tem que cuidar dele, da educação dele, mas eles se viram, “*eu não tenho nada com isso*”, os pais são ausentes. O R brinca (dizendo) “*os pais deixam os filhos em fevereiro e só vem buscar em dezembro*” A gente não tem mesmo pais presentes, os pais vão pra escola só no dia quando você convida eles pra festa pra ver o filho cantar um musiquinha tirar uma fotinho e vai embora e ainda assim, e a gente fica muito bravo, tem um dia em que tem apresentação e tem três peças de teatro da mesma turma, então vem na primeira assiste o filho e vai embora, ou o filho deles é o último então eles não vem no começo e vem só no fim assiste o filho e vai embora. Então não tem envolvimento, isso, quando eles vem pra ver o filho. É aquela parcela da sociedade que se mata (trabalhando) pra ter um carro zero a cada ano e que terceiriza os filhos pra escola.

Que tipo de impacto isso tem nas crianças?

C= Eles não sabe nada, não da pra ensinar. Um dos motivos pelos quais parei de dar aula foi porque você não da aula assim de português, e não estou falando daqui agora estou falando em geral das escolas e principalmente das particulares, eu não vou lá ensinar uma questão cultural de língua portuguesa ou literatura, tenho que ensinar boas maneiras, básicas, como se sentar, como se comportar em ambiente de sala de aula, o que pode falar o

que não pode. Você vê que isso não tem em casa e os poucos que você vê que tem uma formação familiar um pouquinho mais, com pais presentes, você não precisa falar, eles já sabem. Tem aluno aqui que não sabe pra que que ele está na escola, como tem que se comportar, então o trabalho vai muito além de transmitir conhecimento intelectual, é coisa de boas maneiras, porque os pais trabalham o dia inteiro deixam os filhos na escola ou em casa com a empregada, e... eu não tô criticando assim porque às vezes nem é coisa de manter o luxo é coisa de sobreviver mesmo, então se os pais não se envolvem com os filhos imagine se envolver com a escola.

Saindo um pouco do roteiro da entrevista, o que você pode refletir sobre a visão que o povo Guarani tem sobre a escola e particularmente sobre a relação familiar na educação?

C= Então... eu... eu não vejo realmente uma solução neste sistema político e econômico.. ah! Uma coisa que lembrei que me impressionou muito deles (dos índios Guarani) é ter aquela cultura livresca até você vai lá e você vê... me impressionou que eles tem um modo de vida que não tem o acúmulo de coisas, eles vivem e comem para a sua subsistência então eles não vivem pra vender ou ter lucro, né? E a nossa sociedade não, e aí você gera o consumismo a competição, etc. Bom, mas eu sendo uma pessoa bastante crítica a este sistema também sou muito realista, e enquanto a sociedade for assim desse jeito, organizada dessa maneira, eu não vejo uma solução. Quem sabe a gente devia ter uma vida assim menos preocupada com a questão do enriquecimento, do acúmulo, e pensar mais na questão das relações olha que até a relação de pai com filho não tá rolando mais, imagina, até de viver mais, você fica trabalhando e trabalhando pra ter dinheiro até que você não vive mais, mas como fazer pra que a nossa sociedade seja assim eu não tenho a mínima idéia... E aí eu acho que eles (os Guarani) vivem, eles são livres, eles não ficam acumulando coisa, e tem aquela coisa do *fetichê*, agora já estamos entrando em Marx né? (risadas) e a coisificação as pessoas e as relações começam a virar objetos e eles (os índios) não olham objetos e olham a pessoa. Agora acho isso muito lindo e tudo mais, mas eu não vou dizer também que eu faria isso (como os índios) com a experiência e a cultura que eu tenho, eu não sei se eu conseguiria me adaptar, às vezes eu tenho vontade de ser assim, sei lá, (risadas) vou largar tudo, e vou viver no meio do mato com a natureza, mas porque eu canso de porque fico me matando trabalhando pra comprar, pra ter um monte de coisas, eu fico presa, mas do jeito que a vida é, que sempre foi e que estou acostumada não sei se eu conseguiria, mas... a gente deve estar aberta a que existem outras alternativas de ser e de viver. É isso.

Se você pudesse pedir um desejo para este projeto para o próximo ano de 2010?

C= Acho que... uma idéia é... que um dos encontros pelo menos, fosse totalmente organizado por eles (pelas crianças das três escolas) e que eles fizessem o que eles tivessem vontade de fazer ou... não fazer sei lá! (risadas) Isso.

Valeu C, muito obrigado pela entrevista.

C= Tudo bem, obrigado a você.

Quarta feira 18/11/2009

Entrevista grupal com cinco estudantes do Colégio Passionista, 4 mulheres e um homem.

Pelas dificuldades relativas ao pouco tempo disponível para realizar as entrevistas de maneira individual, optamos por realizar uma entrevista grupal com cinco jovens do colégio que participaram ativamente dos encontros do projeto Machuca. Todavia, e com o objetivo de diminuir a interferência do grupo nas respostas de cada entrevistado, foi solicitado que primeiramente todos respondessem por escrito um questionário individual com as perguntas. Após esse momento de reflexão individual prosseguiu a gravação da entrevista grupal que é transcrita a continuação.

(L= 3º ensino médio, sexo feminino,
B= 1º ensino médio, sexo feminino,
A= 1º ensino médio, sexo masculino,
La= 6ª série, sexo feminino,
J= 6ª série, sexo feminino.)

Valioso salientar que as estudantes B, La e J, responderam a entrevista antes de realizar os encontros entre as três escolas.

Oi pessoal, a primeira pergunta é sobre o que vocês hoje entendem por Ecologia?

Silencio... ninguém responde.

La= Não tenho a menor idéia...

A= É o entendimento com algo... externo onde nós... vivemos... Ambiente.

B= É um tipo de estudo, da natureza das coisas naturais. Agora da primeira vez você tinha me perguntado sobre como vejo a ecologia no Brasil e continuo com a mesma opinião que a ecologia deveria ser mais visada nas escolas porque conheci pessoas que nem sabiam o que é reciclagem? Então, deveria estar mais presente nas escolas...

L= Eu acho que ecologia é tudo aquilo voltado ao meio ambiente, então pra mim acho que isso deveria ser muito mais focado, não só na educação, nas ruas, na televisão, a TV é um excelente meio de divulgação de que existem coisas que tem que ser preservadas, e que não adianta assim dizer quais são os riscos porque quem não vai estar mais aqui não quer saber. O que importa é quem está agora, os adultos, os adolescentes, que tudo e relação com a natureza, reciclagem, tem que ser desde criança, não só primeira série e ensino fundamental...

La= A minha resposta é que eu não sei...

J= Pelo que eles falaram agora sei um pouco, e acho deveria mesmo colocar a televisão porque... muita gente não tá ligando realmente pra isso, ensinar a ecologia, a reciclar, preservar a natureza.

E sobre a Cultura da Paz?

La= Algo relacionado à Paz... é respeito...

J= É em primeiro lugar respeitar o próximo, porque ninguém é obrigado a amar ninguém, mas se você respeita você já tem uma certa paz.

B= Pra mim é a não violência, preservar a paz, o respeito com o próximo assim como ela falou e hoje em dia a violência esta muito grande nas escolas, nas favelas, em casa, em todo

lugar, na rua, tem violência. E acho que não deveria ser assim, o Brasil você vê deveria dar graças a Deus não têm guerra não tem com quem brigar, agora vai no Iraque no Afeganistão eles vivem em violência, então porque que aqui não conserva a paz e... acho que é necessário.

A= Acho que é uma prática, combater a violência, é respeito com os outros...

L= Pra mim cultura da paz nada mais é que a integração da sociedade a mistura e convivência de todas as classes, porque... hoje tem muito que as pessoas tiram o “sarro” tem *tiração de sarro* e... se eu não gosto dele, e quando você não gosta de alguém, acho que como um modo de sobrevivência então pega a maior qualidade dessa pessoa e todo dia você faz um elogio pra aquela pessoa e então você vai a aprender a respeitá-lo. Se todas as pessoas se respeitassem a violência não existiria, por isso, primeiro você tem que respeitar a si, e se respeitando a si e não se dando a liberdade de tirar o sarro dos outros, porque não pode fazer aos outros o que você não quer pra você, então se todos fizessem assim seria muito mais fácil...

Agora, ouvindo o que estão dizendo sobre a violência, no mundo nas escolas, quero perguntar a vocês... Cultura da paz será que é também uma questão ecológica ou não?

Todos: Sim!

J= Acho que a gente tem fazer o que falamos, não adianta todo mundo dizer que não vai jogar lixo, por exemplo, e no dia seguinte continua jogando, e já briguei várias vezes com a minha mãe por causa disso. Então acho que não pode assim falar por falar, dizer que não é pra jogar lixo e já no dia seguinte está jogando, já esta desrespeitando o outro, porque do jeito que você quer ser respeitado o próximo quer ser respeitado e a natureza também quer. Entendeu? Se a gente respeitar o próximo a gente vai ter um mundo melhor e se respeitar a natureza a gente também vai ter.

L= Acho que as duas coisas estão ligadas (ecologia e cultura da paz), e tudo que tem a ver com o respeito tem a ver com todo, com todos os elementos que tem a Terra.

Posso pensar isso ao contrário? Ou seja, se você por exemplo não respeita a tua palavra, um dia diz uma coisa e no outro você não cumpre tua palavra, isso poderia ter um impacto no meio ambiente?

L=Se as pessoas não faltassem com a palavra, não estaríamos preocupados com 2025...

La= Quando falamos da violência a gente pensa em gente na rua se batendo, mas tem também muita violência nas escolas, tem muita discussão...

Pergunto a vocês, de que adianta que eu fosse o “craque da reciclagem”, o cara que mais recicla no colégio, mas ao mesmo tempo eu fico todo dia tirando o sarro das pessoas... eu estou sendo “ecologicamente correto”?

Grupo= Não!

Mas como não? Se eu estou reciclando, eu estou “salvando as matas”!

J= Porque você não tem que respeitar somente a natureza, tem que respeitar o mundo!

B= Queria falar que, uma pessoa normalmente demora pra mudar, não é da noite pro dia, precisa de um tempo pra aprender, apesar às vezes de não praticar, ela toma consciência, e ela vai ver o outro e vai dizer “*você não pode jogar lixo no rio!*”.

L= Mas é isso que eu digo, não precisa devolver com a mesma intensidade que ela te deu, existem modos mais educados de você expressar as mesmas coisas...

O que é “Pobreza e riqueza”

J= Se você fizesse uma pesquisa sobre o que é pobreza o que é riqueza na rua, o cara vai falar que o cara rico é aquele que tem dinheiro e que o pobre é aquele cara que não tem nada, mas eu não acho que é dessa forma... Tá, dinheiro traz felicidade, mas não completamente, acho que a pessoa rica é a pessoa que sabe respeitar, é a pessoa que não é rica de material, mas é rica de... (demora em completar a frase)

L= Que tem coisas interiores (voz baixa, como ajudando)

J= É, isso que eu ia falar, que é por dentro. Pra mim a pessoa pobre é aquela que chega xingando, rouba pra ganhar dinheiro... e acho que hoje pra muita gente não interessa mais isso, a paz, muita gente hoje só ta querendo é ganhar dinheiro, o poder, pra mim riqueza, é a pessoa que respeita.

B= Só uma pergunta você perguntou da “pobreza espiritual”? ou você fala da riqueza material?

Não, eu não perguntei assim, mas você já falou então, me explique o que é pra você isso de “pobreza espiritual”?

A= Pessoas pobres acho que são pessoas infelizes, os pobres são geralmente aqueles que não tem uma boa convivência consigo mesmo e com os outros, seja no espiritual e no material, uma falta, um vácuo assim... e pessoas ricas seriam prosperas, felizes, contentas com o que elas tem...

B= Pra mim definir a riqueza material é simples, pobreza seria não ter poder aquisitivo e riqueza quem tem esse poder aquisitivo, mas nem sempre o rico tem respeito e o pobre não... muitas vezes o rico às vezes ele tem tanto dinheiro que ele já não sabe mais o que fazer com o dinheiro e o pobre ele é mais feliz, entendeu? O rico tem dinheiro, mas não tem amor, com os familiares... Não conheço pessoas muito ricas, mas acho que a gente sempre que está faltando o dinheiro como que a gente fica assim mais unida, na minha família é assim, acho que tem mais união. Agora a “pobreza de espírito” é a pessoa que está sempre assim pra baixo...

E então “riqueza espiritual” existiria?

B= Sim! É uma pessoa alegre, bem humorada, tá de bem com a vida, tudo ao contrário da outra que tudo pra ela é ruim...

La= Eu coloquei assim (olhando no questionário escrito) que depende, tem necessidade de amigos também e ser rico de amigo, e às vezes quem é rico, fica querendo mais e mais, e aquele que é pobre, já fica contente com aquilo que ele tem.

L= Pra mim existem dois tipos de riqueza e de pobreza, acho que são coisas interiores, o dinheiro tem a ver, sim, porém o que mais conta é o que você leva consigo, seus ideais, as suas propostas, o que você faz pras pessoas, se você ajuda as pessoas, então quando você tem alguma coisa a oferecer, uma coisa a transmitir, você é rico, muito rico. Tem as pessoas também que são pobres... pobre assim... quando as pessoas são muito pobres elas vivem assim nesse morro na favela e dizem “nunca vou conseguir ter mais”, mentira, ela pode sim ter mais, pode ser rica e ter suas qualidades. Eu vivo num nível de pessoas onde lido tanto com a pobreza, porque moro atrás de uma favela, e lido com a riqueza. Cê entendeu? Então existem pessoas que podem ser lindas, maravilhosas, ou seja... que te oferecem um sorriso, um abraço quando você precisa, uma mão amiga... qualquer coisa do tipo... e vejo os dois lados, e tem pessoas que não te oferecem nada, só tristeza, angústia...uma depressão

imensa que cê olha pra elas e elas não tem nada pra falar... Se você é pobre, pode sair daí? Hoje pode, hoje no Brasil se você mora numa favela, tem escolas públicas, você estuda se esforça... não vêm me falar que “*minha mãe não tem dinheiro pra entrar numa escola particular e quem tá lá dentro tem mais oportunidade que nós*”, mentira... se qualificar e você tem força de vontade, tem pra todos.

B= Eu queria contar que ontem me perguntaram “*que escola que você estuda?*” e aí eu respondi... e disseram “*nossa aquela escola de rico! Mas essa escola é muito cara*” e eu, já estudei em escola pública quando era pequena, mas por um curto período. E eu sempre estudei em escolas não assim ótimas porque nem tinha nem tenho o dinheiro pra pagar essas escolas. E no começo era tudo mais difícil, assim minha avó pagava a minha escola, era tudo ajuda, então eu vivia com pouco poder aquisitivo...

O que você sentiu quando eles falaram que você estudava numa “escola rica”?

B= Eu falei assim, eles não sabem de verdade! Isso é... preconceito.

J= Uma vez... eu conheci uma vez uma menina, amiga de uma colega daqui da escola, e perguntei se ela também estudava aqui no colégio e ela me disse “*eu não gosto de colégio particular*” aí eu falei, como assim? E ela “*ah! No colégio particular você não pode fazer nada, não pode beijar...*” falei pra ela, você vai pra escola pra beijar? Ou vai pra estudar, porque sabe... ela vai pra escola pra zuar, e eu acho isso meio chato de falar....

Então quais são os preconceitos que o pessoal tem com vocês?

La= Na minha vida eu nunca tinha conseguido estudar num colégio particular, porque a minha mãe sempre foi professora e eu tinha bolsa... nas vezes em que eu fui pra colégio público, tinha gente que lá só queria zuar, e os professores também na ajudam muito... numa escola que eu fui os professores passavam a lição na louça e deixavam a gente fazendo lá, tinha gente conversando...

L= Imagino que depois (no ensino médio) ela vai perceber que os valores são outros...existem outro tipo de preconceito. Vai ver que as pessoas começam a olhar pra sua roupa, a marca, o tênis, óculos... então, existe preconceito? Existe. Se você tem uma bolsa você é um lixo porque você não está pagando... se na escola pública ninguém tá prestando atenção, na escola particular é duas vezes pior porque como eu tô pagando então eu posso... Eu posso não prestar atenção, posso desrespeitar meu colega, posso desrespeitar o próximo.

Isso terá alguma relação com a conversa sobre a pobreza e a riqueza?

L=Com certeza, acho que as pessoas mais pobres são aquelas que tem a oportunidade de estar num colégio particular e que elas não sabem nunca como funciona a vida, normalmente de quem estuda em colégio particular pai e mãe sempre está por trás numa redoma de vidro ajudando... interferindo... o professor briga, manda um negócio (bilhete para os pais) a mãe vai lá e questiona voltando a razão pro filho mas o filho não tem razão... quem tem razão era o mestre...ela não sabe o que o filho estava fazendo. E acontece porque como eles pagam é assim “*eu pago eu posso*” e eu acho que os mais prejudicados são aqueles que tem que ensinar ou seja os professores.

A=Acho que muitas vezes os pais tem os filhos que fazem coisa errada e passam a mão na cabeça... então como “*eu pago eu posso*”...

B= Uma história que aconteceu comigo, quando chegou o requerimento da bolsa do ano que vem pra mim, um menino fez exatamente assim, eu estava lendo o papel e ele fez assim “*quanto você tem... nossa! Tudo isso? Você é pobre hein?*” e aí eu ia falar e disse pra

mim... essa é uma pessoa pobre de espírito e perdeu uma boa oportunidade de ficar calada. Né?

B= e sobre a escola pública eu disse a minha mãe que eu não queria nunca mais estudar em escola pública... mas não por causa do ensino e sim por causa da violência...

Pessoal a conversa está ótima! Mas devemos voltar às outras questões do questionário, agora, como foi pra vocês a experiência na aldeia Guarani do Jaraguá?

J= Quando a gente foi... então, aqui tem uma menina que acaba de ficar mocinha... né? E se ela engravida aqui, na cidade, todo mundo vai ficar assim assustado, nossa... e lá na aldeia eu fiquei assustada porque quando as meninas já ficavam mocinhas elas engravidavam, mas fiquei assustada com isso porque como eram realidades diferentes...

Só pra corrigir, elas lá não só “engravidam” elas casam. É diferente né?

J= É mesmo, eu gostei, eu aprendi muito lá... realidades diferentes.

Você que respondeu também a primeira entrevista do projeto (mês de Maio), sobre o que você pensava que era a aldeia indígena... como foi depois que você foi lá? Era diferente do que pensava ou não?

J= sim, acho que eu estava completamente errada, não tinha noção do que era, eu achava que era igual a desenho animado assim com todo mundo dançando a dança da chuva (risadas) mas quando cheguei lá, sabe? Eles são humildes, eles são muito brincalhões, são gente boa... eu gostei.

La= Isso que a J já falou, me surpreendeu... a mãe da minha madrasta teve ela com 15 anos, e aí os pais não gostaram muito né? Também já teve casos em que brigam né, já vi casos de que colocam fora de casa e eu na aldeia não acreditei!

L= Pra mim foi um prazer, uma lição de vida perfeita. Acho que eu cresci como pessoa, poder estar com outras pessoas já é um prazer com culturas diferentes um prazer multiplicado... eles são muito mágicos. A comida foi o melhor... e olhar o que eles fazem, aquela simplicidade, a gente têm tantas coisas e eles vivem tão bem... surpreendente.

L= Eu imaginava que ia encontrar uma oca, mas não me decepcionei, eu me acrescentei, a gente imagina o que o desenho mostra, a TV mostra.

A= eu pensei encontrar... coisa de índios... uma coisa mais natural assim... já fiquei meio confuso assim, achei que o governo ajudava assim bastante mas estou vendo que é uma coisa assim bem, pouco contrário ao que eu pensava. Menos protegidos, mais abandonados...

B= Eu também imaginava ocas, eles com penas na cabeça, mas quando cheguei lá uma amiga minha falou “*meu Deus! Aonde eu vim parar! Isso aqui é uma favela*” e eu falei, mas é assim e agora a gente tem que seguir assim enfrente! Eu achava que ia ser uma coisa assim mais cultural, mas... eles vivem realmente uma vida assim muito precária eu achei... que nem A falou sem ajuda do governo...

La= Eu achei assim que lá eles usam roupa e eu pensava que não era assim e também tem cadeiras e eu pensava que tudo era assim mais simples... as casas eu imaginava uma oca porque na minha escola onde estudei tinha uma casa feita por índios e feita de bambu, um pouco de barro e coberta de palha, então eu achei que ia ser assim...

L=Só pra você perceber que no primeiro encontro no CECI tinha bastante gente, no segundo já não tinha quase ninguém... aí se você for ver entra a riqueza e a pobreza. Por exemplo, no segundo encontro foi só quem quis... e porque (no encontro na aldeia) na hora

ninguém sabia lá o que ia encontrar e... chegou umas dizendo assim “ *nossa que pessoas tão pobres assim que horrível, que nojento!*” e blá, blá... aconteceu isso (nos encontros) e foi nítido.

De fato quando chegou a hora de ir lá no CEU vocês chegaram lá só numa mini Van.

Todos= É! Viu?

L= Foram principalmente daqui que teve mais rejeição daqui. Então aconteceu que elas se achavam assim que eram muito ricas pra isso... se realmente fossem ricas elas teriam ido em todas. Teriam ido no CEU... quando eles vieram aqui (encontro no colégio) muita gente não ficou, achei de uma falta de educação, a gente tinha que receber eles e ninguém falou nada... entendeu?

B= Eu fiquei impressionada também porque nunca tinha visto assim... índio ouvindo pagode! (risadas) foi impressionante... também acho que quando eles vieram aqui eles não se sentiram assim em casa... acho que lá no CEU eles se sentiram assim melhor. E achei que eles (os índios) foram os que menos se interessaram, porque nas atividades eles ficavam sempre no canto e não se misturavam muito não...

J= Quando a gente foi na aldeia eles se soltaram muito mais... eles eram muito educados, eles estavam em casa e era como se a gente já fosse amigos de muito tempo e chega na casa deles pra brincar, então acho que eles se sentiram mais confortáveis lá. Acho que eles acharam que a gente tinha preconceito com eles, tinha gente do CEU... eles falaram pra mim “*nossa! Nunca mais eu venho!*” eu fiquei quieta e continuei andando... mas dava vontade de falar, “*quem é você pra falar deles!*”.

Sobre o CEU São Carlos. O que podem me dizer sobre essa outra experiência?

B= Ah, eu adorei eu me senti em casa, eu já tinha as minhas amigas desde o começo, então adorei. Achei também os funcionários muito educados. Eu não imaginava que era assim, *nossa! Gente!* Eu não pensava que aquele negócio enorme!... pensava que era mais simples... e tinha aula de dança, sala daquilo...

A= acho que são pessoas normais, são como nós... só porque a escola não é particular...

Alguém tem outra impressão alguém teve outra experiência?

L= As pessoas lá me impressionaram são muito educadas, a gente pensa nas pessoas sem educação sem cultura e não são assim...

Imaginem o ônibus naquela hora em que ia para uma “escola pública na periferia”... o que passava pelas cabeças de vocês?

B= fecha a janela! (risadas)

J= Pra mim foi uma experiência nova porque desde o jardim que estou aqui no Passionista então eu nunca tinha saído daqui. Eu não conhecia... e achava que era diferente e entrei lá e mudei completamente minha opinião, e claro eles são muito educados, receberam a gente muito bem.

La= Imaginava a escola que eu tinha (antes)... que as pessoas brigavam mesmo... e quando eles (o CEU) vieram aqui na escola eu já conheci umas meninas, elas eram muito simpáticas, muito legal.

B= também quando a gente estava indo pra lá no CEU e a gente se perdeu um pouco no ônibus e a gente parou pra perguntar assim, e um menino que estava atrás de mim começou com essas “brincadeiras” tipo “*cuidado! Que eles vão fazer um arrastão no ônibus!*” aí que entra esse preconceito e as pessoas julgam demais sem conhecer, sem saber direito...

também com tudo que a gente vê na televisão porque a televisão mostra muita coisa ruim e não é tudo o que eles mostram.

La= também quando eles vieram aqui na escola teve gente que não era do projeto e estava assim, eles disseram “*ah, escola pública! Índios! Ai Credo*” eles falavam assim... eu não gostava muito. Teve um menino na hora assim “*nossa! Eles não tem educação*” e eu falei pra ele “*pelo menos eles tem mais educação que você!*”.

E a participação de vocês mesmos?

L= Acho que foi muito legal pra todos os que participaram, porém se o projeto tivesse interagido com todos teria sido mais legal, que tivesse sido uma coisa obrigatória.

La= eu achei que quando eles vieram aqui no colégio não teve muita interação...

J= Quando a gente foi na aldeia, eles interagiram com a gente. Eu esperava que todo mundo aqui na escola interagisse com eles, mas eu acho que teve essa questão de preconceito aqui na escola. Ficou pouca gente ajudando... pras pessoas se conhecer... acho que eles ficaram meio intimidados. Se a gente se soltasse um pouco mais e as aparências enganam, a gente parece que... a gente é “*metido*” mas eu fiz amizade com umas meninas do CEU e depois chegou gente da aldeia, e acho que foi super legal. O pessoal que a recepção aqui não foi muito boa... teve mais preconceito.

B= aqui foi tudo “organizado” (ironizando) tem um “roteiro de atividades”, horário pra tudo... do meio dia à uma vocês vão comer... da uma a uma e meia vocês vão brincar (risadas). Conhecemos muito a escola, quantos andares, quantos livros na biblioteca... eles (o CEU e os índios) foram mais simples. Acho que o CEU foi mostrando a escola também só porque a gente fez.... eu acho.

O Colégio não participou dos últimos encontros, teve re-encontro no CEU e na aldeia e vocês não participaram... quero saber porque vocês acham que aconteceu isso?

Todos= Injustiça!

L= Por que que a escola não foi nos últimos dois encontros, se a escola fez isso acho que é problema da escola! A gente fez um projeto... cabe a gente seguir o projeto até o final. Agora... ninguém sabe muito bem de por que aconteceu isso... eu “chuto” que uns não podem... outros não podem pagar... que a aldeia não podia ir lá no CEU, meu! Se a aldeia não podia ir Passionista não tinha nada a ver com isso!

J= Eu não sabia que iam ter outros encontros.

La= Eu também não!

J= Acho que é como ela disse, o projeto devia ter ido até o final, eu adorei e pensei que ia ter uma continuação de tudo isso. Eu fico muito triste de saber que teve outros encontros e a gente não participou, não avisaram.... ah! Eu fico chateada.

La= Eu falei pra professora “*E aí? Não vai ter mais (encontros)?*” e aí ela falou assim “*não, vai ter mais*”, mas e como é que só teve três encontros?

A= Eu tava falando com a R (educadora do colégio) e me disse que não dava porque o ônibus era muito caro, que o CECI não tava podendo participar esse dia, que depois tinham conseguido uma Van fazendo uma vaquinha, mas que como já tinha sido cancelado conseguir outro ônibus era muito caro então que não deu pra ir mesmo. Ah! Tem um monte de perua aqui, podia pegar qualquer uma dessa e... resolver.

La= Aquilo que ele comentou de que o ônibus é caro... a gente pagou pra ir! Então por que é que não podia?

B= Eu fiquei sabendo também que tinha sido por esse problema do ônibus, mas depois a C (outra educadora) me disse que não dava porque o Paolo tinha avisado muito correndo... e a gente não deu. E eu fiquei chateada porque inclusive escrevi uma carta pra eles (para as crianças do CEU) dizendo que eu ia estar lá em todos os encontros então imagina quando a criança pegar essa carta em que eu prometia que eu ia e não fui. Então... eu vejo que a escola tem a ver também... teve semanas assim com muitos projetos e acho que isso não era necessário e eles (o colégio) estavam preocupados dos projetos deles e não com o que estava acontecendo lá fora.

Finalmente, quais são as lembranças ou lições mais importantes que este projeto deixou pra vocês?

L= Ainda assim seria muito legal a gente se reencontrar novamente, seria muito bom.

A= Lá na aldeia eu tirei umas fotos de uns indiozinhos se balançando... mas a lição mesmo que eu aprendi é... de acordar pra vida, que nem na aldeia, eles não tem quase nada mas tão felizes, se contentam com tão pouco e a gente aqui... tãa no luxo aqui. É isso.

B= Eu lembro daquele momento na aldeia, quando a gente fez aquela dança com todo o pessoal das três escolas... foi muito legal, essa integração, todos éramos iguais.

La= Eu lembro da comida deles, daquela coisa que a gente experimentou, foi muito bom! Eu aprendi que... pode ter várias diferenças assim, mas ao mesmo tempo e tudo mundo igual.

J= Também fico com esse momento da dança porque primeiro eles apresentaram pra gente, e depois eles chamaram a gente pra dançar... com eles! Foi muito bonito! Eu aprendi que eles ficam contentes com tão pouco e a gente aqui sempre quer mais... eu aprendi a ser mais simples, a respeitar mais os outros... porque às vezes eu fazia comentários assim desnecessários, e vi que não precisa disso.

L= A imagem que guardo é esse momento em que atravesssei o portão do CEU e uma menina me foi abraçar e meu! Lembrava meu nome! Eu era alguém na vida dela... muito legal! Tanta gente que lembra meu nome e nunca me importei, mas com aquele meu nome eu me importei muito! E a grande lição é que todos os seres humanos são maravilhosos que tem sempre algo a nos passar e a nos acrescentar. Essa foi minha grande lição.

Imaginem que em 2010 a gente pudesse fazer de novo o projeto... e vocês pudessem pedir um desejo para este projeto, o que pediriam?

J= Que tivessem vários encontros... e não gostaria que o projeto acabasse e acabou o contato com todo mundo, eu diria que tivesse um modo de comunicação entre a gente, porque foi muito legal.

L= Um show do “teatro Mágico” lá no CEU... porque eles gostam também então... seria isso.

B= As reuniões poderiam ser em um lugar diferente, não só dentro das escolas poder ir a algum lugar diferente... por exemplo... shopping, horto forestal, zoológico, em algum lugar.

Que interessante o que você está falando, pois uma das propostas que surgiu lá nas entrevistas no CEU e na aldeia foi fazer um campamento na mata de dois ou três dias na mata pra conhecer o verdadeiro modo de vida Guarani, na mata!

Grupo= Ó!

La= Que bonito, mas eu não iria... (não?) porque eu já tenho alergia de mosquito imagina eu lá na mata! (risadas)

A= Meu sonho é parecido com a B, vamos reunir todo mundo, vamos pra um lugar diferente, conviver com a vida assim entre nós... um piquenique...

B= Lá no (parque) Ibirapuera...

Grupo= eee! (aprovando a idéia)

Pessoal, muito obrigado da minha parte, pelas suas valiosas palavras, e confirmar minha intuição que tinha uma turma que realmente tinha vivido intensamente esta experiência... valeu!

Grupo= Obrigado!

Entrevistas PÓS MACHUCA
ALDEIA GUARANI do JARAGUÁ
Terça feira 17/11/2009

As pessoas entrevistadas na aldeia Guarani são as seguintes:

Po= educadora da escola Djekupe, 32 anos, participou das entrevistas de maio de 2009.

Al= Liderança da aldeia Tekoa Ytu, 50 anos, participou das entrevistas de maio de 2009.

W= Liderança da aldeia, educador do CECI, 31 anos.

C= Aluna de 6ª série escola Djekupe, 13 anos, participou das entrevistas de maio de 2009.

Jo= Aluno de 5ª série escola Djekupe, 12 anos.

Primeira entrevista: Po

Agora vou perguntar novamente as mesmas questões que fiz a você da primeira vez, lembra?

Po= Sim.

Então, só pra saber se mudou alguma coisa, pergunto de novo, o que você entende hoje por Ecologia?

Po= Mmm... é a preservação do meio ambiente... cuidado da natureza.

O que é pra você a Cultura da Paz?

Po= Acho que é quando a gente trabalha com as crianças e a comunidade, pra uma vida melhor, pra tolerância, respeitar uns aos outros, conhecer os outros... eu acho que este projeto, tem tudo a ver, porque quando as pessoas, as crianças, conhecem uma outra realidade ela passa a compreender e você já entra na tolerância, entra no respeito... já desfaz mitos e preconceitos.

E sobre a desigualdade social?

Po= Não sei se vai ter diferença com o que eu falei da outra vez... mas eu acho que a desigualdade social ela é bem grande, por exemplo nossa escola é pequenininha só tem

duas salas, a escola do Passionista é enorme, não é duas salas tem é dois prédios! Salas espaçosas tem bastante equipamento...

O que você pensa hoje do pessoal do CEU Parque São Carlos?

Po= Não sei se mudou... eu sei que a escola Passionista esta bem perto do que eu imaginava, bastantes recursos, muitas crianças... o CEU, a escola do CEU também é espaçosa...

E sobre as pessoas, professores, os alunos?

Po= As professoras (CEU) são pessoas dedicadas, que tem um envolvimento social... que tem a educação como uma ideologia mesmo...

Você percebeu diferenças entre a comunidade do Passionista e do CEU?

Po= O mais interessante quando a gente foi pra escola passionista foi que a gente tinha ficado um “muro invisível”, as crianças indígenas de um lado e as crianças não indígenas do outro... meio que como se tivessem realmente separadas... a gente só sentou e ficou esperando que alguém viesse pra falar com a gente.

O que você pensa hoje sobre um grupo de pessoas ricas?

Po= Pessoas ricas são pessoas que tem dinheiro, mas não só... porque existem vários tipos de riqueza. Tem a riqueza de felicidade, a pessoa pode ser feliz sem ter muito dinheiro. Riqueza de conhecimentos... de amigos, ser reconhecido.

E uma pessoa pobre?

Po= A pessoa rica pode ser uma pessoa pobre de espírito... pobre de valores, então é um conceito bem abrangente. Por exemplo uma pessoa que tem dinheiro mas não valoriza o próximo, não respeita, não tem consideração... não tem a capacidade de se colocar no lugar de outra pessoa e saber do sofrimento que ela esta passando...

Nessas categorias (pobreza e riqueza) onde você coloca a sua cultura Guarani?

Po= Pobre de dinheiro... mas rico em conhecimento, rico em respeito, rico em cultura, rico em tradição... pobre de recursos naturais, humanos, falta professores, falta médicos né? Pobre de saneamento básico... tem dos dois...

Onde você colocaria o Colégio Passionista e o CEU São Carlos?

Po= O Passionista é uma escola rica em recursos, materiais, no seu tamanho... pode se dizer que as crianças são ricas em dinheiro,mas não posso afirmar... se pensa que é um colégio pago... existe lá, eles são católicos e tem uma cultura... sua tradição... enquanto o CEU ele é rico também em estrutura, ele é grande, né? Agora os alunos são pobres em dinheiro,a gente percebe que eles são mais simples, né? Economicamente são um pouco mais pobres... mas o CEU com uma estrutura muito boa, quase que igualando a estrutura do Passionista... por exemplo no CEU tem piscina, teatro mas que no Passionista não tinha poltrona, sei lá... nesse aspectos o CEU está até melhor que o Passionista... Mas a gente que eu conheci lá, são carinhosas, próximas, cultivam uma amizade com a gente... e me parece que isso com as crianças do CEU foi até mais fácil que com as crianças do Passionista.... Acho que existe uma afinidade, porque as crianças indígenas e as crianças do CEU são crianças que passam a mesma realidade... tirando o aspecto cultural, né? Tradicional, são crianças pobres, crianças que vem de uma comunidade, que se junta pra lutar pelas coisas... existe mais afinidade que com as crianças do Passionista, porque não sei, o quanto é trabalhado com eles o sentido do coletivo... acho que é mais trabalhado o sentido individual...

Se você pudesse resumir o que é que esse projeto deixou pra você, o que é que você aprendeu com este projeto?

Po= Eu acho que o mais legal é o quanto que as crianças têm a capacidade de crescer, sabe? As crianças são como passarinhos ou você dá a liberdade e asas pra ela voar ou você põe elas numa gaiola... e é muito bonito ver elas se desenvolvendo, assim as reportagens, quanto melhorou o desenvolvimento delas...demonstraram mais a sua personalidade... elas em geral são muito tímidas, muito quietinhas, né? mas é só dar um pouquinho de espaço e deixar elas se sentir um pouco mais a vontade que elas mostram ao que vieram...

Se você pudesse pedir um desejo para 2010 para este projeto... o que pediria?

Po= Eu queria que o projeto fosse desenvolvido aqui na aldeia novamente e de maneira mais abrangente, este ano a gente ficou mais na cobertura, nas reportagens, queria que no ano que vem a gente fizesse outros programas, e tentar fazer realmente uma TV e que os professores usassem de maneira mais didática na sala de aula...

Muito obrigado.

Po= Tudo bem.

Segunda entrevista: Al

Vou perguntar novamente questões que fiz a você na primeira vez, lembra?

Al= Sim.

Então, só pra saber se mudou alguma coisa, pergunto o que você entende hoje por Cultura da paz?

Al= Eu entendo... as duas culturas assim, se entendem..

Aqui no Brasil?

Al= Acho que no nosso Brasil inteiro existia muito desunião, o pessoal não se unia... mas hoje fico pensando, porque eu já estive na escola lá no CEU Parque São Carlos e pensei que as nossas crianças de hoje, tanto as indígenas, como as não indígenas, elas estão pelo caminho que pode ser mais unido do que antes... agora nossos antepassados não fizeram isso, tanto do lado do índio como do não índio... assim eu vejo... Este projeto ajuda... esse é o caminho e a gente tem que continuar... Eu faço parte da liderança e gostaria que essa cultura diferente se une, se procure assim isso vai depender dos professores, de pessoas adultos.. porque a nossa cultura é muito valioso, pra quem pertence à cultura indígena e pra quem não pertence também é importante.

Porque dentro do nosso conhecimento a gente tem assim médico, parteira, pajé... e no mundo do não índio também existe, existe padre que cuida da parte de religião, tem os professores, tem médico, enfermeira, tem parteira... eu acho que é bom a gente procurar se entender, se unir, e eu acredito que com contato que a gente tem com algumas escolas, eu acredito que daqui a um dia a gente se entende...

O que você pensa de desigualdade social hoje no Brasil?

Al= ... (pensando) Acho que... como que a gente entende... quando existe a natureza e existem vários seres vivos que existe aqui na terra, então eu acho que é igual ao ser humano... então, tem que respeitar uns aos outros porque pra não chegar nesse ponto de desigualdade...

Mas existe desigualdade?

Al= Existe, eu acho que sim..

Um tipo de desigualdade que as pessoas falam são pessoas pobres e ricas... o que é pessoas pobres e pessoas ricas pra você?

Al= Essa pessoa rico assim... não valoriza assim a pessoa que não tem mais... e essas coisas acontecem assim porque muitas vezes uma família tem carro... do ano, casa, rádio, computador, móveis, e então essas coisas já... mas acho que se a gente vê assim dentro do espírito da pessoa, se a pessoa estiver com saúde então essa é uma forma que a gente se sente, e nós (Guarani) somos rico, não de material, mas sim... de espírito... somos ricos.

O que você pode falar sobre o Colégio Passionista e o CEU Parque São Carlos?

Al= Eu da minha parte... eu parabenizo aos dois lados, tanto a escola particular como o CEU porque eles estão... se unindo... eles podem aprender, podem se conhecer, conversar, podem... brincar junto, e aí eu não vejo muito assim preconceito... eu gosto muito assim.

Especificamente, qual é a impressão que você teve do Colégio Passionista?

Al= Acho que nós temos incentivar para que eles possam valorizar qualquer espaço... e quando visitei o CEU... eu vi muitas coisas ali que nós não temos aqui dentro da nossa escola... e essas coisas eles vão estar aprendendo... computadores, várias coisas... e então hoje em dia a gente luta pra que a gente possa estruturar melhor o nosso espaço... porque nós temos que conhecer também como é que funciona o mundo da civilização.

Pensando nos encontros entre estas três escolas... e se você pudesse pedir um desejo para 2010 para este projeto... o que você pediria?

Al= Eu gostaria que fizesse mais encontros, reuniões, visitas, tanto das nossas crianças indígenas e também não indígena, a gente gostaria de receber eles na nossa aldeia pra ver o nosso costume, nosso jeito de viver assim... de perto.

Muito obrigado.

Al= Obrigado.

Quarta entrevista: W

Queria saber sobre o que você conhece ou ouvir falar de Cultura da Paz?

Al= É um momento de você conhecer um grupo... com cultura diferente, com hábitos diferente... pra você ter mais respeito assim com eles... a gente tem que conhecer e respeitar ainda mais essa cultura diferente.

E hoje no Brasil? Como você vê que está a cultura da Paz?

W= No Brasil tem várias culturas... e algumas não são respeitadas, algumas por enquanto estão sofrendo discriminação e... acho que a cultura da paz no Brasil precisa de mudar bastante ainda.

Alguma solução que você imagine?

W= Primeiramente ter contatos... a principal ação, porque se eu não conheço uma etnia, o pessoal da Amazônia, por exemplo pessoal Krenak vou ter que entrar... ter um encontro, fazer uma pesquisa pra gente conhecer e poder respeitar mais essa etnia. E igual com o pessoal Juruá (não indígena)... então é como uma troca, quando a gente visita outras etnias,

inclusive se é da mesma etnia Guarani... a gente leva as crianças pra lá, se lá tem mais natureza, mais recursos naturais, pra que eles conheçam, eles entendam mais a realidade dessa comunidade que vive lá... É uma troca.

O que é pra você desigualdade social no Brasil?

W= Na minha visão são aquelas pessoas que tem mais recursos e as pessoas que não tem recursos... as crianças que estudam num lugar melhor, outras... estudam num lugar mais simples.... no Brasil... a gente precisa melhorar na parte das desigualdades...as pessoas que vivem nas periferia, como os indígenas... tem que ter mais igualdade... que aqueles que tem mais renda. Precisa mudar... assim como as pessoas com a renda mais alta, que as crianças também possam freqüentar essa faixa...

O que é pra você, o que define quando a gente fala de pessoas Pobres e pessoas Ricas?

W= Pessoas ricas... são pessoas que tem, que hoje vivem numa posição de agrado, tem acesso a tudo que a pessoa de baixa renda não tem... por exemplo, na periferia dificilmente uma pessoa tem acesso a um carro e já a outra pessoa tem... um modo de vida melhor. Mas no nosso entender indígena... só tendo dinheiro, coisas boas, não é bom... No nosso entender, aqui você já é rico, em todos os sentidos... se não tem bens materiais, mas você está ali sempre lutando, então você está rico de saúde, de saberes que você tem... no nosso caso, a gente... quase não tem nada (material), mas a gente tem muita sabedoria, e a gente busca essa sabedoria com as pessoas mais velhas que é rico em sabedoria, que nos passam a quem é menos favorecido... mas você busca esse conhecimento... e você tendo conhecimento é muito mais importante que ter dois, três, cinco carros...

O que seria então uma pessoa “pobre”?

W= Quando você fala em pobre, você já pensa assim... “*ele não tem nada!*” e isso, eu me sinto que... pobre mesmo, no nosso conhecimento não existe... mas, a gente tem que ter uma ação pra que isso não aconteça, pra... se alimentar melhor, pras crianças ter mais saúde... e pobre mesmo, é uma coisa que você não tem nada, nada... nem saberes. É como se fosse um rio... a gente vê tanto rios bons como rios pobres, por que, porque é a pessoa que faz isso, e fala assim, “*esse rio é pobre!*”, não tem oxigênio, não tem nada, não esta preservando aquilo...

Agora falando sobre os encontro, o que você pode falar sobre as três escolas, o Colégio Passionista e o CEU Parque São Carlos?

W= Primeiro... é que eu fiquei surpreso assim... a escola que mais chamou minha atenção foi o CEU São Carlos, que é uma escola que tem uma ação com as pessoas que moram ao redor... na periferia... visualizei ali uma coisa importante, que eles são bem simples igual a gente... que lá é quase como se fosse uma aldeia, com as crianças brincando, que vem a conversar com a gente e quando eles vieram aqui... aconteceu isso também... Então, quando eu fui lá... o modo de vida... a gente não compara que alguém é melhor que o outro... mas, a gente até comentou aqui na volta... com os educadores, que eles, as crianças, as pessoas são bem simples, mas... são ricos em alegria, as crianças todas rindo, brincando e.. é isso que é bom. Aqui mesmo, as crianças vem, brincam, pulam... e é isso que é bom, importante, a conversa com eles.

E o pessoal do Passionista que você conheceu aqui na aldeia? O que você sentiu?

W= a visita deles também foi importante... como eles vivem numa escola totalmente diferente, né? No nível de renda, mas quando eles vieram aqui eles não demonstraram isso. Isso foi uma coisa boa.

Se você pudesse resumir o que é que esse projeto deixou pra você, como educador o que aprendeu com este projeto?

W= O projeto ele foi importante em todos os sentidos, as nossas crianças só tinham contato quando a gente tinha alguma apresentação e esse projeto... não fez dessa forma... a gente foi lá visitar, o espaço do Passionista o espaço do CEU... então acho que o projeto trouxe uma... coisa importante pra nossas crianças... o projeto demonstrou esse caminho de estar fazendo encontro entre as escolas. E a gente até estava comentando, que poderíamos ter mais ações de encontro entre as crianças para eles ter mais conhecimento...

A gente tem alguns projetos no CECI de estar fazendo uma trilha, não aqui, mas na outra aldeia... então acho que a gente poderia ter uma ação sobre isso... pra gente demonstrar nossos conhecimentos... quando se fala em natureza... as crianças que não são indígena estão lá na cidade, no caso do Passionista, no caso do CEU São Carlos que a pesar de estar na periferia eles ao tem conhecimento de como é uma cachoeira, de como é um rio... tem rio lá, mas... poluído... então, comentei que eu achava que a gente podia pensar numa forma de juntar os grupos e poder mostrar o nosso modo de vida, do jeito nosso, a gente pode estar ensinando como que faz uma armadilha...

Quando se fala em periferia... a gente ouve tanta coisa, vê na mídia, que “aconteceu isso na periferia” e também com outras pessoas que... tem... uma renda mais... favorável. Então a gente pensa do não índio, na nossa visão... que “o Juruá sempre faz maldade!” ... a gente tem essa visão, e o não índio também tem essa visão sobre a gente... e quando a gente se conhece aí sim, a gente tem outras idéias, outro olhar... Por que não então fazer um projeto pra juntar os grupos e fazer uma trilha... Conhecer as riquezas da natureza... aqui não tem quase, né? Mas, na outra aldeia, tem... a outra vez que a gente foi, as crianças brincaram, nadaram, pegaram camarão... e dormindo lá uns três dias... Agora quando falamos em “passeio”, a gente não coloca nas crianças aquilo só de ficar brincando, brincando... aí tem um momento em que você tem que sentar com elas e discutir da importância do que você esta fazendo... né? Na noite a gente foi todos pra casa de reza... e o Xeramoi (Pajé) fez uma oração para todos nós que chegamos e a cerimônia foi ate umas onze horas. Pra eles ter noção da importância de agradecer, do momento em que eles estão brincando e se divertindo, mas chega um momento em que você tem que agradecer a Nhanderu (Deus) que amanhã vai ser outro dia.

A gente pensa assim, que a gente está com as crianças... e então a gente pensa em trazer sabedoria espiritual pra poder repassando para eles... por isso que a gente envolve tudo. No nosso conhecimento é importante... dentro do nosso conhecimento como do conhecimento Juruá, que é... aprender a ler e escrever. Mas, pra a gente buscar o conhecimento espiritual você tem que obter de um outro lado, já não é mais do lado material... isso fortalece a quem está ali ensinando.

Aproveitando que você tocou no assunto, tem gente não indígena que pensa que vocês são um povo “muito religioso”. Mas eu fico pensando se será a mesma coisa falar de espiritualidade ou de religião, da maneira que os Juruá entendem a religião?

W= No nosso conhecimento é totalmente diferente no caso da espiritualidade... a nossa religião é vista assim (pelos não indígena) ... como se fosse um católico... e... tem pessoas

Juruá que falam “*eu freqüento lá, vou ter que ir no domingo porque tenho que ir numa igreja*”, mas... no nosso conhecimento... em todos os espaço que a gente usa ao redor da aldeia, a gente tem acesso à espiritualidade. E tem o *Opy* (casa de reza)... eu vou falar a verdade, eu não freqüento muito, mas... eu sei que é importante. O Xeramoí fala que o *Opy*, né? É o lugar onde você vai buscar a visão do seu interior... mas em todo lugar que você anda e você vai... tem um espaço pra buscar esse conhecimento.

O Juruá não, pra ele tem que ser num lugar específico...

Mas não é fácil pros Juruá entendermos isso, porque nós falamos de religião e não é a mesma coisa...

W= A gente fala *OrereKo*... é igual a educação, cultura, naquilo que a gente acredita, dança, cerimônia... e a espiritualidade envolve tudo.

Porque é assim, o tronco, o que nos fortalece é essa coisa que o não índio fala de religião né? E a gente fala de *OrereKo*... se a gente estiver fraco no *OrereKo*... ouve vários acontecimentos, com os Tupi Guarani... eles ficaram fracos no *OrereKo*, aí se espalharam, a uns trinta quarenta anos atrás... agora eles estão tentando se juntar e ouve uma movimentação dos Xeramoís (Pajés)... e eles disseram que primeiro você tem que fortalecer o *OrereKo*, porque se você perder isso.. você perde tudo!

Quando a gente faz uma palestra com as crianças, com os jovens, com os adultos, a gente pensa primeiro no *OrereKo*... dali a importância, né?

Quando se fala de educação, de cultura, do *OrereKo* envolvendo tudo isso... a coisa é bem simples, é tendo respeito... porque se eu vou chegando na sua casa, eu tendo respeito vou aprender de você e você aprende de mim... e os Juruá, não fizeram assim muito tempo atrás. Eles acharam que eram o “senhor dos conhecimentos” e hoje, eles estão vendo o que eles fizeram, com a natureza, né? Então, primeiro a todo lugar onde você vai, lembrando das viagens que a gente faz, você tem que entrar em todo lugar com respeito, e a gente... demonstra isso pras nossas crianças. Então se você entrar numa mata, você tem que pedir permissão, se você quer nadar numa cachoeira tem que pedir permissão, e isso... é ter respeito. Se você não fizer isso... isso não é bom. E isso, quanto seres humanos também. A gente fala pras crianças que quando você chega numa casa você fala “bom dia”, você entra e senta... isso que elas fazem.

Isso que alguns dos meus alunos fazem quando vão em minha casa... primeiro chega na porta, se tá fechado eles batem... e depois sentam num cantinho e a gente conversa... se eles quiserem fazer um passeio fora do meu horário pro parque eu levo eles e... acho que muitas pessoas perderam isso né?

W, e se você pudesse pedir um desejo para 2010 para este projeto... o que você pediria?

W= Então, minha idéia pro ano que vem é a gente poder fazer uma caminhada (com as escolas) como esta semana que a gente foi pra outra aldeia... nós chegamos, dormimos lá uns três dias, foi muito bom... ouvimos palestras do Xeramoí a respeito da natureza... as nossas crianças que vivem aqui numa aldeia tão próxima da cidade, elas chegam lá e ficam surpresas com tanta mata, com os passarinhos cantando, ficam impressionados... então, se for possível a gente leva também um jornalista pra mostrar isso.

Valeu. Eu te agradeço pelas palavras e por esta entrevista.

W= Awe'te.

Quinta entrevista= Jo

Um primeira pergunta, você sabe ou ouviu falar de Ecologia?

Jo= ... não sei.

O que é que você imagina que é Cultura da Paz?

Jo= mmm... cuidar do meio ambiente... não poluir as águas.

O que você pensa que é desigualdade social?

Jo= Não sei...

Vou te ajudar um pouco...(alguns exemplos)?

Jo= Eu vi isso na África do Sul... porque algumas pessoas moram em casas e outras não.

E pobreza? Já ouviu falar? Existem pessoas pobres? Como elas são?

Jo= Eles não tem casa e não sabe onde morar, moram na rua ou dentro de uma lata de lixo.

Como seria uma pessoa que quando cresce ela está bem com a vida?

Jo= Gostaria de viver como um cientista... estudar sobre os planetas.

O que você pensa das escolas que a gente conheceu, o Colégio Passionista?

Jo= Gostei muito deles, e gostei de... jogar bola.

E do pessoal do CEU Parque São Carlos?

W= Lá é muito legal, tem muita criança que estuda... gostei da escola.

Alguma coisa que você não gostou de lá?

Jo= Eu vi umas pessoas... brigando.

O que você aprendeu com este projeto?

Jo= Eu achei legal estar com ele e assistir cinema...

Imagine que você pudesse realizar um sonho pra este projeto no ano que vem?

Jo= Eu gostaria de... fazer entrevistas no ano que vem, no colégio Passionista e no CEU.

Então, muito obrigado.

Jo= Ta bom.